

VERA LÚCIA
MARINZECK
DE CARVALHO

Ditado pelo Espírito PATRÍCIA



O voo da gaiivota

Continuação dos livros *Violetas na janela*, *Vivendo no mundo dos espíritos*
e *A Casa do Escritor*

petit®



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O VÔO DA GAIVOTA

O vôo da gaivota / Patrícia ; psicografia de Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho. – São Paulo Petit, 1996.

Palavras De Um Amigo

Patrícia, nossa jovem escritora, que nos tem presenteado com sua literatura simples, sincera, que nos traz bons e profundos ensinamentos, vem novamente nos brindar com mais este livro.

Fala-nos da caminhada em que assume novas e diferentes tarefas, do seu desprendimento e desaparego.

Patrícia trabalha e estuda no Plano Espiritual, mas aceitou mais esta tarefa de escrever aos encarnados, na intenção de alertá-los quanto ao engano de cultuar personagens famosas. A Doutrina Espírita não está nas mãos de poucos, sejam encarnados ou desencarnados. São muitos os espíritos que trabalham para o Bem da Humanidade.

A nossa alegre escritora, na sua humildade, se acha pequena, mas com vontade de aprender, não querendo que a cultuem e que lhe dêem maior valor do que se acha merecedora.

O enredo deste livro é muito interessante. Participando do socorro a um desencarnado toxicômano, ela nos narra importantes fatos que trazem muitos esclarecimentos sobre o prejuízo causado pelos tóxicos, o grande mal da atualidade. O desenrolar atraente desta história faz deste livro mais um marco na Literatura Espírita. Antônio Carlos

Índice

Introdução	11
Assumindo uma Tarefa □.....	13
Ouvindo uma História	17
Colóquio Interessante	31
Amor e Desapego	37
Um Pedido Diferente	46
O Mandante do Crime	55
Túnel Negro	65
Na Sala de Aula.....	72
Desencarnações	77
Numa Reunião Espírita.....	90
Recuperação dos Socorridos..... □	
Natan	106
O Médico Nazista.....	115
A História de Elisa	127
O Vôo da Gaivota	135

Introdução

Quando encarnada, por muitas vezes olhava maravilhada as gaivotas voando. Encantava-me com seus vôos, que me transmitiam a sensação de liberdade. São tão livres! À tarde, andando pela praia, acompanhava suas movimentações pelos ares. Livres e felizes, faziam acrobacias oferecendo um espetáculo de rara beleza.

O espaço imenso é o ambiente preferido das gaivotas. Mas elas não podem deixar de pousar na areia da praia, para completar a alimentação necessária à manutenção do seu corpo.

Mesmo pressentindo a possibilidade de encontrar predadores inimigos, essa corajosa ave não se intimida e, muito vigilante, pousa na praia. Se falhar na sua precaução, infeliz terá sido sua descida, pois será presa fácil de algum inimigo natural. Se cuidadosa e atenta, feliz será seu pouso. Pegará o que precisa e novamente alçará vôo, ficando na areia, até a próxima onda, apenas a marca de seus delicados passos, a indicar que ali passou uma gaivota, realizando com prazer e alegria a função de viver e participar, com a vida, do anseio de ser e existir.

Sabendo que venho raramente ao plano físico, naquele dia Elisa me comparou com uma gaivota.

- Gaivota, por que desce à Terra? Procura alimento?

Não respondi de imediato. Olhei para a amiga que me viu como tão belo pássaro. Seus olhos negros, meigos e bonitos brilhavam. Sorri. Seu sorriso maravilhoso contagiava

Aqueles que a rodeavam, além de deixar à vista as fileiras de dentes perfeitos. Elisa é uma negra linda, a beleza dos seus sentimentos mostra e embeleza ainda mais seu perispírito.

Fiquei a pensar no que me levava a voltar à Terra. O que estaria fazendo ali? Ajuda? Tarefa?

Trabalho? O Bem que fazemos é um crédito, uma necessidade ou um alimento?

Voltei(1) e vi que a gaivota deixou marcas dos seus pezinhos no chão arenoso. Voltei o pensamento ao passado recente e me certifiquei de que, ao tentar ajudar os que ficaram na Terra, acabei por fazer muitos afetos. O Bem realizado deixaria marcas?

(1) - Volitar, na literatura espírita, é a denominação do ato de os espíritos pesencarnados se movimentarem no espaço, quando o fazem sem que os pés toquem o chão. Nos livros espíritas, principalmente nos do espírito André Luiz, há incontáveis exemplos nesse sentido. (Nota da Autora Espiritual – N.A.E.)

Assumindo uma Tarefa

Encarnados nossas ações estão condicionadas a um fim pessoal, qual seja a aquisição monetária ou um diploma que nos habilitará a exercer funções bem remuneradas entre nossos companheiros de caminhada. Aqui, no Plano Espiritual, para aqueles que compreendem e vivem a unidade do Universo, trabalhar ou estudar não significa oportunidade de remuneração pessoal, mas sim ocasião propícia para não ficar à margem da evolução. A beleza da existência está na sua dinâmica atividade. Ela nunca é monótona. A vida se parece com imenso rio que, apesar de estar no mesmo lugar, nunca é o mesmo, pois se renova a cada segundo. Nossa personalidade é, por natureza, ociosa. Se não acordarmos para uma melhoria em nossa maneira de ser, correremos o risco de ver o rio da vida passar

e ficarmos à sua margem, perdendo a oportunidade de irmos juntos daqueles que com ele caminham rumo ao infinito. Aceitar novas incumbências de trabalho, de maiores responsabilidades, é motivo de alegria para todos nós que desejamos participar, em nome de Deus, da manutenção e do progresso de todos os seres humanos. Fui chamada a lecionar num curso de Reconhecimento do Plano Espiritual, no qual a professora titular, Marcela, se ausentara porque havia também aceitado incumbência de trabalhos superiores. Apesar de feliz por ter sido lembrada, e radiante por me sentir útil, não pude deixar de ter momentos de preocupações, pois estariam vários espíritos sob minha responsabilidade.

Como de outras vezes, fui em busca de conselhos de meus amigos. Ao ver Maurício, dirigi-me alegre ao seu encontro.

Meu amigo sorriu. Como é agradável vê-lo assim. Sempre me lembro de seu doce e confiante sorriso. Respondeu aos meus anseios, tranquilo, transferindo-me belos ensinamentos.

- Patrícia, como começa o aprendizado de um professor universitário na Terra? Nos primeiros anos escolares, aprende as primeiras letras. Estudioso, cursa todas as séries exigidas.

Um dia, a escola terrena dá por encerrados seus estudos e o classifica apto a lecionar - às vezes até na própria escola em que se preparou. Se for sensato, reconhecerá, com certeza, que sabe apenas "o razoável" do assunto em que se especializou e, então, continuará estudando a vida toda. Mas o conhecimento adquirido é patrimônio seu, conseguido por seu esforço. Querendo lecionar, pode e deve fazê-lo, porque muitos nem têm este saber que você considera moderado. E felizes os que passam aos outros seus conhecimentos.

Quantos se indagam: terei capacidade de lecionar? Se têm conhecimento da matéria em questão, terão capacidade, sim. Aqui também é assim. Todos temos que aprender para saber. Que tristeza seria sentir que não há mais nada para aprender. O aluno não deve ficar muito tempo na mesma série. Seu estudo deve render até que passe de aluno a mestre.

Tenho acompanhado seus estudos: você aprendeu com amor e já está apta a ensinar o que adquiriu.

- Mas, Maurício - insisti -, e se não estiver?

- Está! O que pensa você que é um instrutor aqui no Plano Espiritual? É somente um espírito dedicado, estudioso, que começou seu aprendizado como todos. Não se deve ser avaro de conhecimentos, não se julgar incapaz e nem ser presunçoso com o que pensa saber. Necessário e indispensável é o bom senso; porque através dele temos a exata medida de nosso cabedal, sem entretanto chegar à vaidade. Depois, Patrícia, não se devem querer sumidades para ensinar, mas sim querer os que transmitem com amor os conhecimentos que possuem.

Se a chamaram, é porque a julgam apta. Aqui não existe o "jeitinho" que leva muitos a terem cargos imerecidos. Depois, os cursos vêm prontos à sua mão. E verdade que terá de responder a muitas questões. Confio em você. Aceite o encargo e tire bom proveito da experiência.

Também fui conversar com vovó Amaziles. Gosto muito de visitá-la e a suas amigas, de suavizar a saudade que sinto da casa em que moram e que foi minha primeira acomodação, após a desencarnação. Após os abraços, falei da minha dúvida.

- Patrícia - respondeu vovó -, esse curso é muito importante. Nele se aprende muito do Plano Espiritual, na teoria e na prática. Aquisição teórica ou intelectual são apenas arquivos de informações e conhecimentos. As excursões feitas durante o curso são a vivência do fato. Com compreensão, todo aquele que viveu sabe como tomar a melhor atitude diante de cada problema. A intenção do curso é que todos que o freqüentem, tenham esta compreensão. Pois somente a vivência desses fatos ou conhecimentos será transmitida às nossas células perispirituais e, conseqüentemente, impressionará as células físicas. E, quando reencarnarmos, essas vivências aflorarão em nossa mente como dom nato ou como mente inconsciente.

Aceite, você é capaz! Você tem estudado tanto! Coloque em prática o que aprendeu e ainda aprende.

De Antônio Carlos, ouvi:

- Não fazer, por julgar-se incapaz, não é aceito como desculpa nem aqui no Plano Espiritual, nem como encarnado. Se não é, torne-se. Todos somos capazes. Principalmente, se não nos é exigido o impossível. Agiu certo, de modo prudente, consultando os amigos. Quando nos sentimos inseguros, devemos pedir opiniões a amigos que consideramos, e por quem somos considerados. Com as sugestões recebidas, devemos então optar pelo que é melhor para nós mesmos e para os outros. Não é certo fazer o que não somos capazes, no momento. Às vezes, imprudentemente, prejudicaremos a nós e aos outros, fazendo algo por ambição, poder e vaidade. Não é o seu caso. Aceite e lembre-se: aprendemos muito mais quando transmitimos conhecimentos.

Também me aconselhei com papai e dele recebi preciosa lição.

- Filha, a vida sabe melhor o que é bom a cada um de nós.

Estamos sempre sendo convidados a assumir alguma tarefa.

Para mim, o melhor lugar é aquele em que somos mais úteis.

Ao esquecermos de nós mesmos, vivendo entregues ao bem alheio, criamos condições para que Deus possa agir através da nossa humilde personalidade. E, nunca se esqueça, tudo o que fizer, faça bem feito.

E, ali estava eu, numa sala de estudo, ministrando uma aula sobre as Colônias. Sentindo-me perfeitamente à vontade.

A sala apresentava-se muito agradável. Talvez não tivesse tanta beleza para os outros, a mesma beleza visível para mim. "Lugar de ensino deve ser um lugar diferente. O local onde se aprende precisa ser respeitado como um templo", dissera uma vez um amigo.

Concordava com ele. Todas as escolas deveriam ser educandários, que preparam para a vida útil. A classe era pequena, tinha uma lousa e mesinhas confortáveis, e duas grandes janelas com vista para o jardim que contornava a escola. O que a tornava tão agradável para mim era que ali nos reuníamos para estudo. E aprender ensinando me fascina.

- Por que esta Colônia tem o nome de Vida Nova? - perguntou Terezinha.

- Todas as Colônias, Postos de Socorro, Casas de Auxílio têm uma designação pela qual são conhecidas. É como na Terra, onde todos os lugares têm nome. Quando esta Colônia foi fundada, um dos seus idealizadores lhe deu este nome, na esperança de que todos que viessem para cá tivessem realmente um reinício de esperança e mudanças para melhor, o que os levaria a uma vida nova. Daí o nome.

Os vinte e dois alunos prestaram muita atenção, e depois voltaram para as suas tarefas: descrever a Colônia que os abrigava.

A Colônia Vida Nova fica no Plano Espiritual de uma cidade brasileira, pitoresca e de porte médio. É linda! Que interessante é o amor incondicional. Quanto mais uma mãe olha seu filho, mais o acha bonito, não importando quantas vezes o faça. Assim acontece comigo. Todas as vezes que chego a uma Colônia, esta é para mim maravilhosa. Emociono-me e alegro-me. Como é agradável estar no convívio de uma cidade no Plano Espiritual.

E, assim, a aula transcorria tranquilamente.

Ouvindo uma História

As dissertações ficaram muito boas. Após a leitura de algumas, pelos próprios alunos, concluímos que nem todos têm a mesma impressão do Plano Espiritual. Albertina até me indagou:

- Patrícia, como pode haver tantos modos de ver, sentir e ter sensações diferentes, diante de um mesmo objeto ou lugar?

- Realmente - respondi. - Podem existir muitas formas de sentir os acontecimentos pelos quais somos envolvidos. Estou lembrando agora de algo que ilustra bem este fato. Há algum tempo, ouvi uma estorinha interessante. "Uma florzinha branca e mimosa floresceu à beira da estrada. Por esse caminho, passavam muitas pessoas e muitas nem sequer a viam. Uma mulher, ao defrontar-se com ela, disse: Veja, uma flor à beira da estrada! Ela é medicinal, muito boa para dores. É bom saber que aqui existe, quando precisar, virei buscar. Um poeta que cantava as alegrias e tristezas, as belezas do mundo, também passou pela estrada, e ao ver a flor parou e exclamou comovido: Que linda flor! É digna de enfeitar os mais lindos cabelos de uma mulher apaixonada! Mas, infelizmente, no momento não estou amando, senão a levaria para enfeitar minha querida!

Em seguida passou pela estrada uma jovem que, ao ver a delicada flor, parou para admirá-la. Que florzinha mais encantadora! Que perfeição em seus contornos! Como é bonito ver uma flor a enfeitar uma estrada, suavizando a visão talvez tão cansada e preocupada dos que passam por ela. Com um gesto meigo, beijou a flor e seguiu seu caminho. Passou por ali também um materialista que, ao ver a flor, falou revoltado e furioso: Flor imbecil, por que veio florir nesta estrada poeirenta?

Seu branco não combina com a sujeira do lugar. É uma inútil! Chutou-a e foi embora. Um senhor, de quem o tempo havia branqueado os cabelos, ao ver a flor ali solitária, à beira da estrada, exclamou: Como a obra de Deus é perfeita! Como o Senhor do Universo é bondoso conosco, dando-nos belezas assim para nos alegrar! Seja bendita, florzinha branca! Obrigado por você existir e nos alegrar! Sabiamente continuou seu caminho. E a singela flor continuou sendo a mesma para todos.

Só que, conforme a compreensão, o interesse, o estado de espírito, viam-na de maneiras diversas.

Todos esses personagens, ao verem a flor, reagiram de com seu condicionamento. A mulher, preocupada com enfermidades físicas, viu na flor seus dotes curativos.

Para o poeta, a flor foi a causa ou o motivo para aflorar em sua mente os devaneios. O senil, já desiludido com as ilusões mundanas, ansioso por unir-se a Deus, viu ali a manifestação Daquela que tanto procurava.

Se falarmos a respeito disso com um mestre Espiritual, ele nos dirá que o belo ou o feio que possamos sentir e ver é consequência de nossa escolha pessoal. A vida não fez discriminações nas suas manifestações. O bem e o mal estão restritos ao âmbito hominal, assim como o belo e o feio. Cosmicamente, eles não existem, pois nada há em que não haja a Onipresença Divina.

Cada ser ou criatura tem sua razão de ser na cadeia das relações em que a vida se manifesta. Toda manifestação tem os dotes que necessita, para desempenhar sua função. É muito importante que possamos aprender a ver as coisas como são e não como queremos que sejam.

As Colônias, Albertina, são lugares que abrigam muitos temporariamente, como no Plano Físico. E, dependendo de muitos fatores, cada qual as vê como consegue ou quer. Este fato também acontece com os encarnados. Muitos se deslumbram diante de um jardim florido, da visão de um rio, de montanhas, enquanto que alguns nem os vêem e para outros tudo isto é indiferente. Considero as Colônias encantadoras.

Quando estava encarnada, maravilhava-me com os lugares belos da Terra. Achava lindo o mar, gostava de olhar o céu, as flores, deslumbrava-me e deslumbro-me ainda com tantas belezas.

Nossa Terra é bela!

Descreverei, para melhor ilustrar este fato, uma redação escrita sobre o assunto. Quase todos a fizeram. Vou comentar o que achei mais interessante.

Que coisa fantástica é a vida, e por mais que a observemos, parece-nos sempre nova. Quando ouvimos a história da vida de alguém, sentimos a nossa própria, pois ela nos traz notícias de um ser humano, portanto, a história da própria humanidade. Mas, normalmente, não ouvimos muito as pessoas, pois quase sempre vivemos fechados em nosso mundo interior de tal forma que, mesmo dando-lhes aparentemente atenção, não chegamos a entendê-las. Para compreender uma história, é necessário viver as emoções de quem narra os acontecimentos, seu estado psíquico, de alegria, esperança, angústia, rancor, mágoa, gratidão ou qualquer outra expressão emocional. Escutando com atenção a história de Genoveva, uma pessoa comum, como a maioria dos encarnados ou desencarnados, teremos a oportunidade de entender o porquê de muitas vezes fazermos de nossas existências uma verdadeira tragédia, da qual desfrutamos pequenos momentos de alegria e um tempo sem conta de desespero, frustrações, angústias e dores. A personagem possui a manifestação Divina. Amando a presença de Deus, que é o autor de todas as manifestações em cada criatura, teremos compaixão por todos os seres humanos que no momento representam, como atores, no palco da vida. Imbuídos desses sentimentos, podemos ver a enormidade de nossa ignorância.

Como ela começou não importa, o que interessa é tirá-la de nós. Isto está em nossas mãos realizar. Portanto, não convém aplaudir ou censurar os erros ou os acertos de uma pessoa, mas compreender o que a humanidade tem feito com o privilégio de viver, ciente daquilo que somos: seres humanos.

Genoveva começa contando sua desencarnação. Comento-a, porque chegamos à conclusão que está muito relacionada à nossa maneira de viver encarnados, à nossa desencarnação e à nossa vivência aqui, no Plano Espiritual. A própria Genoveva leu sua redação para toda a classe.

"Desencarnei jovem" - começou Genoveva -, isto é não tão jovem. Tinha trinta e sete anos. Amava a vida, possuía lá meus problemas como todo mundo, mas estava satisfeita. Casada, com dois filhos adolescentes, vivia feliz no meu lar. Um dia, como fazia sempre, saí para comprar roupas. Estava indecisa entre duas saias e, distraída, atravessei a rua, quando um carro, dirigido por um jovem embriagado, me atropelou. Ele corria além do permitido e eu estava entretida: não deu para evitar o acidente. Desencarnei no ato. Se as pessoas que viram ficaram abaladas e confusas, imaginem eu. Senti-me jogada no chão e escutei meus ossos se quebrarem. Não senti dor, mas fiquei atordoada. Sentei-me, com dificuldade, na calçada. Não conseguia ver direito e, então, perdi os sentidos. Acordei num lugar escuro, úmido, com cheiro nada agradável. Esfreguei os olhos. Tive a certeza de estar acordada. Mas onde? Vi então uma senhora a uns dois metros de mim, que me observava calada. Era bem feia, estava suja, cabelos brancos espetados, achei-a horrível. Ela ficou quieta, enquanto eu a olhava detalhadamente. Concluí, como sempre fazia, que nem todos eram bonitos como eu". Resolvi indagar-lhe.

"A senhora sabe por que estou aqui neste lugar estranho?"

"Não é estranho" - respondeu ela, séria -, é um lugar como outro qualquer."

"Mas como vim parar aqui? Não me lembro..." - perguntei com delicadeza, tentando ser gentil com aquela estranha mulher.

"Uma tuma das que andam por aqui, a trouxe" - disse ela, após um instante em silêncio.

Escutei eles dizerem que a encontraram sem sentidos, após o acidente. Como não havia

ninguém ao seu lado, pegaram-na e a deixaram aí."

"O acidente!" - exclamei. "Lembro-me bem! O carro daquele maluco! Mas não era para eu estar num hospital?"

"Se não tivesse morrido, acho que sim, - respondeu a senhora com sua voz rouca, o que para mim, naquele momento ra muito desagradável.

"O que a senhora está me dizendo? Se não tivesse morrido? Por quê? Morri?"

"Que acha? Claro que morreu!" - respondeu dando um sorriso cínico.

"Não e não! Não morri!" - gritei.

"Morreu! Morreu e morreu! - gritou ela mais do que eu. "O carro passou em cima de você e seu corpo morreu. Mas, como ninguém morre de fato, aqui estamos vivas em espírito." "Faz tempo que estou aqui?" - perguntei assustada.

"Um bom tempo. Estava aí deitada sem sentidos.

"Mas que lugar é este?" - indaguei desesperada.

"Pelo que vê, não é muito bom" - respondeu a senhora após uns minutos calada. "Você não deve ter sido boa coisa, senão teria sido levada para outro lugar."

"Como se atreve?" - falei sentida.

"Ora, ora, falo como quero. Você é morta! Morta!"

"Não e não!"

Repetia já duvidando. Chorei muito, revoltei-me, dei murros no chão até que cansei. A mulher saiu de perto de mim.

Dormi. Acordei e senti-me pior, e ainda estava com sede, fome e me sentindo suja, de um jeito que detestava ficar. Pensei no acidente e tive ódio do imprudente motorista, e comecei a sentir meu corpo doer. Percebi que era só pensar no acidente para ter dores, e assim esforcei-me para não pensar mais. Resolvi saber onde estava. Arrastando, locomovi-me alguns metros, e vi que me encontrava em pequena abertura de uma rocha.

Perto, achei um filete d'água que, com nojo, tomei para amenizar a sede. Vi que outros, ali, a tomavam, além de comerem pequenas ervas. Comi também. Não me atrevi a ir mais longe; e, quando saía, voltava sempre rápido para a abertura. Aquela senhora igualmente se abrigava ali, só que saía e demorava a voltar, pois andava pelo Umbral. Às vezes conversava comigo, e era a única pessoa com quem eu falava. Sentia-me terrivelmente só."

Faço uma parada na narrativa de Genoveva para explicar alguns detalhes. Muitos não vivem como parte integrante do Universo, agem como entes separados da vida. A lagarta nos dá um bom exemplo de como agir. Como lagarta, realiza com eficiência sua função, vive para se empanturrar de folhas, adquirindo energia suficiente para que possa acontecer sua metamorfose. Muitos encarnados esbanjam energias insensatamente, de tal forma que, no momento da desencarnação, estão tão defasados que o espírito não consegue abandonar a matéria. Não devemos negar as funções do viver, mas sim estarmos conscientes de que somos transeuntes; não fazer da existência um acúmulo de sensações e prazeres como se isto fosse a finalidade única para a qual reencarnamos. Identifico Genoveva com muitos de nós. Nossa narradora se identificou com o que representava, um elemento feminino cheio de dotes e beleza física diante do sexo oposto, sentindo-se segura e confiante pois tinha mais que as outras. Nada lhe interessava a não ser ela mesma. Tudo o mais, até o marido e os filhos, era apenas apêndice do seu "status".

Meditando, conseguimos olhar o Universo

como um todo orgânico, vendo a unidade de Deus. Assim compreendemos sua Onipresença em tudo e em todos entendendo, então, que para a natureza não há nem bonito nem feio mas simplesmente um conjunto de manifestações ou indivíduos que juntos compõem o Universo manifestado. Vemos que, assim o bonito e o feio fazem arte de nossa preferência pessoal. Se conseguimos ver isto como um fato, nos libertamos do apego, desejos e sensações de sermos melhores que os outros. O início da verdadeira humildade é não se sentir melhor que ninguém. Entre milhares de desencarnações que ocorrem diariamente, cada desencarnado tem uma sensação diferente da passagem do estado físico para o espiritual. Mesmo em acidentes parecidos com o de Geneveva, cada qual a sente de um modo. A desencarnação é um fato comum e natural, mas que se diferencia de uma pessoa para outra. Geneveva foi desligada bruscamente com o choque. Ao perder os sentidos, ficou em perispírito deitada na calçada, já que seu corpo físico logo em seguida foi levado para o necrotério. Como não se afeiçoara a ninguém de bem, isto é, trabalhadores ou socorristas, para lhe velar e socorrer, os desencarnados que vagavam, a pegaram.

Levaram-na, após vampirizar seus fluidos vitais, e a deixaram lá no Umbral. Se Geneveva tivesse adquirido afetos espirituais, através de sua vivência física, teria sido levada para um posto de socorro. No exercício da fraternidade incondicional, que é o servir sem desejar nada em troca, nem mesmo recompensa da parte de Deus, emanamos boas vibrações. Essas vibrações atraem os bons espíritos, como também impedem o assédio dos maus à nossa volta. Tenho visto muitos acontecimentos, em que desencarnados perversos aprisionam recém-desencarnados imprudentes e os fazem escravos ou os levam para seus agrupamentos. No caso de Geneveva, porém, sugaram-lhe as energias e a deixaram num canto do Umbral. Voltemos à sua narração.

"Não sabia há quanto tempo estava ali, naquele lugar horroroso. Só mais tarde soube que foram seis meses, os quais para mim pareceram ser mais de seis anos. Sentia, às vezes, meus filhos me chamarem. Respondia alto:

- Já vou filho, já vou!"

Mas não ia. Não sabia como fazer e nem tinha forças para me locomover. Sentia que oravam por mim e, nesses instantes, ficava mais calma. Comecei então a me lembrar muito de Dona Rita, minha vizinha. Recordei que ela era aposentada, viúva, e seu filho que morava longe, não lhe dava atenção. Passava por muitas necessidades. Dava-lhe muitas coisas, inclusive comida pronta, ora o almoço, ora o jantar, comprava-lhe remédios, além de propiciar-lhe carinho. Ia vê-la quase todos os dias e, agora, ela orava muito por mim. Escutava-a dizer:

"Geneveva, peça ajuda a Deus. Ele é nosso Pai e nos ama.

Peça perdão! Queira ajuda!"

Fiquei a pensar no que escutava. "peça ajuda, peça perdão". Mas eu estava revoltada, pois não queria ter morrido. Era bonita, cheia de vida e saúde e, agora, estava sofrendo. E não queria continuar naquele estado, tinha que mudar, só que não sabia como. As orações de Dona Rita fizeram diminuir minha revolta, acalmei-me e comecei a meditar. Nunca pensei que a morte viesse para mim, mas só para os outros. Ainda mais que me achava jovem para morrer... e eu não queria a morte nem na velhice. Então percebi que por ali passavam outras pessoas, diferentes, limpas e com semblantes tranquilos. Já haviam tentado conversar comigo, porém não lhes dei atenção. Talvez vocês achem incoerente essa minha atitude, pois me incomodavam a sujeira e aquele lugar horrível e assim mesmo não dava atenção para aquelas pessoas limpas e saudáveis Mas naquela ocasião, não sentia afinidade com

eles; não queria o que me ofereciam, a ajuda espiritual, mas sim o que havia perdido com a vida física. Sentia-me inferior a eles e isso me magoava. Também estava envergonhada por estar em estado tão deprimente. É que, quando encarnada, me sentia rainha e agora era apenas um farrapo. Mas depois acreditei que eles poderiam me ajudar e, quando os vi de novo, os chamei, pensando firme nos dizeres da minha ex-vizinha.

"Peça ajuda! Peça perdão!"

"Senhores, por favor, me dêem atenção!"

Aproximaram-se e, perto deles, percebi como eram felizes. Olhei-os emocionada.

"O que quer?" - indagou um deles.

Ajuda, perdão..." - respondi envergonhada.

"Venha conosco."

Novamente interrompo a narração de Genoveva para algumas explicações. Ao pedir perdão, demonstrou que reconhecia os erros cometidos e que desejava mudar para melhor. Deus nunca se ofende conosco, apenas nos ama. O que precisamos é da renovação interior, para participarmos da renovação da humanidade. Normalmente, quando os familiares chamam os que desencarnaram, eles os atendem, indo para perto deles, se não tiverem conhecimentos da vida no Plano Espiritual. E Genoveva não os tinha. São muitos os que abandonam os Postos de Socorro, para atender aos chamados dos seus. O desconforto

impede o desencarnado a voltar ao estado anterior, isto é a sentir a vida que tinha, quando encarnado. A vontade forte os leva para onde o desejo os guia, quase sempre ao antigo lar ou perto dos seus afetos. Os recém-socorridos que estão abrigados nas Colônias maiores não saem, porque elas ficam mais longe da crosta e não é tão fácil saírem sem permissão. Mas muitos desencarnados, para atender insistentes chamados, pedem para ir, mesmo sabendo o risco que correm ao voltarem sem estar preparados. Desencarnados que vagam pelo Umbral, costumam também atender a esses chamados. Mas nem todos voltam, como no caso de Genoveva. Primeiro, porque os chamados não teriam sido muito insistentes, segundo, por causa do medo de sair do lugar em que se está. Depois, Genoveva não amava ninguém mais do que a ela mesma. Também, porque ela se sentia enfraquecida, sem forças psíquicas. Quanto à ajuda que recebeu de Dona Rita, foi uma reação de uma de suas ações. É como meu pai sempre diz: "O Bem que fazemos, a nós mesmos fazemos." E ele lembra sempre das palavras do Nazareno, que é como gosta de se referir a Jesus, nosso Grande Mestre.

"Granjear migos com as riquezas da iniquidade, para que, quando vierdes a precisar, vos recebam nos tabernáculos eternos." (Lucas, XVI:9)(2). Quando fazemos o Bem, fazemos amigos. Se um deles nos for grato, ele nos ajudará quando necessitarmos.

Genoveva fez algumas boas ações. E Dona Rita, grata, não a esqueceu. Orou com sinceridade e fé para ela. Oração sincera não fica sem resposta. Genoveva recebeu o carinho de sua ex-vizinha da forma que precisava no momento. Ela recebia seus fluídos de ânimo e conforto, embora sua ex-vizinha fizesse orações decoradas que lhe ensinara a religião que seguia. Orações envolvem o beneficiado com energias benéficas, de modo a

ajudá-lo no que necessita. E para Genoveva seriam para seu arrependimento; para que pedisse perdão e perdoasse, que chamasse por ajuda, mudando assim seu padrão vibratório e possibilitando o socorro. E foi isto o que aconteceu.

Continuemos com a interessante narrativa de Genoveva.

"Fui amparada com delicadeza, quando um senhor e uma moça me levaram para uma casa enorme, um Posto de Socorro no Umbral. A moça me ajudou a tomar banho. Deliciei-me. Com roupas limpas, tomei um prato de sopa quente, que achei muito saborosa. Depois acomodei-me num leito perfumado e dormi tranqüila. Não estava doente, nem sentia dores, estava só desorientada e com fraqueza. Recuperei-me logo. E fui transferida para esta Colônia. "Você vai para a Colônia Vida Nova. Verá como ela é linda."

Ouvi muitos comentários parecidos. E fiquei curiosa para vê-la. Fui conduzida à Colônia junto com outros que também se dirigiam a uma cidade no Plano Espiritual pela primeira vez. Lá, nos separamos, e fui conduzida para uma casa, onde fiquei hospedada. Que decepção! Não vi nada das maravilhas que disseram. A casa, sem arranjos e enfeites, era simples demais. Só tinha o necessário.

"Que beleza de jardim!

"Que flores lindas!

Tentava prestar atenção e descobrir onde estava a beleza do que ouvia. O jardim para mim parecia como outro qualquer da Terra. Só que talvez mais cuidado e respeitado. As flores eram flores como sempre foram. Havia algumas diferentes mas eram plantas... Estava apática. Tentava ser gentil com as pessoas que moravam comigo, porque era tratada com

(2) - As citações do Evangelho contidas neste livro foram tiradas da Bíblia - Tradução Vulgata.

extrema delicadeza. Carinhosamente me levaram para conhecer a Colônia. Nada me entusiasmou. Achei-a extremamente sem atrativos, pois as belezas e sensações de que gostava, não eram ali cultivadas. Havia muitas mulheres bonitas, mas elas agiam como se este fato não lhes importasse. Para mim, a minha beleza era um patrimônio importante. Gostava dessa aparência, quando encarnada, pois sentia-me superior à maioria das mulheres. A Colônia era um lugar como outro qualquer. Bem, como outro qualquer, não! Para ser sincera, comparando com o lugar em que fiquei, no Umbral, naquela abertura da rocha, ali era o paraíso. Os novos amigos muito me aconselhavam. Consideravam-me como amiga deles, mas eu não pensava assim: para mim eram somente pessoas boas que tentavam me ajudar. Tudo fizeram para me tirar da apatia, sendo até convidada a fazer pequenas tarefas. Não era preguiçosa. Muito fútil e vaidosa, sim, mas ociosa, não. Aceitei, porque senti que deveria ocupar meu tempo. Fui trabalhar na Biblioteca, onde Maura, uma senhora alegre e extrovertida, me orientava.

"Genoveva, querida, coloque estes livros em ordem alfabética."

Fazia tudo direitinho.

"Muito bem!" - incentivava ela. "Você tem trabalhado com vontade. Você não é curiosa? Não tem interesse no conteúdo destes livros? Não gosta de ler? Não a vejo nem folheá-los."

Acabei por pegar um. Abri e li uma página. Era um livro que os encarnados têm também o privilégio de conseguir para leitura. Levei-o, emprestado.

Minha apatia foi desaparecendo aos poucos com a ajuda e alegria dos meus amigos - agora sim, considero-os como amigos - e de lições ouvidas e lidas. Com o estudo e atenção fui

compreendendo que meu corpo e tudo o que me rodeava não existiam para meu prazer e sensações, mas sim como parte de um todo que é a manifestação de Deus. Então aconteceu o que não esperava, pois antes eu via e ouvia, mas não todas as coisas. Agora vejo e ouço o que antes me passava despercebido. Comecei a esquecer de mim, para prestar atenção à minha volta. Tempos depois, olhei para tudo novamente e encontrei as belezas que todos admiravam. Amo muito a Colônia, mas beleza para mim, por muito tempo, foram outras coisas: vestidos novos da moda, luxo e beleza física. Só a compreensão faz vermos a beleza nas coisas simples. Aprendo a vê-las. Estudei e estudo, trabalho e tenho Paz, e agora estou bem.

Depois de um tempo por aqui, pedi permissão para visitar meus familiares. Pedidos esses, feitos por quase todos os que vêm para cá. Alguns dias após ter solicitado, o responsável do departamento que cuida desse atendimento, chamou-me para entrevista.

"Tenho saudades dos meus familiares" - disse -, "quero vê-los e saber como estão."

Meu pedido foi aceito e, ao marcar dia e hora, lembrei de Dona Rita, e pedi outro favor.

"Será que não posso ir só um pouquinho à casa de minha ex-vizinha?"

"Pode" - responderam.

Vamos parar um pouquinho com a narrativa para uma elucidação.

Nessas primeiras visitas, os desencarnados seguem algumas normas da Casa, onde estão abrigados e que nem sempre são as mesmas para todos. Elas têm o objetivo de preservar o equilíbrio do novato em sua nova maneira de viver. Para cada visitante é determinado um tempo, conforme suas necessidades. Mas é costume, nas primeiras vezes, irem com um companheiro experiente, que nem sempre fica junto durante a visita, mas que o acompanha para trazê-lo de volta à Casa em que está abrigado.

Voltemos à narrativa.

"Emocionei-me ao ver meu esposo e meus dois filhos. Percebi que os amava de forma egoísta.

Tanto que, ao desencarnar, só pensei em mim. Não julguei que eles sofreriam pela nossa separação. Os três estavam muito unidos. Arrumaram uma empregada e tentavam ajudar um ao outro, levantando o ânimo. Fiquei por horas esforçando-me para seguir os ensinamentos e recomendações que recebi, tais como ficar alegre orar por eles e não interferir em suas ações. Quase na hora de ir embora, fui ver Dona Rita e, para meu espanto, ela me sentiu; por ser sensitiva, percebeu minha presença. Não que tenha me visto, mas pensou em mim de maneira tema.

"Genoveva, que Deus a proteja onde esteja. Que seja feliz!

Sou-lhe tão grata! Obrigada!

Orou e me disse coisas carinhosas pelas quais me animei. Soube, também, que meu esposo continuou lhe dando, em minha intenção, todo mês, uma quantia em dinheiro. Eu os achei maravilhosos, ele e meus filhos.

Na hora de voltar, aguardei meu acompanhante para retornarmos à Colônia. Abracei-o e chorei. Afiagou-me somente. Meu pranto era diferente. Fora muito feliz encarnada e queria voltar a ser... Mudei, tornei-me mais alegre e entusiasmada."

Genoveva terminou a leitura e, como sempre, após havia perguntas. Essas redações não são obrigatórias e nem a sua leitura. Faz quem quer, podendo também o aluno, se preferir falar sobre o assunto. Mas, desta vez, foi Genoveva quem indagou:

- Patrícia, ao visitar Dona Rita, quando ela me agradeceu, saíram dela raios lindos, coloridos, que vieram até mim. Foi muito agradável. Percebi que aquela sensação de carinho que recebia dela,

eu já a tinha recebido outras vezes, principalmente quando estava no Umbral. Também agradei a Dona Rita, pois estava ali para isto. E vi que ao fazê-lo também saíram de mim esses raios, que lhe foram também muito agradáveis.

Como você explica isto?

- Quando estamos carentes - respondi -, é que mais sentimos as vibrações de carinho, como aconteceu a você no Umbral.

Dona Rita orava, desejando-lhe que estivesse bem. O ato de agradecer é muito bonito. A gratidão sincera sai da alma e envolve a pessoa que agradece, com raios de suave colorido, os quais depois vão para quem estamos agradecendo, beneficiando a ambos. Muitos pensam que bons e harmoniosos fluidos só acontecem em esferas elevadas e que só espíritos superiores são portadores de tais vibrações. É que ainda não perceberam que, por Deus, fomos dotados em estado potencial com a capacidade de amar e de sermos fraternos, cabendo-nos somente dinamizar este estado de vida. O estado psíquico de gratidão é uma faculdade do ser humano. Somos filhos do amor. Mas não devemos nos importar com agradecimentos e, sim, compreender o que realmente somos, para que, ultrapassando o egoísmo cheguemos ao estado de fraternidade, em que o reconhecimento seja uma situação natural de se viver. Beneficiamos a nós mesmos, quando cultivamos o sentimento sincero da gratidão.

Ninguém fez mais perguntas e saímos, para um pequeno intervalo. Fiquei a meditar. Muitos temem a desencarnação por não terem o preparo para essa continuação de vida. Muitos sofrem com essa mudança, que a vida nos impõe, sem que tenhamos outra escolha. Outros a acham maravilhosa, pois, pela lei da afinidade, gostam muito do lugar para onde foram atraídos. A natureza não dá saltos, nada é excepcional e a beleza está na simplicidade. Muito se tem falado da continuação da vida depois da morte física, mas cabe a cada um fazer seu preparo, sem descuidar do tempo presente. Pois é nele que construímos nosso futuro. Devemos viver bem e no Bem, sempre. A desencarnação pode ocorrer a qualquer momento. Que ela nos surpreenda, então, de tal modo que possamos estar aptos a continuar a viver bem e felizes.

Colóquio Interessante

Numa aula especial, trocamos idéias sobre diversos assuntos do interesse da maioria. Lena, nossa querida colega, alegre como sempre, indagou:

- Patrícia, por que uns se deslumbram tanto com as Colônias e outros, não?

- Nada deve acontecer em excesso - expliquei. - O equilíbrio precisa existir sempre. Colônias servem de lar a muitos desencarnados, mas temporariamente. É necessário amar, respeitar e dar valor a todas as formas de lar. Muitos, pela vibração, se afinam mais com estes lugares de Paz e Harmonia que, para outros, são monótonos e sem atrativos. Quando aprendemos a ver Deus em tudo e dentro de nós, qualquer lugar é maravilhoso, pois não existem lugares ruins. Se estamos satisfeitos conosco, seremos felizes onde estivermos, se insatisfeitos, nada nos parece suficientemente bom.

Josefino perguntou para elucidar-se.

- Patrícia, as Colônias progridem?

- Sim e muito. As Colônias estão sempre progredindo pelo trabalho de seus moradores. Sempre se modificam para melhorar a vivência temporária de todos que aqui vêm.

- Elas aumentam de tamanho? Quem as constrói? - indagou Josefino novamente.

- Normalmente - respondi -, as Colônias são criadas pequenas, pelos seus fundadores. Vão sendo ampliadas conforme a necessidade. Seus fundadores são sempre desencarnados que amam o Bem e o próximo. Muitas vezes, após a fundação, permanecem eles trabalhando nelas, para o Bem comum. Cada Colônia tem os seus fundadores; são eles orientados por espíritos superiores, que trabalham como construtores, no Plano Espiritual.

- Patrícia, nunca tive uma profissão, nem quando encarnado, nem quando vagava desencarnado - disse Josefino. - Aqui aprendi muito e, após o curso, vou estudar enfermagem.

- Fico contente por você, porque conhecimentos só nos fazem bem e, quanto mais sabemos, mais podemos ser úteis.

- Patrícia - replicou Marília -, continuaremos a exercer aqui a profissão que tínhamos quando encarnados? Fui advogada.

Poderei trabalhar na advocacia? Quando encarnada preocupei-me tanto com isso!

- Marília, profissões devem ser temporárias. Encarnados, as temos também para a sobrevivência. Aqui devemos ser úteis, aprendendo as muitas formas de assim ser. Os conhecimentos que teve ao estudar e ao exercer sua profissão, fizeram que desenvolvesse sua inteligência, pois, os conhecimentos que nos esforçamos para obter, nos pertencem. Os encarnados não devem preocupar-se com o exercício de suas profissões, no Plano Espiritual, ou inquietarem-se por não terem alguma. Quando queremos, achamos sempre

um modo de ser útil e de trabalhar. Aqui é uma continuação de vida, mas muda-se muito, de vez que coisas que fazíamos quando encarnados não há, muitas vezes, como e por que fazê-las no Plano Espiritual. Aqui, nas Colônias, fazemos rodízio de muitas tarefas para aprender mais e também para escolher da que mais gostamos para a ela nos dedicarmos. Você, Marília, poderá fazer muitas tarefas e muito lucrará com o aprendizado.

- E no Umbral? - perguntou Marília novamente. - Trabalham, por lá? Exercem os desencarnados as profissões que tinham quando encarnados?

- Os que sofrem no Umbral - elucidei - não fazem nada, a não ser os que são obrigados, como escravos. Os moradores, principalmente das regiões umbralinas, trabalham, só que de modo muito diferente dos desencarnados que o fazem para o bem comum. No Umbral, tudo é feito com egoísmo, vaidade e para o mal. Consideram estar trabalhando, quando estão vingando, obsediando e destruindo. Lá muitos têm conhecimentos, mas os usam de forma errada. Quanto às profissões que tinham, quando encarnados, quase sempre não têm como exercê-las, já que a vida física difere muito da que vivemos no Plano Espiritual.

- Patrícia - disse Marília -, quando eu ainda estava encarnada, um amigo meu desencarnou e, na ocasião, fiquei muito impressionada. Comecei a sentir muitas dores, como ele as sentia. Meu esposo me levou ao Centro Espírita e lá me falaram que ele não estava comigo como julgávamos, mas sim num hospital no Plano Espiritual. Fui aconselhada a não pensar nele e, á sim, melhorei. Lembrando agora deste fato, gostaria de entender o que se passou.

- Vou lhe responder o que pode ter ocorrido. Porém não se pode dar uma resposta categórica para algo, sem se analisar bem o que aconteceu. Para cada fato há várias explicações. Esse seu amigo desencarnado não estava perto de você, mas, ao pensar muito nele, você se ligou mentalmente a ele. Quando isso acontece, o que pode suceder é uma transmissão de vibrações, e até mesmo uma transfusão de energias. Por isso, somos incentivados pelos instrutores a fazer coisas boas e a nos ligar a pensamentos elevados ou a espíritos bons, pois, assim procedendo, absorvemos suas vibrações. Aquele que tem mais, dá ao que tem menos. Ao pensarmos coisas

ruins, prendemo-nos a espíritos afins e deles recebemos as más vibrações, quando não, somos por eles vampirizados, principalmente se estivermos encarnados. Podemos também permutar vibrações de desarmonia e angústias. Você, encarnada na época e pensando forte, se ligou ao seu amigo desencarnado que, mesmo socorrido num hospital, estava ainda enfermo, e assim ocorreu a troca de fluidos. Ao não pensar mais nele tão insistentemente, desligou-se e melhorou. Devemos orar para todos, sem atrair para nós nada que o outro esteja sentindo. É preciso orar, mas somente enviar à pessoa a quem oramos, bons fluidos, ânimo, paz e alegria.

- Patrícia, por que há tantos desequilíbrios? São muitos os desencarnados, perturbados, e também vemos encarnados com cérebros danificados, portando doenças mentais. Este assunto me intriga - falou Olavo.

- Você, Olavo, deu a designação certa: desequilíbrio - falei. - Encarnados, quando se alimentam demasiado desequilibram o aparelho digestivo, e a má digestão certamente os incomodará. Do mesmo modo, podemos nos equilibrar ou não, como resultado de nossos atos. Ações boas nos equilibram, harmonizando-nos com a perfeição. Ações más danificam o que está bem, desequilibram, trazendo sempre a doença e o sofrimento. E quando sofremos sem nos revoltar, acabamos por entender que foram nossos atos negativos que motivaram essa situação. Ao mudarmos nossa maneira de viver, teremos aprendido mais uma lição. E, se não aprendemos pelo amor acabaremos aprendendo pela dor. A mente e o corpo não são criados por nós, apenas os desenvolvemos. Tanto a mente como o corpo anseiam pela harmonia, que compõe a natureza. Essa harmonia só é possível quando não há interesse pessoal e quando todos trabalham com um único objetivo, o do Bem comum. Agindo egoisticamente, nós nos separamos espontaneamente do movimento da vida. É como se o feto recusasse o sangue da mãe que o sustenta. A mente ou um corpo privados dos fluidos cósmicos, pelo egoísmo, entram em estado de perturbação. O

remorso destrutivo também desequilibra bastante. Muitos, ao desencarnarem, percebem o tanto que erraram, perturbando-se demasiado e depois, sem um preparo especializado das Colônias, uma compreensão, ao reencarnar passam para o corpo esse desajuste. Essas deficiências também podem ocorrer quando abusam do corpo saudável, danificando-o com drogas ou suicidando e, então, se ressentirão, em outra encarnação, de um corpo perfeito. Igualmente, o desequilíbrio mental será causado por abuso da inteligência, ao se prejudicar os outros. As anomalias físicas não existem como punição de Deus, mas sim como conseqüências do nosso remorso destrutivo, advindo de vivência com tins egoísticos, como se não participássemos da humanidade. Reconhecer que erramos é fundamental, mas punirimo-nos, por incrível que pareça, é uma atitude de egoísmo. Que seria mais agradável a Deus: ser um aleijado, representando um peso para a sociedade, ou reconhecer nossos desacertos e preparar-nos convenientemente para ser daqueles que constroem e enobrecem a humanidade? certamente, a segunda hipótese. Helena pediu para falar e, atendida, propiciou-nos valiosa lição.

- Encarnada, tive uma deficiência mental. Meu cérebro não funcionava normalmente. Doenças? Foram várias, e a medicina tinha muitas explicações. Tomei muitos medicamentos. Desencarnei após sofrer muito. Que fiz para ter vivido assim? Este fato veio a me incomodar, depois de eu ter melhorado no hospital desta Colônia. As lembranças do passado vieram fácil à minha mente, entretanto, quando encarnada, também as tinha

e não as entendia, e elas vinham como sensações desagradáveis a me incomodar. Meus erros foram muitos, e me marcaram profundamente as recordações que me vinham ao cérebro, de forma difusa, levando-me a me perturbar ainda mais. Não quero e não vou falar dos erros do passado. Contarei a vocês a minha vida como doente mental, sem generalizar, só narrando minha experiência particular. Reencarnei, por afinidade, numa família de classe média, tendo assim assistência material e também afetiva. Desde criança, já era considerada estranha e esquisita. Quando entrava em crise, falava coisas desconexas, afirmando ser outra pessoa, com outro nome, alguém desconhecido. Sentia-me realmente assim: duas personalidades. Na adolescência, piorei muito e fui internada em hospitais, onde sofria bastante com a separação dos meus e com os medicamentos. Em algumas vezes, agia como sendo uma pessoa, em outras, agia diferente. Havia também períodos de melhora, quando conseguia reconhecer ser ora doente, ora normal. Queria me curar, pois envergonhava-me dos vexames que causava, me irritava e sofria com as chacotas e risos dos outros. Aborrecia-me dizer coisas tolas, ser ridícula. Não era agressiva, a não ser quando me irritava, aí eu xingava as pessoas. Sendo católica, ia sempre à igreja, quando estava calma. Se me via nervosa, minha mãe não me deixava ir, porque não parava quieta, incomodando as pessoas. Gostava de ver Nossa Senhora Aparecida, a quem chamava de Parecidinha. Não rezava de forma decorada, e minha contemplação representava minha oração. Familiares e conhecidos, para me chatear, mexer comigo, diziam que iam bater na imagem de Nossa Senhora, então eu chorava desesperada e só parava quando me garantiam que não bateriam na minha Santinha. Fugia muito de casa para passear pelas ruas, andando de um lado a outro e, quando me cansava, voltava para casa. Dei muitos vexames e sofri por isso, porque não queria ser daquele jeito. Para meu orgulho era um enorme ridículo. Aprendi muito, só que desencarnei doente, com muitas dores e, nessa ocasião, uma equipe, que trabalhava em nome de Maria, veio me socorrer. Sarei após um bom e longo tratamento espiritual, neste hospital da Colônia, e digo-lhes que agora também perdi o orgulho, que foi minha pior doença.

Completei com a explicação:

- Quando o desequilíbrio mental é muito grande, pode-se perder a capacidade de ser uma pessoa sadia. A recuperação só se faz com o auxílio de outros espíritos e através de reencarnações, ocasiões em que se recebe novo cérebro, mas que pode novamente ser danificado enquanto persistir a causa. O equilíbrio vem pouco a pouco, como a água limpa em caixa suja, que, renovada, acaba por limpar todo o ambiente. E é pela bondade de Deus, concedendo-nos a reencarnação, que acontece a recuperação. Muitas são as causas que levam os encarnados a terem doenças mentais, e suas sensações diferem de uma pessoa a outra. Tenho escutado muitas narrativas diferentes de pessoas que, encarnadas, tiveram deficiências mentais. Não existem duas experiências iguais, e, normalmente, são recuperações difíceis, pela dor, quando se poderia muito bem tê-las feito pelo amor. Temos, para meditar, a narrativa de Helena, lembrando que não devemos ironizar o doente, porque poderia sermos nós a passar por essa experiência de recuperação. Não tendo mais comentários, a aula terminou com muito proveito para todos.

Amor e Desapego

Paula tudo escutava e ficava pensativa. Não tinha muito tempo de desencarnada. Saindo de suas reflexões, indagou:

- Será que um dia irei gostar da vida de desencarnada? Sinto muita falta de tudo que era meu. Carlos Alberto demonstrou vontade de responder à colega e, notando isso, deu-lhe permissão para falar.

- Paula, também já me senti assim. Fiquei revoltado ao desencarnar. Não aceitava, pois fui tirado da vida física cheio de vitalidade, sonhos, planos, estava casado e com duas filhinhas para criar. Pensei muito: por que eu? Com tantos querendo morrer e continuando encarnados, e eu que gostava tanto da vida física, desencarnei. Minha avó com muita paciência tentava me confortar. Dizia-me sempre:

"Carlos Alberto, aqui você não terá a competição de um trabalho estafante, não ficará doente, não sentirá frio ou calor. A vida aqui é tão boa!"

"Gosto do trabalho competitivo, aprecio a luta pela sobrevivência, gosto do frio e nada mais agradável que sentir calor, e ainda: as doencinhas quebram a rotina" - respondia, sincero. Com o tempo, acabei conformado com o inevitável. Após muitos anos, entendi o porquê de ter-me sentido desse modo. Foi por não estar preparado e não ter informações verdadeiras da desencarnação. Amava muito e de maneira incorreta a vida material, para entender a vida espiritual. E, quando me tornei útil, é que passei a amar a vida, sem me importar se estava encarnado ou desencarnado. Paula, por que você não aprende a amar? Todas as etapas de nossas existências, no Plano Físico ou Espiritual, nos são úteis."

- Achei muito válida a opinião de Carlos Alberto - falei à Paula, querendo ajudá-la, como também para elucidar a turma sobre essa questão de interesse de todos, e que não estava no plano de aula.

- Paula, tenho notado que você se queixa muito. Agia assim, quando encarnada?

- Acho que sim, tinha reumatismo, a me incomodar muito, morava com meu filho e não me dava bem com a nora...

- Paula - interrompi -, muitos de nós costumamos reclamar por não aceitar o que temos e o que somos. Quando encarnada, você se queixava de muitas coisas, e não mudou ao desencarnar. Ninguém muda de imediato. Para nos transformarmos, necessitamos de muita compreensão. Temos sempre muitas possibilidades de ser felizes, só que quase sempre não as percebemos. Às vezes, prefere-se desejar algo que não se tem, na ilusão de ser, ou ter. Consideramos estar nos atos externos ou em terceiros a nossa tão falada felicidade. E, na maioria das vezes, ao conseguir o que almejamos, a euforia passa logo, e voltamos a desejar outras coisas. Todavia a tão sonhada felicidade está dentro de nós, não importando onde vivemos e o que fazemos; os atos externos não devem influir em nossa Paz interior. Muitos pensam que só serão felizes desencarnados. Outros, que só a vida física lhes trará alegrias. Ao colocar fatos externos como condição para sermos felizes, não seremos. E também não devemos esperar que outros resolvam, para nós, a dificuldade. Enquanto não solucionarmos nossos conflitos de ter e ser, permaneceremos insatisfeitos em qualquer lugar. A felicidade duradoura está na Paz conquistada, na harmonia, no equilíbrio, na alegria de ser útil, no Bem e ao caminhar para o progresso. Creio, Paula, que irá gostar da vida aqui, quando sua felicidade não depender de coisas ou de pessoas; não esperar recompensas, retorno; não exigir nada; quando você amar a si mesma, a vida e a todos que a rodeiam.

- Patrícia, por que não falamos um pouco sobre o amor? - disse Heloisa. - Sobre o Amor e o desapego.

O assunto era deveras fascinante, tentei elucidar a turma.

- Amar, de forma egoísta, todos os seres humanos o fazem, nem que seja a si mesmos. Mas o amor de forma verdadeira, sem egoísmo e posse, é que demonstra que aprendemos. Ao amar verdadeiramente, anulamos erros e irradiamos alegrias em nossa volta. Amar e desapegar-se dos seres que amamos não é fácil. Os encarnados, no aprendizado para se desprender do que lhes é caro, chegam a ter sensações de dor, porque sentem sufocada sua ilusão de ter. É necessário amar tudo, mas sabendo que isso nos é emprestado. E por quem? Pelo nosso Criador. Lembremos que com objeto emprestado, cuidado dobrado. Sim, realmente, o que temos, nos é emprestado, já que não somos donos das coisas materiais, não possuímos nada. Nosso amor pelas coisas deve ser sensato, para usar o que nos é permitido, sem abusar. E também dar valor à casa que nos serve de lar, às roupas que vestem o corpo, ao local em que trabalhamos, onde recebemos o necessário para o sustento material, enfim, a todos os objetos que nos são úteis. Porém, teremos um dia que deixar isso para outros, e que os deixemos da melhor forma possível, a fim de que eles possam desfrutar dos objetos emprestados tanto quanto nós. Até o corpo físico temos que devolver à natureza. E essa devolução como é difícil para muitos.

Até aí, parece fácil, embora saibamos que muitos, possuídos pelo desejo de ter, se esquecem desse fato e se apegam a coisas, objetos, julgando ser deles, mas, quando desencarnam, não querem deixá-los e a eles ficam presos. Há uma parte mais difícil, que é amar nossos entes queridos sem apego. Quase sempre nos julgamos insubstituíveis junto daqueles que amamos, pensando amá-los mais que ninguém, e ser indispensáveis na vida deles. Apegamo-nos assim às pessoas, esquecendo que elas também são amadas por Deus e que somos companheiros de viagem, cabendo a cada um caminhar com seus próprios passos. E, ainda, muitas vezes nessas caminhadas, somos levados a nos distanciar um do outro, embora afetos sinceros não se separem. Podem estar ausentes, não separados. Deixar que nossos afetos sigam sozinhos, sem nós, é algo que devemos entender. É o desapego. Ao desencarnar, ausentamo-nos do convívio de nossos entes queridos e, se não entendermos isso, consideraremos essa ausência como separação definitiva. É preciso aprender a amar com desapego, ampliar o número de nossos afetos, sem a ilusão da posse. Se fomos chamados a nos ausentar, pela desencarnação, continuemos a valorizá-los, respeitando-os, ajudando-os. Estaremos no caminho do desapego, e continuaremos a amá-los da mesma forma.

Terminei de falar e lembrei-me de Luiz, de sua história, que poderia bem ilustrar este assunto. Convidei-o a falar de si, para toda a classe, sabendo que sua narrativa seria importante para todos nós. Luiz começou a falar:

- Minha vida transcorria com normalidade. Minha família e eu vivíamos numa propriedade rural, onde ganhávamos o pão com trabalho honesto. Apesar de muitas dificuldades, éramos felizes, pois aprendemos com nossos pais a trabalhar e confiar em Deus. Estava com cinquenta anos, ao desencarnar. Quando me dei conta, sem saber quanto tempo havia passado, vi-me num ambiente agradável e fraterno. Passados uns dias, senti, lá no fundo, preocupação com minha família, e isso aumentava a cada instante.

Quando o médico que nos atendia, chegou para a visita diária, externei minhas preocupações, que se transformavam numa grande angústia quase insuportável. Com muita atenção e carinho, esclareceu-me que eu havia morrido, desencarnado, e que estava num Posto de Socorro, salientando que aquilo era percepção psíquica do estado mental por que passava minha família,

naquele momento difícil. Eu sentia daquele modo, porque era como se vivesse cada um dos pensamentos e angústias da minha esposa companheira e de meus filhos. Explicou-me também que todo sentimento muito forte, em relação a uma ou mais pessoas, nos une mentalmente a elas, e que estamos ligados pelo amor ou pelo ódio. Eu estava ligado aos meus, por afeto. Ensinou-me também que eu, no momento, não podia

fazer nada por eles a não ser orar, pedindo a Deus que lhes concedesse paz, amor, harmonia e a aceitação do ocorrido, pois a morte de um ente querido é quase sempre muito dolorida.

É um fato que irá acontecer em todas as famílias, não por estarmos sendo punidos, mas sim por circunstâncias naturais do ciclo da vida. E, para que haja vida, é necessário o nascimento e a morte. Deveríamos aceitar o fato assim como ele é, não como queríamos que fosse.

Aquele ensino dirigido a mim, com palavras tão carinhosas, não foi suficiente para aplacar minha angústia e preocupação, que aumentaram por saber que estava morto, desencarnado.

Minha decepção e frustração eram terríveis, pois fora, durante toda a vida física, muito religioso e "temente" a Deus. Obedecia sem questionar, como lei, a catequese de minha

religião e acreditava nas palavras daquele que se dizia digno da possibilidade de doar bens divinos. E agora! – pensava aflito. - Estava morto e não estava no céu, em paraíso nenhum!

Não vira Jesus Cristo! Mas, ponderava para mim mesmo, estava sendo bem tratado num local muito limpo e com carinho. O enfermeiro de plantão, Antônio, do qual me tornei amigo, dava-me toda assistência e nada me faltava. Mas tudo aquilo não foi suficiente para aplacar minha decepção e desejo de estar junto dos meus.

Pensei muito, encontrei aqui tudo muito diferente do que imaginava. Mas, se existisse céu como acreditava, as pessoas que fossem para lá, teriam, para ser felizes, que perder a individualidade. Porque, para mim, nenhum lugar seria um paraíso, separado dos meus. Achava que tudo que desfrutei, quando encarnado, eram posses minhas: casa, sítio e família. Os bens materiais, adquirei-os com trabalho honesto, mas eles não me importavam, ainda mais que os deixei para os que amava.

Chamei o enfermeiro e perguntei se poderia falar com o responsável por aquele hospital. Logo ele voltou com a resposta que, como eu estava bem, iria ter alta no dia seguinte e nessa ocasião o diretor falaria comigo. Não consigo descrever como senti lento o tempo que esperei até o momento da minha liberação do hospital.

O que agravou bastante meu estado emocional foi o conflito de pensamentos, a preocupação com a família. Eu estava morto, sem estar preparado para o mundo que encontrei. Não sabia onde me encontrava, nem o que ia fazer na nova vida.

Sentia os familiares em dificuldade e não tinha mais o corpo físico. Como ajudá-los?

Foi em meio a todo este conflito e perguntas sem respostas que chegou Antônio, com roupas novas para mim, pedindo que me trocasse, pois o diretor do hospital estava à minha espera para a entrevista tão desejada.

Aqueles palavras caíram como bomba em cima de mim, pois até então eu estava sendo bem atendido. As minhas dificuldades eram somente os conflitos dos meus pensamentos. Depois dessa entrevista, seria liberado, e para onde iria? Iria fazer o quê? O que um morto faz? Onde realmente estava? Foi com uma sensação indescritível de desamparo, que me pus a caminho, com Antônio.

Mas qual não foi minha surpresa, quando fui recebido pelo diretor. Se me sentia desamparado por Deus, ao ver aquela pessoa bondosa e atenciosa, senti logo o amor que emanava dele. O mal estar desaparecia à medida que conversávamos, chegando a ponto de não me sentir mais decepcionado por não ter me encontrado com Jesus Cristo, pois encontrava ali um representante Dele.

Com muito amor, o diretor foi me explicando tudo e delineando a minha recente maneira de viver, com nova acomodação e afazeres. Passado um tempo, acostumei, assumi a nova vida e gostei muito do local em que vivia. Era deveras bom, lugar de muita harmonia e fraternidade. Mas continuava a sentir minha família em dificuldades.

Explicaram-me que, em breve, minha família se acomodaria com a nova situação. Com o passar do tempo, sentia minha companheira mais conformada com a falta, porém ela estava angustiada e o motivo não era a minha desencarnação, mas uma de minhas filhas.

Como eu não estava suportando senti-los com dificuldades, comecei a ter remorso que, aos poucos, foi aumentando. Que esposo, que pai fora eu? Enquanto eles sofriam, eu vivia num lugar extraordinariamente bom. Fui falar com meu superior e confessei minhas preocupações. Ouvi dele conselhos e explicações, pois eu não tinha conhecimentos suficientes para ajudá-los. Mas, apesar de todas as recomendações, não mudei de atitude, achei que, se nada pudesse fazer por eles, iria sofrer junto. Não queria ter aquela vida maravilhosa e saber que eles sofriam. Seria solidário com eles: se chorassem, queria abraçá-los e chorar também; se eram perseguidos, que me perseguissem; se machucados, que sentisse a dor de suas feridas.

Pedi, insisti para voltar ao lar. Diante de minha atitude, meu superior autorizou a volta. Nossos desejos são sempre respeitados, quis voltar e o fiz. Apesar das explicações e recomendações, pensei estar preparado. Mas não estava. As dificuldades foram muito maiores do que esperava.(3)

Chegando em casa, deparei com dois mal encarados, espíritos perturbados na maldade. Ao me verem, perguntaram-me se viera ver os familiares sofrerem. Eles obsediavam uma de minhas filhas e estavam prejudicando, infernizando toda a família. Quis impor a minha autoridade, pois era o chefe daquele lar, dono daquela propriedade. Quis expulsá-los, porém eles se recusaram a sair. Isto me levou a ficar nervoso e era o que eles precisavam para que eu me perturbasse, ao contato com a vibração ambiente. Senti primeiro uma violenta dor de cabeça e logo em seguida uma agonia, como se tivesse desencarnado naquele instante. Perturbei-me por algum tempo, mas não sei precisar quanto, e esse meu estado só piorou a situação dos meus. Voltei ao equilíbrio depois, numa reunião espírita, onde me senti unido a uma pessoa, havendo outra conversando comigo, explicando-me que eu precisava de auxílio e que Deus, através de seus enviados, estava me socorrendo.

"Preciso ajudar os meus" - respondi.

"Para auxiliar é preciso ter condições" - esclareceu o orientador encarnado dessa reunião. "Não se preocupe, os seus também estão sendo atendidos e, assim também, os agressores de sua família. Se não se quiser ter inimigos, é necessário torná-los amigos. Estamos providenciando para que isso seja um fato."

Senti-me melhor e o orientador me convidou:

"Amigo, queira o socorro oferecido, vá viver uma vida digna de um desencarnado. Será que é este o tipo de vida que seus familiares desejam para você?"

"Não" - falei -, "eles me querem bem, pensam que estou no céu e que sou feliz."

"Por que você não faz o que eles querem? Por que não aprender a amar com desapego? O amigo não está esquecendo que eles são, como você, filhos de Deus? Se você foi chamado a viver de outro modo, é porque findou seu tempo como encarnado.

(3) É normal querer auxiliar os que amamos. Mas só ajudamos quando preparados e, para esse preparo, não temos tempo determinado. Dependendo de muitos fatores, é rápido para uns e demorado para outros. Podemos ajudar com conhecimentos e segurança, quando os orientadores do local que nos abriga, nos julgam capazes. Mas, mesmo assim nossa ajuda é limitada, pois cada qual tem a lição que lhe cabe fazer. (N.A.E.)

E não será egoísmo a felicidade que se desfrutar numa casa de auxílio no Plano Espiritual, se a conseguiu por merecimento e afinidade. Faça o que tem que ser feito. No momento é viver num abrigo para desencarnados, estudar e trabalhar, sendo útil como fez quando encarnado. Vai, amigo, fazer o que lhe é devido, não se envergonhe de ser feliz, porque, ao estarmos bem, irradiaremos alegrias que beneficiarão os outros."

Mais tarde, na Colônia, já adaptado, é que vim a saber que minha outra filha namorava o filho de um senhor, dirigente de um Centro Espírita, e o rapaz, vendo o que acontecia em minha casa, pediu ajuda ao seu genitor e esse auxílio não se fez demorar.

Naquela ocasião, fomos todos orientados no Centro, os dois espíritos que os atormentavam e eu. Com nosso afastamento, a situação melhorou muito. Minha esposa pensou ter alcançado uma graça que pedira a uma santa e a uma senhora desencarnada na cidade, tida como milagreira, por ter sido boa quando encarnada. Soube, mais tarde, que essa senhora não pôde na época ajudá-los. E meus familiares nem ficaram sabendo que receberam tanto de desconhecidos, de um Centro Espírita.

Hoje, estou bem, visito-os sempre e tento ajudá-los dentro dos meus limites. Uma família grande sempre tem problemas, mas não me desespero quando não tenho como auxiliá-los.

Luiz deu por finda sua narrativa, deixando-nos silenciosos.

Talvez porque todos nós já tivéssemos passado por problemas parecidos e estávamos dispostos a aprender a amar sem apego.

Após a aula, meditei sobre o assunto. Muitos encarnados me têm pedido ajuda, talvez por acharem que posso muito, ou pelo que escrevo, através de livros. Porém nada sou, pouco posso. Esforço-me, isso sim, para aprender e trabalhar, pois almejo caminhar no Bem, rumo ao progresso. Devido às minhas tarefas, não posso atender a esses pedidos, porém eles não ficam sem resposta. A personalidade, aqui, não é cultuada. Os bons espíritos atendem em nome da fé, da sinceridade, sem se importar de quem vem o pedido. Muitos, que os encarnados nem conhecem, são ativos no Plano Espiritual e atendem essas solicitações. Constituem-se em obreiros, samaritanos, humildes trabalhadores dos Centros Espíritas, desencarnados amigos e protetores dos que pedem. Fazem por amor, apenas pelo prazer de servir.

Deve-se pedir a Deus, a Jesus, ao anjo protetor, que os bons desencarnados atendam e ajudem no que seja possível.

Concluí meus pensamentos com a certeza de que amo muito e que minha família aumenta constantemente, pois quero amar toda a humanidade. Mas tenho, pelos meus, imenso e infinito carinho, só que com desapego. Amo-os sem posse. É o que todos nós devemos fazer: amar com desapego.

Um Pedido Diferente

Ao sair da classe, fui informada que havia uma visita para mim e me aguardava no jardim em frente da escola. Ao aproximar-me do local, veio ao meu encontro uma moça extremamente agradável.

- Patrícia! Sou Elisa! Gostaria de conversar com você.

- Oi, Elisa, como está? Sentemos aqui.

Convidei-a e nos acomodamos num banco embaixo de uma frondosa árvore. Minha recém conhecida falou de modo delicado.

- Patrícia, vim lhe pedir uma ajuda muito especial. Na Casa do Escritor, me informaram que a acharia aqui. Antes porém, fui procurá-la num Centro Espírita, em que, disseram-me, você se manifestava. E, lá, me decepcionei, porque a manifestante não era você.

Sorri, compreendendo.

- Elisa, isso tem ocorrido. Gosto de Centros Espíritas e muito mais ainda da Doutrina, que já abraçara encarnada. Após meus estudos de Reconhecimento do Plano Espiritual, só fui a alguns Centros Espíritas para conhecer e estudar, não os tenho visitado mais. Quando vou à Terra, apenas vejo meus familiares e, quando dá, visito somente o Centro Espírita que meus familiares freqüentam, para estar com eles e rever amigos. Isto porque optei por estudar e trabalhar com desencarnados em Colônias.

- Pensei que você estivesse ditando mensagens por outros médiuns - falou Elisa.

- Tudo o que faço e que farei é com muito amor - repliquei.

- Não é meu trabalho desenvolver médiuns, pois é tarefa que exige muito preparo e paciência. Também não tenho como incumbência ser protetora de ninguém, nem escrevo por outros médiuns, a não ser por minha tia Vera. Isto porque nós duas nos reparamos durante anos, quando estávamos desencarnadas, para esse trabalho. Reencarnamos e tivemos, na vida física, grande afinidade, conseguia transmitir a ela o que pensava.(4)

Após programar nosso trabalho, nós o executamos com dedicação, para que saia o melhor possível. Tenho recebido muitas manifestações de carinho por estes livros, e meu afeto por todos é sincero e profundo. Gostaria de estar perto daqueles que desejam minha presença, mas é impossível, porque meu trabalho é nas Colônias e não tenho condições de estar em muitos lugares ao mesmo tempo.(5)

- Você vai visitar muito seus pais? Comunica-se no Centro Espírita que eles freqüentam

- Estou com eles sempre que me é possível. Meus familiares e eu somos espíritos afins, unidos por um afeto puro e desinteressado. Na reunião que eles freqüentam, não se valoriza o nome do comunicante, mas, sim, o bem que sua presença ou comunicação proporciona aos que estão presentes, sejam encarnados ou desencarnados. Quem organiza a parte espiritual é nosso grande amigo Artur e seus colaboradores que são uma quantidade enorme de Josés, Anas, Joaquins, Marias, Antônio e muitos outros nomes comuns esquecidos dos homens, mas conhecidos de Deus. Meu pai nunca me invocou nem dei comunicação de forma espontânea. Reconheço que,

nessas reuniões, sou aprendiz e que meu pai, encarnado, sabe muito mais do que eu. E, quando lá vou, o faço para escutar e aprender. Mas você veio pedir ajuda. De que se trata?

(4) - Fato presenciado pelos familiares. (N.A.E.)

(5) - Eu, Patrícia, autora dos livros Violetas na Janela, Vivendo no Mundo dos Espíritos, A Casa do Escritor e este O Vôo da Gaivota, afirmo que não me manifestei e nem tenho me manifestado em nenhum lugar ou Centro Espírita nem por nenhum outro médium, seja pela psicografia ou pela psicofonia. Recomendo muita cautela a esse respeito. Para que entendam bem o processo, sugiro que leiam e meditem sobre o capítulo "O Engano" do livro Aconteceu, de Antônio Carlos. (N.A.E.)

(6) - Agora que trabalhamos neste livro, como sempre com muito carinho, vou só nos horários certos para ditar à tia Vera. Continuo a estudar e a lecionar nas Colônias de Estudo. Por opção, volto à Terra só para este trabalho. (N.A.E.)

- Sei que os trabalhadores da Colônia Casa do Escritor têm atendido, em seu nome, inúmeras pessoas. Estou ciente também que ao pedirmos nem sempre seremos atendidos por a quem fizemos as rogativas, pois muitas vezes são outros espíritos que nos socorrem. Entretanto, me foi permitido vir até você. Moro na Colônia Perseverança, trabalho como enfermeira em um dos hospitais, mas estou de licença, para cuidar de um assunto particular. Porém, analisando bem o problema que quero resolver, compreendi que não tenho como fazê-lo sozinha. Conversei com um socorrista do Umbral e ele me informou que, para esse tipo de trabalho, seria aconselhável pedir ajuda a um Centro Espírita, a uma pessoa que possua preparo especializado para a tarefa. Ouvi, surpresa, ele me dizer que seu pai poderia me ajudar. Em vez de ir logo ao Centro Espírita onde ele trabalha, vim primeiro até você. Se considerar conveniente e me encaminhar a eles, o grupo do qual seu pai faz parte certamente me ajudará.

- Certamente - respondi rindo. - O que não fazem os pais pelos filhos? Você pensou bem...
Achando que me devia mais explicações, Elisa continuou a falar.

- Fui, quando encarnada, muito doente. Logo que desencarnei, socorreram-me. Recuperei-me rápido e gostei da nova vida e da Colônia para onde fui levada. Era ainda jovem, vinte e três anos, e deixei na Terra meus pais e dois irmãos, que muito me amam e que me ajudaram muito com suas orações. Estava contente, estudava e trabalhava. Foi então que algo começou a me inquietar, de vez que sentia grande necessidade de recordar minha encarnação anterior, por certo ligada a acontecimentos que, talvez, tivesse que solucionar, por isso sentia muita vontade lembrar. Fui, então, procurar ajuda no departamento próprio e pedi para recordar meu passado. Estudando meu pedido, o pessoal especializado me atendeu e pude recordar. Compreendi que minha preocupação era com um espírito, a quem sou muito ligada; pois inquietava-me por ele, só que não sabia onde estava, e quis encontrá-lo. Após algumas pesquisas, tomei conhecimento de que Walter está desencarnado e em um local do Umbral. Sinto culpa por ele ter caído no erro e estou triste por ele estar lá.

Elisa enxugou as lágrimas, aquietando-se por alguns segundos; respeitei seu silêncio, aguardei e logo ela continuou:

- Walter está no Umbral, numa fortaleza, e o chefe do local é muito perigoso.

- Ele pediu ajuda? - indaguei.

- Não, não tem condições para isso. Se tivesse pedido, um socorrista já o teria tirado de lá. Ele está muito iludido, completamente perturbado. Sofre, esquece do Pai Maior e julga-se também esquecido.

- Socorrer alguém sem que ele queira é difícil - falei.

- É por isso que venho pedir para você me ajudar. Se o tirarmos de lá e o levarmos ao Centro Espírita, para receber orientação, através de um médium de incorporação, ele irá querer o socorro - falou Elisa esperançosa.

- Elisa, por que Walter está perturbado?

- Resgate, Patrícia, mas também pelos tóxicos. Sei que é uma ajuda difícil. Drogados dão muito trabalho, ainda mais os que não querem socorro. Mas eu o amo tanto!

Seus olhos meigos encheram-se novamente de lágrimas.

Sorri, animando-a e pedi:

- Conte-me tudo.

- Sabendo onde Walter estava, fui à Colônia a que aquela região do Umbral está vinculada.(7) Pedi a eles informações, inclusive por "vídeos"(8), para conhecer o lugar. Entristeci-me mais ainda. O local era horrível. Chama-se Túnel Negro, e consiste numa construção que tem só um portão de entrada. O chefe desse lugar chama-se Natan e, juntamente com outros desencarnados afins, ou seja, um bando, fazem experiências com os toxicômanos desencarnados que vão lá. Muitos ali sofrem horrores. Indaguei aos instrutores como faria para libertá-lo lá e eles me disseram que, num ambiente trevoso daquela espécie, seria necessário algum espírito ou espíritos que tivessem conhecimentos em manipular forças primárias. E um encarnado o faria com mais facilidade, pois os desencarnados, mesmo sendo bons, teriam limitações já que não mais possuem vibrações primárias.(9) Também não bastaria só tirá-lo daquele lugar ruim, porque, liberto, não se poderia trazê-lo para um socorro que não quer, por estar revoltado, abobalhado e perturbado. Não poderia deixá-lo vagando no Umbral, porque seria novamente enturmado a seus afins e talvez ficasse em condições piores ou, então, cairia em outras armadilhas que só lhe trariam sofrimentos, e poderia também vagar entre os encarnados, da sua mesma espécie, prejudicando-se mais. Para ajudá-lo a querer regenerar-se, aconselharam-me que teria que orientá-lo, fazendo com que entendesse que estava errado. Mas, no estado em que se encontra, não irá me escutar. Tendo o choque da incorporação, receberá do médium e dos orientadores, encarnados e desencarnados, que sustentam a reunião, o equilíbrio de energias psíquicas de que necessita. Receberá mais, se o médium for equilibrado, e compreenderá seu estado desencarnado. Também, recebendo uma boa orientação, irá querer o socorro e assim eu o ajudarei. o Como vê, seu e encaixa bem na ajuda de que preciso.

Fez uma pausa e continuou:

- Walter desencarnou jovem, completamente dominado tóxico. Foi assassinado após uma briga com outro companheiro de vício, e está tão perturbado que nem sabe o que lhe aconteceu. Patrícia, você poderia pedir por mim esse favor a eu pai?

- O chefe não irá gostar se o tirarmos de lá - eu disse.

- É... Não irá gostar - Elisa respondeu preocupada.

- Você e eu não podemos - expliquei -, não temos conhecimentos e nem sabemos como abordar esse chefe e seus seguidores. Para enfrentar desencarnados trevosos, não basta

só ser bom, é preciso saber como manipular o elemento primário que compõe a estrutura física da Terra. Essa força é uma só e os bons a usam para o Bem, porém os maus, para dominar, destruir e se impor. Esse chefe possui tais conhecimentos, é inteligente e, assim, precisamos de alguém que o enfrente à altura. Vou levá-la até meu pai, certamente ele e seus companheiros desencarnados poderão orientá-la. Meu pai, antes de reencarnar, trabalhou muitos anos como socorrista no Umbral, e conhece a região muito bem.

(7) - O Umbral é separado, para melhor haver socorro, por regiões que estão vinculadas a uma Colônia. Ex.: uma cidade de encarnados tem seu Umbral, Postos de Socorro e Colônia. As regiões como as cidades do Umbral têm nomes e essas designações são muito repetidas.

(N.A.E.)

(8) - A palavra "vídeo" foi usada apenas como identificação, para que o leitor tenha uma idéia aproximada do que seja o aparelho. (N.A.E.)

(9) - Vibrações ou energias primárias são mais materiais, as quais espíritos ligados à matéria possuem e encarnados também, por terem o corpo físico. Espíritos bons e

esclarecidos normalmente não as possuem, pois estão mais voltados para o plano espiritual, mas podem comandar os que as têm. Elisa se referiu a quem lhe deu informações, a ela e a mim, já contando com minha ajuda. Para auxiliar espíritos trevosos é necessário saber, e nós duas não havíamos aprendido. E quem manipula as forças primárias são os que já se libertaram dos condicionamentos do mundo físico, pois a natureza obedece as suas ordens. (N.A.E.)

E agora, encarnado, ele vai muito lá prestar socorro, quando está desligado do corpo físico pelo sono. Com certeza, irá conosco tirar seu ente querido, do Túnel Negro. Como a equipe que trabalha no Centro Espírita também é laboriosa e dedicada, ela poderá nos acompanhar e ajudar nesse socorro.

- Patrícia, foi difícil para mim entender que um encarnado tem condições de ajudar a desencarnados que necessitam. Antes pensava que os encarnados só poderiam ajudar, em reuniões de desobsessões, no Centro Espírita. Achava que só os desencarnados pudessem ir ao Umbral.

- Claro que não - respondi. - Muitos desencarnados trabalham socorrendo e ajudando; no Umbral. Como também muitos encarnados, desligados do corpo físico pelo sono, vão ao Umbral e às suas cidades, para confabular com espíritos afins suas maldades, brigas, vinganças e, também, vão muito às suas festas.

- Os socorristas não têm medo? - perguntou Elisa se assustando.

- Não. Todos nós, não importando se estamos vivendo num corpo físico ou não, quando queremos e sabemos, somos muito úteis no trabalho de socorro, no Umbral. Aqueles que sabem, devem fazê-lo, pois lá temos muitas oportunidades de praticar o bem. Quem sabe é porque aprendeu, e os conhecimentos são tesouros adquiridos. Não é certo pensar que só desencarnados têm como ajudar no campo espiritual. Muitos encarnados também o têm, e o fazem. Devemos pensar que os desencarnados, que hoje ajudam com eficiência, serão os encarnados de amanhã. E dos que estão no Plano Físico, muitos foram os que socorreram com êxito anteriormente. Meu pai nesta encarnação é um homem comum, com todos os problemas de uma pessoa vinculada às necessidades da vida física, mas também trabalha espiritualmente.

Vai muito ao Umbral embora seu tempo seja limitado pelo corpo físico. Ele é conhecido pelos maus, na região umbralina onde trabalha, como feiticeiro. Talvez porque, durante centenas de anos, trabalhou no Umbral, onde adquiriu muitos conhecimentos.

- Patrícia, Natan, o chefe do Túnel Negro, é rancoroso.

Conosco ele não poderá fazer nada, por estarmos fora do espaço de sua ira, mas e seu pai?

Certamente esse chefe do mal ficará sabendo que foi o Sr. José Carlos quem nos ajudou.

Estando seu pai encarnado, Natan poderá atingi-lo.

- Meu pai ama de forma especial esses desencarnados que temporariamente estão no caminho do mal. E, quanto mais espíritos trevosos o pressionam, mais ele se lembra do passado, aperfeiçoando-se pouco a pouco na forma de lidar e ajudá-los. Com ele trabalha uma equipe de desencarnados afins que lhe darão suporte. São companheiros de trabalho e tenho certeza de que a ajuda será bem maior do que você pensa.

Elisa sorriu, esperançosa. Mas, por ter que voltar aos meus afazeres, despedimo-nos. Nessa época em que trabalhava na Colônia Vida Nova, tinha muito tempo livre e fui com ela aventurar-me na ajuda que, para mim, constituiu um trabalho diferente.

No horário marcado, encontrei-me com Elisa e voltamos até meu lar terreno. Lar é sempre o lugar onde somos amados, e eu me sinto muito amada. Ali era minha ex-casa terrena, mas sempre o meu lar. Na sala, chamei por meu pai e, ele, despreendido do corpo físico, veio ao meu encontro.

- Papai..

- Patrícia, minha filha! Abraçamo-nos. E vendo que tínhamos visita, sorriu cumprimentando-a.

- Papai, esta é Elisa. Necessita de sua ajuda.

- Sim..

Contei-lhe tudo.

- Vamos ajudá-la. Patrícia, procure saber de todos os detalhes sobre esse lugar e, amanhã à noite, iremos lá, para que possamos planejar como libertar Walter. Agora, necessito continuar um trabalho...

- Amanhã mesmo traremos Walter? - perguntou Elisa.

- Não - respondeu meu pai. - Amanhã visitarei o local e prepararei o Posto de Socorro que temos no Centro Espírita, para receber os que traremos do Túnel Negro, e também comunicarei aos meus companheiros desencarnados que trabalham conosco, para que também venham nos ajudar.

- Mas não vamos socorrer um só, o Walter? - Elisa perguntou novamente.

- Como ir lá e libertar um só? - disse meu pai. - E os outros? Como deixá-los? Se vamos socorrer, traremos todos os que querem ser libertados daquele lugar e os que estão, como Walter, incapazes de decidir.

- Elisa - eu disse -, quando temos ocasião de socorrer, devemos sempre fazer, tanto com os que sofrem como com os que se perderam no caminho do erro.

- Sr. José Carlos - Elisa falou novamente com sinceridade -, Natan, o chefe, é mau e...

- Mas é nosso irmão - respondeu meu pai

- Amanhá estejam aqui neste horário.

Despedimo-nos de meu pai. E, na Colônia despedi-me de Elisa, pois tinha uma reunião na escola. Combinamos de nos encontrar logo de manhã para irmos ao Umbral. Chegaríamos às proximidades do Túnel Negro para obter informações e conhecer o local.

- Ainda bem que vamos durante o dia! - exclamou Elisa.

- É - respondi rindo -, mas à noite voltaremos.

Fui à reunião, onde os instrutores do curso trocaram idéias sobre o resultado obtido. Essas trocas de informações são muito úteis e os instrutores aproveitam muito. Depois, fui até ao orientador geral da Colônia Vida Nova, onde eu estava temporariamente trabalhando, e pedi autorização para fazer um outro trabalho, nos horários de folga, no que fui autorizada. Esse outro trabalho seria a ajuda prometida a Elisa. O orientador geral de que falei, é o responsável pela Colônia. É tratado como muitas outras qualificações, tais como: governador, instrutor e etc. Trabalhando por pouco tempo ou por períodos indeterminados em um lugar, deve-se seguir as normas da casa, e tudo o que for fazer, além do programado, deve ser comunicado ou pedir permissão. No dia seguinte, encontrei-me com Elisa e partimos para a tarefa.

(10) - Para muitos desencarnados, chegar perto de um médium orientado no Bem, receber seus fluidos, é como receber um choque que o faz despertar do seu torpor. (N.A.E.)

O Mandante do Crime

Como combinamos, pela manhã, Elisa e eu fomos ao Umbral. O local que íamos observar ficava num vale enorme e muito sujo. Nós duas conhecíamos aquela região, pois tínhamos ido lá para estudo e algumas tarefas. Mas sempre temos algo novo para conhecer, todas as vezes que vamos a uma das suas áreas. O Umbral difere muito de uma região para outra. E nunca havíamos estado naquela parte. Elisa, como já tinha estado ali, me guiou. Nenhum espírito que já tenha algum conhecimento do Plano Espiritual, se perde no Umbral. Pode não achar o que procura e, se por acaso acontecer de não saber onde se encontra, é só pensar na Casa em que trabalha, a que está vinculado, para receber ajuda de um socorrista ou entrar em sintonia com os que estão lá e, em instantes, acha o caminho de volta. Pode também receber orientação no local em que se encontra.

Como era de dia, o local tinha claridade, embora escassa, à maneira do entardecer na Terra. Naquela região, havia muitas pedras com, mais ou menos, um a dois metros de diâmetro, a maioria cinza-escuro. O lugar era de pouca vegetação, com algumas árvores pequenas e tortas, pelo vento forte que costumava ter o lugar. Alguns filetes de água corriam pelo chão, de cor marrom e, às vezes, era somente barro.

Logo que chegamos às proximidades do Túnel Negro, vimos uma grande e sólida construção. Não encontramos nenhum desencarnado por perto, de vez que por ali não vagava ninguém. Isso era mau sinal, significava que o local era temido; em lugares assim, sofredores e moradores que não pertencem ao bando, nem passam perto.

Túnel Negro está localizado no Umbral, na parte fácil de visitar, ou seja, no local mais ameno. Muitos dos socorristas para se locomoverem melhor pela região umbralina, e terem facilitados seus trabalhos, classificam o Umbral de três modos: lugares amenos, medianos e profundos, de difícil acesso, onde estão os abismos, os buracos e onde existem quase só trevas. Nós nos acautelamos, porque tudo estava muito silencioso, embora, às vezes, ouvíssemos gritos alucinantes ou gargalhadas perturbadoras. Não posso deixar de pensar que, se quando encarnada visse o Umbral, pensaria estar vivendo um filme de extremo horror. Entretanto, é uma

das Moradas do Pai, e onde tantos irmãos nossos fizeram sua moradia. Alguns ali sofrem, outros reinam, mas existem aqueles que de lá gostam, pois se iludem, enfim são todos infelizes. A criatura só é ser infeliz quando se distancia do seu Criador. Uma trilha, um caminho, liga o Túnel Negro a uma cidade dos encarnados. Era de terra batida, contornando as pedras maiores. Íamos, assim, em ziguezague.

Qualquer um no Umbral nos veria, por vibrarmos diferente, porém, se quiséssemos, não seríamos vistas. Os socorristas, quando trabalham na zona umbralina, se tornam visíveis aos seus moradores, porque, assim, podem ser solicitados, facilitando os socorros. E, em visitas ao Umbral, temos sempre muitas oportunidades de ajudar e aprender.

De repente, ouvimos vozes e, para melhor observar o grupo que passava, ficamos atrás de uma pedra maior perto da trilha. Como eles estavam distraídos, não nos viram. Não queríamos que percebessem nossa presença. O bando que passou pela trilha, era de seis espíritos, todos de aspecto ruim, armados, com roupas de couro e de tecido grosso, e alguns enfeitados com colares. As mulheres estavam muito maquiadas. Gargalhavam e falavam alto. Passavam rumo à cidade dos encarnados.

Bem perto de nós, dois deles, um casal, distanciaram-se do grupo, pararam para conversar. E nós os escutamos confabular:

- Nenê - disse o homem -, vamos ver se o garoto toma a eira dose. Você sabe que é importante para mim vingar-me do pai dele. Orgulhoso e arrogante, sentirá, vendo o único homem viciar-se e se tornar um nada, um inútil como a iria dos viciados.

- Você não gosta mesmo de viciados - falou, rindo, a mulher...

- São uns fracos, uns bobos! - replicou ele. - Preste atenção, você tem que fazer com que alguma das mocinhas viciadas se aproxime dele e namore o garoto. E daí, apaixonado, ele estará a um passo de se drogar.

- O garoto costuma orar e não se afina com as meninas que se drogam. Será um tanto difícil..

- Não se queixe, trabalhe - falou ele autoritário -, fiz um grande favor a você e me deve este.

- Estou tentando...

Foram embora. Elisa não pôde deixar de comentar:

- Será que irão conseguir? Tomara que não!

- Como ela disse, é difícil forçar alguém que não se afina com as drogas, a usá-las - respondi. -

E, se o garoto tem hábito de orar, acredito que não irão conseguir. Os encarnados devem estar sempre atentos a todas as tentações, e seguir sempre o

bom caminho, que é seguro e não traz o arrependimento que machuca tanto.

- É certo ele se vingar de alguém querendo atingir seu filho? - indagou Elisa.

- Vingança nenhuma é certa ou justa. O melhor é sermos sempre bons e ficarmos longe do alcance destes desencarnados, ainda com esses impulsos. E, como percebemos, não será fácil eles se vingarem daquele indivíduo atingindo o filho. Mas, se o filho se afinasse com as drogas, não precisaria nem incentivos. Depois, quem ora com sinceridade, tem sempre alguém bom .a ajudá-lo e protegê-lo.

- Uá... á... - gritou alguém com voz soturna atrás de nós.

Elisa e eu voltamo-nos calmamente e ouvimos outro grito:

- Ai!..

Defrontamos com um desencarnado todo sujo, com os cabelos espetados e com as roupas em farrapos:

- Satanás três vezes! - falou ele repetindo a frase depressa.
- Que susto! Quis assustar e vocês me assustam. Vocês são horrorosas! Moças, estou só brincando, não me peguem.

Estava realmente assustado. Elisa me indagou:

- Patrícia, o que está acontecendo?
- Acho que ele tem o costume de assustar os outros, pelo Umbral.
- É isto aí! - falou-nos olhando com medo. - Sou o rei dos sustos. Hoje me dei mal...
- Assustou-se conosco? - perguntou Elisa.
- Como não? É difícil ver duas senhoras assim...

Pensou em dizer feias, mas não disse. Saiu correndo. Rimos.

Elisa comentou:

- Quem assusta, um dia acaba assustado.
 - Ele confundiu-se - falei. - Vendo-nos achou que tinha tudo para passar um belo susto.
- Conversávamos distraídas atrás da pedra e, ao nos ver de perto, se decepcionou. Normalmente brincalhões não costumam brincar com socorristas, pois os temem porque não querem, no momento, sair de onde estão e sabem que eles podem pôr fim às suas brincadeiras de mau gosto. Confuso, assustou-se.

Saímos de trás da pedra e voltamos à trilha, para logo chegarmos às proximidades do Túnel Negro. Escondemo-nos perto e ficamos observando. Não demorou muito, e dois sujeitos esquisitos, parecidos com o grupo que vimos, entraram na fortaleza sem problemas.

Aproximamo-nos atentas e com cautela, pois estávamos observando e não queríamos alertá-los. Se, entretanto, algo saísse errado, eles não nos atacariam, pois temos alguns recursos para sair bem dessas situações, como nos tornar invisíveis, voitar rápido e outros, que não devem ser mencionados no momento, para que não venham a ser do conhecimento de desencarnados moradores do Umbral.

Ficamos perto do muro do Túnel Negro, que é todo cercado por essa parede forte, larga e com, talvez, uns vinte metros de altura. É um muro de tom marrom-escuro. A fortaleza só tem um portão e, na frente dele, havia dois vigias, os quais pelo que vimos não estavam atentos, conversavam e, às vezes, iam para a parte de dentro. Conseguimos ver que após o portão havia uma sala onde uma mulher, atendente, dava informações e recebia a todos que chegavam. Não fomos lá para entrar, por isso cautelosamente só observamos tudo. Deu também para ver que, no meio da construção, existia uma torre bem alta, certamente o local de observação.

O movimento era bem pequeno, talvez pelo horário e também porque Túnel Negro não é lugar de muitas visitas e, sim, restrito aos moradores e viciados.

Depois de ver tudo o que nos interessava, saímos sem sermos notadas, não voltando pela trilha, mas, perto dela, a alguns metros ao lado.

- Patrícia - falou Elisa - vai ser difícil!
- Que nada, ânimo! Tiraremos Walter de lá.

Foi quando escutamos:

- Ei, sua branquela! Ei, neguinha! Podem me ajudar.
- Quê? - Elisa indagou.
- Por favor - corrigiu a voz -, as senhoras podem me ajudar?

No Umbral, escutam-se muitas coisas desagradáveis e às vezes obscenas, para as quais não se deve dar importância. Era voz, que nos parecia de alguém sofrendo, e fez minha companheira responder. Voltamos para o local de onde veio a voz e nos deparamos com um homem sentado no chão.

- O senhor está nos pedindo ajuda? - indaguei.

- Queiram me desculpar, pensei que não iam me ouvir ou atender.

- Está desculpado - disse Elisa. - Mas o que quer?

- São espíritos bons? Pela aparência e roupas só podem ser. Estou preso aqui e quero sair.

Nós o examinamos. Era um homem de uns sessenta anos, deveria ter essa idade quando desencarnou. Apresentava-se sujo, descabelado, machucado e permanecia sentado, porque estava acorrentado por uma pema, a direita, a uma estaca no solo.

Seria para nós bem fácil libertá-lo, pois a corrente, como tudo que existe no Plano Espiritual, é do mesmo material que o nosso perispírito. Poderíamos arrebentar a corrente com nossa força mental, porém devemos analisar sempre antes de conceder ajuda desse tipo, porque não basta só libertar. Temos de prestar atenção, para não prejudicar mais ainda o desencarnado preso. Se o libertássemos para onde iria? Que faria? Seria aprisionado novamente? Nesse caso, seria pior, porque sofreria mais ainda.

- Quem o prendeu? - Elisa indagou.

Olhei-o fixamente e convidei-o mentalmente a não mentir. Se o fizesse, logo saberia, lendo também seus pensamentos, eu teria a verdade. Fazemos isto facilmente com desencarnados fracos e com os que sofrem. Com os moradores do Umbral, com os que são maus e fortes, é bem mais difícil, porque para fazer isso com esses desencarnados trevosos tem que se treinar muito e saber usar bem esta habilidade.

O homem nos olhou bem, suspirou, enxugou algumas lágrimas e respondeu:

- Meu genro, ou melhor, meu ex-genro... Quando encarnado, fomos sogro e genro... Chamo-me Jacy e estou há tempos preso aqui.

- Não sai para nada? - perguntou Elisa.

- Não, meu genro vem sempre aqui, ora me bate, ora me traz o que comer e água. Ele é violento e mau.

- Por que ele o prendeu? - indaguei.

- É uma longa história. Soltem-me e, estando num lugar seguro, conto a vocês.

Elisa me olhou e me disse mentalmente:

"Vamos libertá-lo e, se não pudermos socorrê-lo, o deixaremos em outra área do Umbral. Por favor, Patrícia!" - rogou, notando que eu hesitava.

- Vamos soltá-lo - concordei.

Arrebentamos fácil a corrente e, como a perna dele estava inchada, ajudamo-lo a ficar de pé, mas ele gemia de dor. Apoiando-se em nós, retornamos à trilha rumo à cidade dos encarnados. Logo chegamos e nos sentamos na relva, num terreno vago, e Jacy, como prometera, contou sua história.

- Encarnado, fui um homem rico, não milionário, porém com muitas posses. Tinha cinco filhos, e uma das minhas filhas foi casada com esse que me prendeu. Ele tratava muito mal minha menina, batia nela, além de manter muitas amantes, gastando tudo o que possuía. Pensando ficar livre de tal peste, mandei matá-lo, pagando bem caro um assassino que o eliminou com um tiro. Ninguém descobriu, nem ficaram sabendo que eu fora o mandante. Mas ele, depois de

desencarnar, ficou sabendo e esperou que eu também desencarnasse, para me maltratar. Já lhe pedi perdão, mas ele não me atende...

- Pediu, de coração? - Elisa indagou.

- Sim, mas logo que desencarnei, sentia que, se voltasse ao passado, mandaria fazer tudo novamente. Depois, com o tempo, lá sozinho e preso, fiquei a pensar e entendi que estava errado. Não tinha o direito de tirar a vida física de ninguém.

- De fato, Jacy, não temos o direito de cortar a existência, num corpo de físico, de ninguém. Agora você está livre e o convido para se voltar ao bem, a pedir perdão a Deus e recomeçar a vida, auxiliando a si mesmo e a outros irmãos. Aceita?

- Vamos levá-lo a um lugar onde será hospitalizado, para sarar de todos seus machucados - falou Elisa delicadamente.

- Este lugar é bonito? - perguntou ele. - Ouvi dizer que onde os bons moram é fantástico.

- Sim - repliquei -, é maravilhoso para aqueles que querem mudar, mas desinteressante para quem cultiva os prazeres materiais. Você irá para um Posto de Socorro aqui perto.

- Obrigado - falou com sinceridade.

Nós o levamos para um Posto de Socorro da região localizado perto do Umbral. Tocamos a campainha, apesar de que esses Postos de Socorro têm sempre vigias e locais de observação, podendo ver quem se aproxima e, pelas vibrações, sabem também quem é. Os portões dos Postos normalmente são trancados, mas poderiam, só pela vibração, ser abertos, não necessitando bater ou tocar a sineta que existe em alguns. Porém esse bater é costume no Plano Espiritual, porque, ao parar no portão ou porta, o visitante é observado melhor. Em muitos Postos, quando o portão é aberto, defrontamo-nos com um hall ou sala, onde são normalmente atendidos quem os visita. Em casos de emergência, quando se está para chegar a essas casas de auxílio, pede-se mentalmente e o portão se abre ao se estar perto. Há casos também, em que os trabalhadores da casa vão encontrar-se com quem pede ajuda, para auxiliar. Esse bater é mais uma forma educada de visitar uma casa.

O portão foi aberto e fomos convidados a entrar. Explicamos para a senhora que nos atendeu, o porquê de nossa presença, e pedimos abrigo para Jacy. Atenderam-nos prontamente e, já no pátio, Jacy nos indagou:

- Vocês não iam me levar para um lugar lindo? Aqui é tão simples!

Entendi-o. Lugares bonitos se diferenciam pelo gosto. Para muitos, lugares lindos são de luxo e ostentação. Para outros, os que se afinam com a simplicidade, a maior beleza é a vibração de harmonia emitida por seus sustentadores. Para Elisa e eu, o Posto é muito bonito, com canteiros floridos a enfeitar o pátio, e árvores arredondadas de um verde muito agradável estavam entre os canteiros, cobrindo bancos nísticos, num convite às pessoas a se sentarem. O prédio, em formato de U, de três andares, é majestoso e tem janelas grandes, com flores no beiral em quase todas.

- O quê?! - falou Elisa, espantada. - Não acha aqui bonito?

- Pensei que fosse diferente - respondeu Jacy.

Deixamos Jacy acomodado numa enfermaria e voltamos aos nossos afazeres. Dias depois, fomos visitá-lo e nos informaram que Jacy saiu sem licença e foi para sua ex-casa terrena.

Agradecemos e partimos.

- Patrícia, vamos procurar Jacy?

- Elisa, ele fez sua escolha.

- Vamos ver o que ele está fazendo. Talvez esteja precisando de ajuda. E se o genro o pegou novamente?

- Está bem, vamos - respondi.

Foi fácil achá-lo. Quando ele nos contou sua história, deu todos os detalhes e até mostrou a casa onde morou. Nós o encontramos triste, a chorar na sala de sua ex-casa terrestre. Ali fora sua casa, mas não um lar, porque lar é união de moradores com afeto. É, para nós desencarnados, todo o lugar onde somos amados. Ao nos ver, chorou mais alto. Ele sofria realmente.

- Sou tão infeliz! Saí daquele lugar de luz e paz e vim para casa. Só encontrei erros e problemas.

- E por que saiu? - quis saber Elisa.

- Quis vê-los, tinha saudades.

- Deveria ter esperado. Quando pudesse, teria permissão.

- falou minha amiga.

- E agora, o que faço? Tenho medo! Quero voltar e não sei. Será que vocês me levariam de volta? Por favor, ajudem-me de novo! Sei que não mereço, sou um mandante de crime. Mas vocês são tão boazinhas!

- Podemos levá-lo - disse séria -, mas se prometer que será obediente, comportado e, logo que possível, deverá passar de servido a servidor. E tem mais: ser agradecido.

- Prometo fazer isso tudo.

Levamo-lo de volta.

Como é triste cometer erros e ter a própria consciência a nos cobrar, e não os que prejudicamos a fazê-lo. Consciência tranqüila e sem erros significa nossa tranqüilidade, porque a dor do remorso é terrível. Quem faz o mal, é insensato.

Vendo-me pensativa, Elisa disse:

- Patrícia, é para alertar as pessoas que você estuda tanto e deseja ensinar?

- Sim, por isso e por muitas outras coisas também. Porque, Elisa, aquele que sabe tem mais chance de acertar, e conhecer representa fazer com sabedoria. Somos livres por tudo por aquilo que sabemos e escravos pelo que não sabemos. Não devemos compactuar com o erro, mas amar a presença de Deus no pecador. Esclarecendo, educando, enfraquecemos o erro e fortalecemos o Bem nos que erram.

- Patrícia, admiro você!

Sorrimos. Viver tentando acertar é maravilhoso.

Túnel negro

Na noite seguinte, fomos, Elisa e eu, encontrar com meu pai. Minha amiga foi logo lhe passando os dados do Túnel Negro, com informações que obtive no Posto de Socorro do Umbral, das imediações do local onde Walter estava.

- Obtive os dados com o orientador do Posto de Socorro Caminheiros de Jesus - explicou Elisa. Colônias ou Postos de Auxílio têm quase sempre a previsão exata de quantos desencarnados vagam pelo Umbral, e de quantos moradores existem em suas cidades. Isso, no seu espaço espiritual, para facilitar socorros e orientar socorristas. Assim, tínhamos nas mãos um mapa do local, com as medidas de todos os compartimentos do Túnel Negro. Seu chefe era mesmo o Natan. Estavam anotados quantos colaboradores ele tinha, quantos escravos e abrigados, como

também todos os detalhes importantes da fortaleza, por dentro. Meu pai leu todos os dados e entregou a folha a Elisa. E nos convidou:

- Vamos!

Volitamos até o Umbral e, lá, fomos andando. Observamos tudo. Perto do Túnel Negro, paramos e examinamos bem o local. Ficamos ali poucos minutos e voltamos.

- Amanhã voltaremos - disse meu pai -, só que um pouco mais tarde, e de lá tiraremos os que quiserem sair. Agora, vou ao Posto, junto ao Centro Espírita, para organizar tudo.

Estávamos caminhando, Elisa e eu mais próximas, e meu pai a uns dois metros de distância, quando ouvimos:

- Café com leite! Uma branca, outra negra! Leite com café!

O desencarnado que falou, riu alto, gostando do que dizia.

Elisa o observou e dirigiu-se a meu pai.

- Sr. José Carlos, por que tanto preconceito? Ontem mesmo, por aqui, nos chamaram de branquela e negrinha.

- Muitos ainda dão valor ao exterior de tudo, até das pessoas. Preconceito racial tem sido a causa de muitas desavenças terrenas, pois longe estão de entender o que a pessoa é realmente, vendo somente o exterior, criticam tentando ofender. Esse indivíduo tanto quis ofender a uma como a outra. Tivemos e teremos com certeza muitas existências, vidas físicas, pertencendo a várias raças. A cor da pele muda conforme nossa necessidade de aprendizado, ou por reencarnarmos em determinado local da nossa Terra. Podemos ter sido vermelhos, amarelos, negros e brancos. Aqui no Umbral também há preconceitos e muitos. Existirão preconceitos até que entendam ser temporário a pessoa vestir um corpo branco ou amarelo. Nosso espírito é e será o mesmo. Devemos tirar lições dos diferentes modos de ser externamente, para nosso aprendizado e progresso.

Meu pai fez pequena pausa e concluiu:

- Muitos têm medo de olhar para dentro de si mesmos, porque só irão encontrar inferioridade e o grande vazio do nada. E, sem a comunhão com a vida, quase sempre o preconceito racial vem à tona. Assim, não gostam de olhar os mais evoluídos que eles, pois, ao vê-los, confirmam sua própria pobreza. Eis a razão da maledicência. Ao denegrir a imagem do próximo, sentem-se melhores que os alvos de suas críticas. Ainda não conseguem ver, reconhecer todos como irmãos.

- Eu, se quisesse - disse Elisa -, poderia, agora que possuo um corpo perispiritual, ser diferente. Modificá-lo e ser branca ou com feições orientais, mas a cor não me faz diferença. Amo todas as raças e permaneço como fui em minha última encarnação.

- Para os que compreendem, o exterior não faz diferença - disse rindo meu pai. - Uma de minhas encarnações que recordo com carinho foi na Índia, em que fui bem escuro, quase negro.

Eu também já recordei muitas de minhas existências. Também já vesti um corpo físico negro e isso não me fez diferença, pois tive nessa encarnação alegrias, tristezas e problemas comuns de encarnada, como em todas as outras oportunidades. Senti-me bem em ser negra! Meu pai tem razão, tudo é temporário, tudo passa e nós ficamos com o proveito de cada encarnação.

Despedimo-nos. Cada um voltou aos seus afazeres. Eu voltei à Colônia Vida Nova, Elisa, ao hospital da Colônia Perseverança e meu pai, ao Posto do Centro Espírita. No outro dia, nos encontramos e nos juntamos a um grupo de vinte desencarnados, trabalhadores da equipe do

Centro Espírita, da equipe de meu pai. Conhecia quase todos. Cumprimentamo-nos alegres e rumamos para o Túnel Negro. Sabíamos que Natan estava sempre ausente à noite, quando se dirigia com frequência para perto dos viciados encarnados, dizendo que pesquisava o efeito das drogas nos corpos físicos. Saía sempre com seus colaboradores diretos. Logo chegamos. Íamos entrar meu pai, Elisa e eu, além de cinco da equipe, os demais nos esperariam por perto. O Túnel Negro por fora parecia mais com um castelo, desses europeus antigos, cor cinza e com algumas janelas pequenas. Natan não confinava seus moradores, que ali entravam e saíam quando quisessem, havendo prisões só para os que o desobedeciam. Mesmo os que ali estavam, e que eram usados para experiências, entravam conscientes do que ia acontecer, e muitos viciados procuravam o Túnel Negro em busca de drogas para uso próprio. É claro que, para conseguir o que desejavam, tinham que se submeter às regras da casa.

A entrada do hospital, assim eles gostavam de chamar o lugar, era vigiada. Natan não admitia falhas, e seus ajudantes o temiam. Os drogados desencarnados e também os encarnados desprendidos pelo sono físico, entravam ali facilmente. Muitos encarnados transitam pelo Umbral: uns, trabalhadores do Bem, para ajudar, outros à procura de seus objetos de prazer. Os encarnados viciados são bem-vindos em muitos lugares parecidos com o Túnel Negro, isso porque lá recebem incentivos para continuarem no vício e também orientação para viciar outros. São instruídos para continuar no erro e fazer o que eles querem. Pensam, esses encarnados, que estão com amigos e acabam como fantoches nas mãos deles. Os drogados vêm sempre ao Túnel Negro em busca das sensações que o tóxico lhes proporciona, e Natan, por aquela área do Umbral, tinha fama de alimentá-los no objetivo de seus desejos. Ficamos rentes à parede externa, perto da porta da frente. Os guardas estavam, no momento, do outro lado, quando meu pai, representando um viciado, entrou na saleta como se procurasse drogas. Veio atendê-lo uma enfermeira, ou atendente, uma desencarnada que anotava tudo o que se passava por ali. Acostumada a receber encarnados, atendeu-o normalmente sem desconfiar de nada.

- Quero falar com Dr. Natan - disse meu pai.

- Ele não está no momento - respondeu a mulher.

- Chame-o para mim - insistiu papai.

- Não posso importuná-lo e não sei onde ele está. Você vai ter de aguardar.

- Vá chamá-lo, moça - falou meu pai -, trouxe um material que há tempos ele procura.

A mulher virou-se e entrou por uma porta indo à outra sala. Rapidamente papai nos deu sinal para entrar. Passamos da sala para um corredor e por muitas outras salas ou cômodos. Ali não havia enfeites como costumamos ver nas cidades umbralinas. Existiam muitos corredores e, para iluminar a casa por dentro, colocaram archotes nas paredes. Viam-se também alguns quadros com desenhos alucinantes, que tiravam a monotonia do cinza de suas paredes. Havia ali poucas cadeiras, parecia só ter o essencial. A casa possuía área de lazer e acomodações garticulares aos seus moradores, eram cômodos parecidos uns com os outros. As prisões eram celas pequenas e individuais.

Logo após, entramos numa grande sala e nos separamos em grupos; meu pai entrou no laboratório, olhando tudo sem mexer em nada. Possuía bons equipamentos, demonstrando que Natan e sua equipe eram estudiosos. As salas em que entramos, eram chamadas de enfermarias e sabíamos que numa delas Walter estava. Esses locais em nada lembravam os da

Colônia de Socorro, ou mesmo os que existem em hospitais terrenos. Estávamos perto do laboratório, quando, pegos de surpresa, os guardas que estavam dentro da casa não reagiram, pois foram imobilizados pela força mental de nossos amigos.

Quando entramos na enfermaria, a visão que tivemos foi tão patética, quanto horripilante. Não havia leitos, só umas espécies de cabides nas paredes e com vários desencarnados como que dependurados, como se fossem roupas velhas. Elisa e eu ficamos perplexas diante de tão triste visão. Minha amiga sufocou um grito, quando viu Walter entre eles... Correu ao seu encontro, tirou-o de lá e ele caiu em seus braços. Meu pai veio até nós e, em fração de segundos, foi tirando todos e colocando-os diante da porta, para que nós duas os encaminhássemos para a saída. Não conseguíamos movê-los. Apavorada, indaguei a meu pai:

- Que faço?

- Empurre-os!

No corredor havia carrinhos, talvez para transportá-los. Colocamos todos dentro, pois não conseguíamos andar, e os levamos para fora. Quando passamos pela saleta da entrada, o alarme tocou forte e estridente, parecendo uma buzina alta. A fortaleza foi vasculhada por nós, e todos os que quiseram sair, foram tirados de lá. Fizemos, então, uma fila, dando as mãos, e os puxamos até o vale, perto do Túnel Negro, onde os outros da equipe nos esperavam. Alguns dos desencarnados que estavam presos, foram amparados. O castigo para eles era ficar sem o hipnotismo de Natan e, sem isso, privados da droga, mostravam-se desesperados. Tínhamos pressa, porque os guardas imobilizados logo voltariam ao normal e poderiam vir atrás de nós ou chamar por Natan, e não queríamos um confronto agora com ele. Precisávamos auxiliar todos os que queriam ajuda, e os socorridos estavam assustados, sendo que alguns não sabiam direito o que estava acontecendo e nos olhavam com medo.

Meu genitor falou para eles:

- Aqui estamos em nome de Jesus para ajudar os que querem. Levaremos vocês a um local de socorro, onde serão tratados com bondade e curados de seus males. Os viciados receberão tratamento especial e ajuda para se livrarem do vício. Convidamos todos a nos acompanhar, porque tiramos vocês de lá, mas levaremos só os que quiserem. Vamos prosseguir e os que não desejarem ir conosco, podem voltar.

Levaremos, porém, os que não estão em condições de decidir.

Muitos voltaram, inclusive alguns que estavam presos. Trinta desencarnados ficaram conosco e, juntos, fomos para o Posto do Centro Espírita. Já nos esperava a equipe médica, com os enfermeiros, e nos pusemos a trabalhar. Seriam feitos os primeiros socorros em muitos deles.

Walter e seus companheiros, que estavam dependurados, permaneciam inconscientes e completamente dependentes das sensações das drogas administradas a eles através do hipnotismo de Natan.

Desencarnados viciados iam ao Túnel Negro em busca das drogas, mas Natan hipnotizava-os, fazendo-os sentir como se tivessem desfrutando o objeto do seu desejo, como maconha, cocaína, heroína etc. Hipnotizados, esses imprudentes desencarnados serviam para experiências desse médico, que lhes sugava os fluidos vitais, para si e seus companheiros. Os viciados pensavam que tomavam as drogas, e assim também os que vagavam por ali. Julgavam que lá havia tóxicos. Natan não tinha nenhuma droga no Túnel Negro. E suas experiências eram cruéis. Os desencarnados se alucinam e se degeneram muito mais que os encarnados, com os tóxicos. Deformam seus perispíritos, sendo muito triste vê-los. Todos estavam muito magros, pálidos, sem

energias psíquicas, abobalhados e com o pensamento fixo nas drogas. Walter era louro, de cabelos curtos, mas de olhos fundos, vidrados, e os lábios roxos. Elisa o reconheceu mais por senti-lo do que visualmente. Isso acontece muito no Plano Espiritual, de uma pessoa reconhecer a outra apenas sentindo, pois o perispírito muda muito.

Todos os inconscientes e os semi-inconscientes foram medicados e colocados nos leitos. Os outros também tiveram os primeiros cuidados. Alguns dos colaboradores que serviam a Natan também ali estavam, mas desconfiados. Não eram viciados. Trocaram de roupa e ficaram conversando com os trabalhadores desencarnados do Centro Espírita que, gentilmente, os elucidaram em suas dúvidas.

Meu pai trabalhou na ajuda por duas horas e, após, voltou ao corpo físico. Muitos dos socorridos que não necessitavam passar por uma incorporação mediúnica, foram levados do Posto. Os viciados conscientes seguiram para hospitais no Plano Espiritual, próprio para eles. Alguns se dirigiram para suas Colônias de origem. Os servidores de Natan que pediram ajuda foram encaminhados para a Colônia na Escola de Regeneração para adaptarem-se à nova vida que lhes era oferecida. Permaneceram no Posto do Centro Espírita só os que precisavam passar por um trabalho mediúnico de incorporação, quando teriam a consciência retomada, inclusive com a transfusão de fluidos, e então poderiam escolher se queriam ou não a ajuda oferecida. Muitos desses desencarnados se mostravam com os perispíritos deformados pelo vício, pelos castigos e pelas experiências.

Encaminharam-se rapidamente os socorridos para as Colônias, por dois motivos: para começar imediatamente o tratamento que necessitavam, e para iniciar o aprendizado que os libertaria daquela subjugação. E, também, porque sabíamos que, se Natan os chamasse, acostumados que estavam a obedecê-lo, voltariam ao Túnel Negro e, nas Colônias, essa volta seria mais difícil, por estarem mais longe da Crosta e fora do alcance das mentes trevosas. Os que precisavam ficar no Posto, foram acomodados em quartos isolados, e aqueles que ainda não tinham consciência de sua situação, ficaram em leitos, amarrados, não podendo sair.

Agora, teríamos de esperar o dia certo em que encarnados e desencarnados se reuniriam para o trabalho de equipe, onde os nossos socorridos seriam orientados em uma sessão, junto aos médiuns da casa.

Elisa ficou no Posto, cuidando de Walter e de todos os que ali estavam, ajudando os trabalhadores desencarnados da casa.

Voltei aos meus afazeres nas salas de aula do curso que ajudava a administrar, esperando, ansiosa, o desenrolar dos acontecimentos.

Na Sala de Aula

Enquanto aguardava a assistência para o Walter, dediquei ainda mais tempo ao meu trabalho. Estava me dando bem como instrutora do Curso de Reconhecimento do Plano Espiritual. Estava gostando muito de lecionar. Numa das aulas, Norio, o japonês, me fez algumas perguntas sobre matéria que não constava do currículo. Percebi com satisfação que estava apta a responder, e isto me tranqüilizou.

No Plano Espiritual, principalmente onde se pratica o bem perdemos aos poucos o costume de reparar na aparência física dos outros. Na classe onde trabalhava havia idosos, negros, brancos e, como temos muitos orientais nas terras brasileiras, é claro que os temos no Plano Espiritual. Norio é muito agradável, risonho, inteligente, e de olhos puxados. Quando encarnado

era chamado "Norio, o japonês", e continuou sendo depois de desencarnado, orgulhando-se muito do tratamento carinhoso.

- Patrícia - replicou Norio -, admiro muito Allan Kardec como também a equipe que o ajudou a escrever os livros que nos legou. Onde eles estão? No momento estão encarnados ou desencarnados?

- Norio, poucos sabem sobre isso no Plano Espiritual. Eu não sei. Só sabem os desencarnados mais elevados e que têm como tarefa a orientação da Terra. Nós, a maioria, não sabemos deles e nem do destino de espíritos considerados santos ou que foram importantes, de alguma forma, quando encarnados.

Essa situação acontece por precaução, porque, se os desencarnados souberem, logo os encarnados saberão. E, como há muitos imprudentes, se falarmos que estão encarnados, rapidamente centenas de Allans Kardec irão surgir, como também cada um de sua valiosa equipe. Se dissermos que estão desencarnados, poderão acontecer muitas supostas manifestações, por via mediúnica, em lugares que não têm a devida cautela com mensagens assinadas por pessoas famosas. Assim sendo, só posso responder que eles continuam firmes nos seus propósitos, rumo ao progresso, preocupados com todos os espíritos que trabalham para a sua evolução, e ajudam com bondade a todos. Se estão encarnados, nem cogitam em pesquisar o que foram no passado, porque isso não preocupa os espíritos bons. Se desencarnados, muitas vezes se escondem em pseudônimos, porque reconhecem que não fizeram mais do que lhes competia fazer.(11)

- Patrícia, já estou volitando, mas não o faço com rapidez, será que aprenderei logo? perguntou Norio novamente.

- Certamente - respondi. - Aprendemos primeiro a voitar devagar para depois fazê-lo rápido. A última forma que aprendemos é a de fazê-lo com a rapidez do pensamento. O curso de volitação nas Colônias é aberto a todos, e aprende quem o deseja.

- Muitos encarnados se desprendem de seus corpos e volitam. É porque já sabiam? São danadinhos... - disse Norio.

- Aquele que sabe, faz! Se desencarnados sabiam, ao encarnar recordam-se facilmente e, quando desprendidos do corpo carnal, seja consciente ou pelo sono físico, utilizam-se da capacidade. Mas encarnados também aprendem, se alguém os ensinar.

- Patrícia, quem tem medo de altura, como faz para voitar?

- indagou Norio, todo sério.

Rimos.

- Se desencarnado - elucidei-o -, deve procurar o porquê do medo e superá-lo. Quando encarnados, usam-se alguns truques. No corpo carnal o medo de altura é mais forte, porque se sabe que, ao cair, irá no mínimo se machucar. Desencarnados não correm esse risco. Minha mãe está encarnada, é acrófoba e volita e vai a muitos lugares. No começo, tinha cautela, e não olhava para baixo, agora o faz mais facilmente, e certamente um dia irá superar esse trauma, causado por acontecimento em outra existência.

- Patrícia - falou Ernani -, tenho uma prima que é espírita e sua filha mais velha, Lilian, desencarnou. Ela está bem e feliz aqui no Plano Espiritual, mas seus pais querem ter outro filho e que Lilian volte a reencarnar. Ontem nos encontramos e ela está num dilema, reencarnar ou não.

- Se os pais querem ter outro filho, tudo bem, mas não devem proceder como seus primos querem, com o retorno da filha. Existe essa possibilidade, em alguns casos, quando

desencarnados podem reencarnar em curto espaço de tempo entre familiares e, às vezes, com os mesmos pais. Mas cada caso deve ser estudado com atenção.

(11) - Esta resposta aqui registrada, eu a dei sob orientação da equipe da Colônia Casa do Escritor. (N.A.E.)

Os encarnados não devem fazer desse desejo algo que incomode o desencarnado, pois isto significa ser egoísta. E o desencarnado, se não tiver planos de reencarnar logo, não deve fazê-lo só porque os pais querem. Aconselhe Lilian a conversar com um orientador e pedir ajuda para resolver esse problema. E, se ela se achar sem condições de retomar à carne, não deve fazê-lo agora.

O assunto da aula passou a ser obsessão.

Geralda nos contou que teve uma existência física muito difícil. Órfã, casou-se jovem e sofreu muito com o marido, que bebia. Querendo se ver livre do esposo, planejou e o assassinou, sem que ninguém ficasse sabendo. Trabalhou muito e criou seus cinco filhos. Mas o esposo, em espírito, querendo vingar-se, obsidiou-a por anos, até que os filhos moços procuraram um Centro Espírita que a ajudou. Falou emocionada do muito que sofreu e que, por causa da obsessão, conheceu o Espiritismo que veio elucidá-la e auxiliá-la bastante.

Marcílio teve uma experiência diferente, desencarnou em acidente no trabalho. Desencarnado, descobriu que a esposa o traía com seu sobrinho. Com raiva, passou a obsidiá-la, não deixando ninguém se aproximar dela com intenção amorosa. Com a vida conturbada, a esposa foi a um lugar, onde pagou para ficar livre da influência negativa, no caso, ele. Os desencarnados que lá trabalhavam, pegaram-no e o levaram preso para um lugar do Umbral. Marcílio ficou muito tempo prisioneiro, quando fez amizade com um outro desencarnado que também estava preso. Esse amigo contou-lhe porque estava cativo. Desencarnara, deixando a esposa com seis filhos e, preocupado com eles, voltou a sua antiga casa terrena, sem saber que os prejudicava. A esposa, sem entender bem a situação,

procurou ajuda erradamente e ele foi preso por espíritos maldosos. Por isso, devemos buscar auxílio só em lugares bons, que fazem caridade, principalmente quando se trata de entes queridos desencarnados. Socorristas vieram e ajudaram este seu amigo, levando-o para um lugar melhor. Tempos depois ele voltou e o socorreu. Marcílio disse-nos que foi uma experiência muito triste não ter perdoado e ficar obsediando os seus. Esqueceu de si para infernizar a esposa e sofreu muito.

Concluimos que é muito penoso tanto obsediar como ser obsediado. Aquele que obsedia perde tempo precioso, pára no seu caminho, para atormentar os outros. O melhor é viver de tal modo que não mereçamos raiva e ódio de ninguém. Mas, se pelo passado, alguém nos cobrar, é nosso dever ajudá-lo, e assim pararemos de sofrer pelo que fizemos. Do contrário, se permitirmos que o outro nos faça mal, é o mesmo que continuar prejudicando os outros. Deve, portanto, o obsediado orar, ter vida decente e procurar num Centro Espírita o auxílio para si e para o outro. Todos devem ser tratados como irmãos e como gostariam que fossem tratados. O obsessivo e o obsediado merecem o mesmo respeito.

Muitos foram os comentários sobre a obsessão. Albertina nos narrou:

- Tenho um tio que é uma pessoa muito difícil. Vive irritado, enfermo e, nas suas crises, atormenta toda a família. Muitos diziam que estava obsediado. Até a família, embora descrente, foi em

busca de auxílio. Mas nada. Ele melhorava pouco e logo voltava ao seu mau humor. Logo que desencarnei, procurei ajuda para meu tio, pensando que era obsediado. Mas, para minha surpresa, ao visitá-lo não vi nenhum desencarnado com ele. Querendo aprender, perguntei a um orientador que, para esclarecer-me, foi comigo vê-lo. "Albertina" - disse o orientador -, "esse senhor não é obsediado. Ele não se educou, é uma pessoa nervosa e conseqüentemente doente, pois quem não aprende a controlar-se, quase sempre se torna enfermo. É pessimista, egoísta, gerando assim muitos fluidos negativos, que o tornam mais irritado ainda. É pessoa difícil e que nada faz para se melhorar. Nem tudo o que acontece aos encarnados é culpa dos desencarnados. E nem sempre situações difíceis acontecem por obsessões. Estas existem, mas deve-se analisar se o encarnado sofre mais por suas próprias ações, por sua maneira errada de ser e agir. Como também se não é física a origem do distúrbio como seu tio, que é pessoa difícil. Realmente, concluímos que muitos encarnados colocam a culpa nos outros, porque isso é mais fácil do que reconhecer os próprios erros.

- Patrícia - perguntou Marília -, um encarnado pode obsediar um desencarnado?

- Pode. Se o encarnado ficar pensando no desencarnado, chamando-o, com choro e desespero, não se conformando com sua desencarnação, pode atrapalhá-lo. Mesmo se estiver abrigado em Colônias, sentirá esses chamamentos, que o incomodarão. Se estiver vagando, quase sempre vem e fica perto do encarnado, numa troca doentia de fluidos. Os encarnados devem ajudar os desencarnados que amam, sendo otimistas orando por eles, desejando que estejam bem e felizes, e que aceitem a desencarnação. O amor deve sempre nos levar a querer o melhor para o ser amado.

- Bendito seja o Amor! - exclamou Terezinha, sorrindo.

Finalizamos a aula.

Desencarnações

Nosso grupo de estudo foi com os outros dnis instrutores aprender, na prática, e tentar ajudar algumas desencarnações. Já havíamos visto, na teoria, as muitas formas de deixar o corpo físico. Agora iríamos ver, para ter conhecimentos sobre os desligamentos de algumas pessoas.

Fomos avisados que estava havendo um tiroteio entre grupos rivais e nos dirigimos imediatamente para lá. Ao chegarmos, ainda trocavam tiros e algumas pessoas corriam com medo. Os assassinos fugiram, deixaram caídos dois feridos: um, na perna; outro, no abdome, mão e perna. Havia três mortos.

Rápidos, também, vieram para ajudar quatro socorristas que trabalhavam na região, e também um bando de desencarnados trevosos, que chegaram tocando tambores e fazendo barulho.

- Por que esta algazarra? - indagou Terezinha.

Alberto, um outro instrutor, respondia a todos, esclarecendo.

- Grupos assim, de desencarnados que vagam, estão sempre à cata de novidades e confusões. Deliciam-se com brigas, chegando até a apostar e torcer por um desfecho macabro. Temos visto alguns batucando, andando por aí, como estes que têm esta preferência. Muitos grupos possuem conduta elevada, mas são muitos os oufros .que gostam de algazarra.

Muitos do bando trevoso nos viram, outros nos sentiram.

Pararam perto e esperaram, porém continuavam a batucada.

Alguns gritaram dirigindo-se a nós.

- Ei, vocês do Cristo, andem logo!
- Peguem os que são de vocês e se mandem!
- Queremos os nossos!

Voltamos a atenção e os cuidados para os feridos. O que tinha levado três tiros, estava mal e perdia muito sangue. O dono do bar onde aconteceu o tiroteio chamou a polícia e a ambulância, o socorro para os feridos veio rápido e os dois foram levados para o hospital. Cleusa, que foi médica encarnada, acompanhou-os fazendo tudo ao seu alcance, para ajudá-los. Os três, cujos corpos físicos estavam mortos, mostravam-se confusos e sofriam.

- Este - disse um dos socorristas - é bom moço, trabalhador, correto, e atiraram nele só porque conversava com este outro, seu primo, que era traficante. Observamos melhor os três: eram todos jovens, adolescentes. O apontado pelo socorrista, via-se, pela sua aura, que era boa pessoa, todavia o que notamos nos outros dois, não foi nada agradável. A aura deles estava suja, pastosa e tinha tonalidade escura.

- Este - disse o outro socorrista, esclarecendo nossa turma - já assassinou três pessoas, é traficante e sádico. Tem dezessete anos. E o outro é um viciado em drogas e costuma roubar carros. Estes dois debatiam-se, desencarnados, já que os corpos mortos estavam inertes.

Ficamos em sua volta e oramos. Depois, aproximamo-nos do que era bom. Um dos socorristas lhe falou bondosamente:

- Jairo, você está ferido, vamos ajudá-lo. Calma! Fique tranquilo! O garoto acalmou-se e o processo de desligamento foi rápido. Alberto esclareceu ao grupo:

- Logo a polícia estará aqui e levará os cadáveres. Precisamos desligar Jairo depressa para levá-lo daqui, evitando assim cenas desagradáveis a este jovem. Jairo, espírito, adormeceu tranquilo e logo os socorristas experientes o desligaram, levando-o para um Posto de Auxílio, ali perto. Seu cadáver ficou com muitos ferimentos, mas o rosto demonstrava tranquilidade. O socorrista que ficou, dispersou os fluidos vitais de seus restos mortais, para evitar que fossem sugados, vampirizados.(12)

Quando o socorrista terminou, afastamo-nos alguns metros, nada mais tínhamos a fazer. Agora, porém, seria a vez do outro grupo. Ficamos observando em silêncio e a cena trágica nos chocou.

Eles se aproximaram dos outros dois, e vimos um deles, parecia o chefe do grupo, especialista em desligamento, ficar bem próximo dos jovens mortos. Ele falou rindo, talvez imitando com deboche os socorristas.

- Calma aí, Negrão! Fique tranquilo, Tenho! tiro vocês daí! Estão mortinhos! Ou melhor, mortões!

Alguns pararam a batucada para olhar melhor, outros continuaram. Com rapidez, o desencarnado, demonstrando que sabia fazer e bem feito, desligou os dois sem qualquer delicadeza, jogando-os para os do bando, que os seguraram rindo e fazendo piadas. Os dois estavam abobalhados, assustados e com medo. O grupo avançou sobre os restos mortais deles, já que o socorrista vigiava o do que fora socorrido. Como feras, vampirizavam os fluidos vitais, sugando o que escorria pelo chão.

(12) - É cena deprimente ver espíritos vampirizando encarnados. Socorro na desencarnação depende só do merecimento. Espíritos que vagam necessitam muito de fluidos e, como não conseguem absorvê-los naturalmente, os roubam, vampirizando dos recém-desencarnados, como também o fazem dos encarnados. Quando isso acontece, o desencarnado sente esvair suas forças, suas energias psíquicas. As energias físicas voltam à natureza, sendo sugadas

as energias psíquicas ou mentais. Assim, quando os socorristas fazem isso, eles retêm para o corpo perispiritual as energias que o recém-desencarnado necessita, e fazem também retomar rápido as energias que são da natureza. (N.A.E.)

Alguns encarnados rodearam o local, olhando curiosos. Foi quando uma senhora se aproximou chorando, era a mãe de Jairo. Nós a rodeamos, tentando confortá-la.

- Jairo estará melhor agora! - disse Albertina, nossa companheira de grupo

Uma mulher que acompanhava a mãe de Jairo, sentiu a expressão forte e comovida de Albertina, abraçou-a e lhe falou:

- Neuzinha, não se desespere, Jairo estará melhor agora longe desta vida ruim!

- Estará! Falou a mãe comovida. Ele era tão bom, que só pode estar bem.

Veio outra senhora chorando desesperada. Era a mãe de um dos outros dois.

- Meu filho, avisei tanto que não era para se meter com esses bandidos.

Afagamo-las, confortando. Sofriam muitíssimo.

Os desencarnados do bando continuaram até que se saciaram, depois se afastaram alguns metros, observando, talvez porque também fazíamos o mesmo. Lourival, da nossa turma, querendo aprender, indagou ao socorrista que estava ali olhando, com tranquilidade:

- O senhor não se entristece com essas cenas?

- Certamente, mas faz dez anos que trabalho no Posto de Serviço aqui perto e, infelizmente, estas cenas são comuns por aqui.

- E os outros dois - quis saber Marília -, que acontecerá com eles?

- Não foi possível socorrê-los porque insensatamente se afinam com o outro grupo. Pelo que tenho visto, logo estarão a farrear com o bando, ou planejando se vingar dos seus assassinos.

- E o Jairo? - perguntou Lourival. - Aceitará o socorro oferecido?

- Acredito que sim - replicou o socorrista pacientemente. - É um bom garoto, afeiçoa-se ao bem e gostará do nosso Posto. Mas ele é livre, poderá sair se quiser.

A polícia chegou e começou o seu trabalho. Os do bando riam, ora xingando os policiais, ora um ao outro. Mas não se aproximaram. Quando os cadáveres foram levados, o socorrista despediu-se de nós. O bando também se afastou, fazendo muito barulho, levando os dois amparados, que estavam quase inconscientes e não entendendo o que acontecia.

Afastamo-nos silenciosos, vimos a desencarnação de três jovens, de modo violento e doloroso.

Deixo claro que nem todos os que são assassinos têm a , mesma maneira de desencarnar. Às vezes, quando há um tiroteio com desencarnação, o bando trevoso não comparece, nem os socorristas. Tenho visto alguns terem uma morte violenta e odesligamento ser compulsório, rápido, e o desencarnado ficar perto do corpo morto, sem entender o que ocorreu. E, em outros, o desligamento acontecer tempos depois. O socorro depende muito do merecimento, como no caso de Jairo, ou de muitos fatores, como o desencarnado pedir ajuda a alguém ligado a ele, seja encarnado ou desencarnado. Claro que, depois dos primeiros socorros, ele ficará abrigado, se quiser.

Fomos ver outro desligamento. Dirigimo-nos a um cemitério e, lá, visitamos um velório, na sala sete, onde éramos esperados. Fomos estudar o desligamento de uma mulher, cujo corpo físico completava cinco horas sem as funções vitais. Estava num caixão lacrado e sua desencarnação aconteceu em decorrência da AIDS. Dois socorristas esperavam para começar o processo de desligamento. Logo após nos acomodarmos, eles se puseram a trabalhar. Havia poucos encarnados no velório e o enterro iria acontecer logo.

- Esta mulher - explicou um dos socorristas - teve uma vida degenerada. Mas, ao descobrir que estava doente, foi em busca de cura num Centro Espírita. Não teve a cura do corpo, mas a Doutrina muito fez por ela. Passou a ler livros espíritas, a ouvir palestras e mudou sua vida, modificando-se interiormente para melhor. Aceitou a doença e, nos últimos tempos, orava muito para ter socorro quando desencarnasse. Por isso, aqui estamos. Ela dorme e não está sentindo nada. Antes de seu corpo morrer, deram-lhe medicamento para dormir, e desencarnou adormecida.

Alguns dos alunos, já esclarecidos, foram ajudá-los e em pouco menos de uma hora estava desligada. Dormia tranqüila.

- Pronto - disse o socorrista -, agora vamos levá-la para um hospital no Plano Espiritual, onde se recuperará.

Na sala ao lado desta, no velório, havia muito barulho e muitas pessoas choravam desesperadas. Aproveitando a oportunidade de aprender, fomos lá ver o que ocorria.

De fato, vários encarnados ali presentes choravam sofrendo muito. Velavam o corpo de um adolescente. Um dos socorristas, que trabalhava com outros, naquele cemitério, acompanhou-nos e nos elucidou:

- Este garoto ia fazer dezesseis anos, mas suicidou-se dando um tiro no ouvido. Foi levado ferido para o hospital, onde ficou seis dias em coma, acabando por desencarnar.

Ouvimos muitos comentários de encarnados.

- Dizem que foi por causa da namorada.

- Falam que se matou por ser homossexual.

E foram muitas os comentários maldosos. Não se devem fazer observações negativas de ninguém, principalmente num velório, pois devemos nos comportar como gostaríamos que procedessem no nosso.

Mas o que nos levou a ficar, para observar, foi que o garoto já estava desligado, só que perturbado, aflito e agoniado. Permanecia perto do corpo morto, sem se afastar, mas gritando desesperado, a querê-lo de volta, ou revivê-lo para continuar sua vida, como encarnado.

- Que imprudência! - exclamou Genoveva emocionada.- Quis se matar e, após fazê-lo, quer o corpo de volta.

- Certamente - esclareceu Alberto -, o garoto não pensou nas conseqüências do seu ato. Vendo seus pais e irmãos sofrerem tanto por ele, desesperou-se. Como também, vendo o corpo morto e ele vivo, enche-se de medo do desconhecido, da nova vida que agora terá.

Perto dele, tentando acalmá-lo e ajudá-lo, estava um senhor desencarnado, seu avô. Porém o garoto não queria afastar-se dali e não aceitava ajuda. Os encarnados choravam e ele chorava também. Nisso, um tio do menino entrou no velório. Era um senhor espírita, com modos educados, que, com firmeza, recomendou aos pais e familiares:

- Por favor, sei que a dor é grande neste momento, mas vamos orar todos juntos. Vamos dar nossa ajuda a ele que tanto amamos, perdoadando-o por seu ato insensato, pois não nos cabe julgá-lo, mas sim auxiliá-lo. Iniciemos, rogando ao nosso Pai

- Maior a ajuda que ele precisa, para que possa ser socorrido pelos bons espíritos.

Quietaram-se todos e o senhor fez uma oração muito bonita, no que foi acompanhado por todos, inclusive nós, desencarnados. O garoto parou de chorar e tentou orar, mas não conseguiu acompanhar as palavras do tio. Muitos fluídos o envolveram e, por momentos, ele se equilibrou e, após a oração, escutou claramente as palavras do tio, que lhe falou mentalmente:

"Calma! Não se desespere! Nada acabou com a morte do seu corpo. Somos eternos! Peça perdão! Aceite o socorro! Dura na! Calma!"

Ele aceitou a ajuda do avô desencarnado. Refugiou-se nos seus braços e dormiu. Só que seu sono era agitado e seu avô levou para o abrigo, um pequeno Pronto-Socorro Espiritual daquele cemitério. O socorrista nos disse, explicando:

- Ele ficará em nosso abrigo até acordar. E, quando o fizer, seu avô e um orientador falarão com ele, e a ele caberá escolher se quer ou não o socorro. Se aceitar, será levado a um hospital no Plano Espiritual, próprio para suicidas, se não, sofrerá muito mais. Mesmo num hospital, demorará a se recuperar, porque lesou o seu próprio corpo. Logo farão seu enterro e, como vimos, a atitude do senhor espírita foi de grande valia, demonstrando como as pessoas boas e com compreensão podem ajudar nos velórios.

Fiquei impressionada com a expressão de terror e desespero do garoto. Sei que é bem triste e de muito sofrimento, para os familiares, a ocorrência do suicídio. Mas não devem se desesperar, nem blasfemar e, sim, tentarem ajudar um ao outro, esforçando-se todos para auxiliar o suicida.

Que vejam nele um imprudente que fez muito mal a si mesmo, e a necessitar do perdão de todos e de muitas orações, colocando nelas o incentivo

para que ele peça perdão, que rogue socorro e que aceite a ajuda oferecida, como também desejar-lhe paz e felicidade. Isto vindo dos entes queridos o auxilia muito, pois os familiares do suicida não devem pensar que ele será infeliz e que sofrerá pela eternidade. Nada na espiritualidade se faz automaticamente, pois cada caso é visto com carinho especial. Não se deve matar ou tirar a vida física de quem quer que seja e,

embora, as conseqüências do erro sejam penosas para quem o cometeu, o agressor sempre é perdoado, quando pede perdão com sinceridade e repara a falta. O carinho dos que nos amam significa conforto, a facilitar as coisas. E, quem pensa em se suicidar, que não o faça, por pior que seja a dificuldade do momento, lembrando que tudo passa, e o tempo trará as soluções.

Continuamos a existência após a morte do corpo e, para o suicida, essa continuação não é agradável, porque ele acaba sofrendo bastante.

O socorrista nos acompanhou para uma visita ao cemitério.

- Veja - disse Josefino -, dois desencarnados trevosos guardando este túmulo.

- Aqui está enterrada há nove dias uma senhora – esclareceu o socorrista. - Como ela ainda está ligada ao corpo, os desencarnados fazem rodízio para vigiá-la. São muitos os que querem vingar-se dela.

- Eles não poderiam desligá-la? - indagou Marília. – Pelo que vimos, muitos desencarnados maus sabem fazer isto.

- Claro que poderiam - respondeu o socorrista. - Mas já viram vocês como é triste o sofrimento de uma pessoa que fica, após o desenlace, ligada ao corpo por dias? Sente a decomposição e os vermes a devorando. É por este sofrimento que eles não a desligam. Só vigiam para que ninguém o faça ou, se ela o fizer por si mesma, saia e eles a percam de vista. Certamente, quando eles sentirem que ela já está parando de sofrer no corpo em

decomposição, a levarão para o Umbral.

- Ela deve ter sido muito má para ter despertado tanto ódio assim - comentou Hugo -, tenho pena dela. Será que vocês socorristas não poderiam desligá-la? Socorrê-la?

Alberto, querendo que todos entendessem bem o que acontecia, nos convidou:

- Vamos nos aproximar para estudar e entender melhor este fato.

Os dois desencarnados que vigiavam, não arredavam o pé do lugar, embora se inquietassem com nossa presença. Um deles, depois de gaguejar, esforçou-se para falar.

- Esta não é de vocês! E, depois, não estamos fazendo nada.

- Sei - respondeu o socorrista -, viemos só para estudar.

Vimos a senhora, seu corpo se decompunha e ela, espírito estava desesperada, revoltada e indignada. Blasfemava contra Deus achando injusto seu sofrimento.

- É por isto, Hugo, que os socorristas não podem ajudá-la. Vamos orar por ela - esclareceu Alberto.

Todos do grupo recolheram-se em orações. Fluidos nossos foram até ela, porém não a atingiram devido ao seu bloqueio negativo. Fluidos bons ou ruins não são impostos, são lançados, e recebidos quando queremos e, ainda, podemos repelir qualquer energia que nos seja lançada.

Quando oramos, ela por segundos pensou em Deus, mas não aceitou nossos pensamentos e sugestões de voltar ao Bem. De forma que, pelas orações, recebem-se fluidos benéficos, mas se pensarmos negativamente, não se conseguem recebê-los. Enquanto orávamos, os dois vigias afastaram-se alguns metros, ficaram nos olhando e Cleusa dirigiu-se a eles:

- Vocês dois não querem orar conosco? Não querem ajuda? Não precisam de auxílio? Por que não a perdoam?

- Calma aí, moça! - respondeu um deles. - Perdoar por quê? Ela nem pediu! E por que se preocupa conosco? Não queremos nada de vocês. Não queremos orar. Ajuda? - riu. - Uma garrafa de pinga seria de bom gosto.

Afastamo-nos e nos despedimo dos socorristas, agradecendo. Estávamos sendo aguardados num apartamento, e para lá fomos, para estudar o desencarne de uma senhora. Alberto explicou à turma:

- Esta senhora é muito boa, teve uma vida digna fazendo do seu dia-a-dia um ato de amor. Ama a Deus profundamente, ama a si mesma com muito respeito pela vida e ao próximo como a si mesma.

Entramos no apartamento. A senhora que viemos observar morava sozinha, estava no quarto, deitada, e lhe fazia companhia a filha, que estava na cozinha preparando o jantar. Muitos desencarnados bons ali permaneciam, e vieram para estar com ela, porque a amavam. Alguns deles comentaram:

- Ao saber que minha benfeitora ia desencarnar, pedi licença para vir ficar perto dela, para transmitir-lhe o arnor que lhe devoto.

- Ela é tão boa! Vou vibrar com carinho para que não sinta nada.

A senhora estava acamada e naquele dia sentia-se indisposta. Ao pegar o copo de água para beber, um socorrista colocou um remédio na água, que ela tomou, ficando sonolenta. Três socorristas especializados começaram, com delicadeza, o desligamento. Após alguns minutos, o coração físico parou, e também a respiração. O corpo carnal morreu, o perispírito separou-se dele, e ela sorriu meigamente. Recebeu bons fluidos de todos os presentes e adormeceu tranqüila. Os que ali estavam por amizade e carinho começaram a cantar canções bonitas que escutávamos nas Colônias e Postos. O ambiente se mostrava radiante e com vibrações de muita paz.

O trabalho dos socorristas terminou e ela foi conduzida para uma Colônia. Alguns a acompanharam, outros permaneceram ali.

- Vamos ficar até o enterro - disse um senhor.

A filha veio dar uma olhada na mãe e pensou que dormia, ao vê-la quieta. Uma senhora desencarnada aproximou-se da filha e lhe pediu para ver melhor a mãe. Ela, então, notou que a mãe não respirava e entendeu que desencarnara. Ajoelhou-se, começou a orar e lágrimas escorreram abundantes pela sua face. Após acalmar-se, sustentada pelos fluidos dos desencarnados presentes, levantou-se e foi tomar as providências que cabiam no momento.

Afastamo-nos comovidos e Lourival comentou:

- Que diferença! Vimos uma desencarnada, de quem muitos queriam vingar-se. E esta senhora, com tantos a ajudar.

Alberto elucidou-nos:

- A desencarnação é a continuação real da vida que tivemos, pois ligamo-nos através de nossos atos. Presenciamos duas formas de viver diferentes e não precisamos saber o que fez uma ou a outra, mas concluímos como deve ter sido a via delas. Diretrizes para o bem-viver não nos faltam. Os ensinamentos de Jesus estão aí para todos, e não é difícil segui-los.

Felizes os que fazem do Bem o objetivo de suas existências!

- Por que umas pessoas se apavoram tanto com a desencarnação e outras não? - Hugo indagou. Meditei por uns instantes, a pergunta era realmente interessante. Respondi tentando esclarecê-lo do melhor modo possível:

- Muitos realmente temem a desencarnação. O que normalmente acontece com alguns encarnados é que eles vivem as projeções, esperanças e idéias que preenchem seus pensamentos. Outros, masoquistas, ruminam insensatamente ofensas, dores e angústias, gostando até de se sentirem doentes para serem alvo de atenção. Têm medo de olhar a vida como ela é, porque, se conseguissem ver a realidade da vida, teriam que mudar radicalmente seus pensamentos, modos e atitudes, por que a vida não está delimitada como os seus desejos e recusas. Ela é o que é.

Vejam um exemplo. Quase sempre, diante da desencarnação de um ente querido, preocupamo-nos conosco, nos primeiros instantes, quando pensamos: "Ai, meu Deus, que será de mim agora?" Depois, diante da dureza da separação, ficamos preocupados e vemos que deveríamos ter tido atitudes bem mais amorosas e benfazejas com aquele ente querido que se foi. Jesus nos advertiu que estivéssemos vigilantes. Recomendou aos apóstolos: "Estejam cingidos os vossos rins."(13) Isto é, com cintos cingidos. Naquele tempo, viajavam colocando nos cintos os pertences mais importantes da viagem. Recomendou-nos,

assim, que estivéssemos sempre prontos para a viagem, referindo-se à desencarnação, porque a vida física não nos dá aviso prévio sobre isso e, assim, passamos do Plano Físico para o Espiritual muitas vezes desprevenidos. Muitos encarnados não vivem esse ensinamento, essa verdade, daí haver tanta vaidade, orgulho e prepotência. Porque, se todos percebessem que nada somos por nós mesmos, e que nada temos de absolutamente nosso, a simplicidade e humildade seriam a base de nossas relações.

Nas grandes catástrofes do mundo físico, os homens se ajudam mutuamente com simplicidade e fraternidade, porque com o acontecido tudo perderam e naquele instante são iguais.

Passados os momentos dolorosos, vão aos poucos voltando as suas ilusões e a se explorar mutuamente.

A humildade cultivada externamente representa vaidade e pretensão. A verdadeira modéstia somente existe, quando não agimos com egoísmo e estamos totalmente conscientes de nossa pequenez. Se procedermos assim, veremos a realidade daquilo que somos e o que a vida é. Isso é fundamental, para não nos perdermos nos caminhos das pretensões e vaidades humanas.

Aqueles que seguem os ensinamentos de Jesus esquecem-se de si e não se apavoram com a desencarnação, encarando-a como um prosseguimento da vida. Têm eles, como ponto fundamental, a glória de Deus manifestada na vida e não nos seus desejos pessoais. Agem como a lagarta que está sempre pronta a aceitar com amor as transformações que a vida quer operar em sua existência: de lagarta faminta, transformar-se em bela borboleta, sustentada pela energia do néctar das flores. Mas para isso é preciso que amemos a Deus acima de tudo, acima de nós mesmos. Não o Deus distante e, sim, o Onipresente. É necessário pensar seriamente na desencarnação, como nos felzonamento da vida e se quisermos ter uma continuação, que o façamos por merecer.

Vimos muitas desencarnações e todos nós, do grupo, aprendemos a desligar o perispírito do corpo físico. Lourival e Cleusa se emocionaram tanto, que escolheram trabalhar, após o curso socorrendo recém-desencarnados. Meu amigo Antônio Carlos tem razão: aprendemos muito quando ensinamos aos outros o que sabemos. Gostei imensamente de participar deste curso!

Numa Reunião Espírita

No dia e hora marcados para a orientação dos socorridos do Túnel Negro, fui ao Centro Espírita e lá me encontrei com Elisa

- Patrícia - disse ela -, estou ansiosa e também preocupada. Será que Walter irá aceitar a ajuda oferecida?
- Espero que sim - respondi. - Como estão eles? Como está Walter?
- Mostram-se como os deixamos, somente alguns mais agitados. Serão trazidos do Posto para o salão logo mais.

Construído da mesma substância do perispírito, o Posto de Socorro está acima da construção material do Centro Espírita. Muitos Centros têm um pequeno hospital assim, um lugar de emergência, representando a continuação da construção material. Quase sempre essa continuação de auxílio tem um pequeno ou mini-hospital para os primeiros socorros e, também, locais para moradia de alguns desencarnados que lá trabalham. São muito úteis, mas sempre singelos e acolhedores. Quando o Centro Espírita tem Posto de Socorro, os socorridos ficam provisoriamente nesse lugar e são trazidos ao local da reunião mediúnica, pouco antes de seu

início. O Posto do Centro em que estávamos é muito bonito, com quadros de lindas paisagens, além de flores, alegrando a entrada.

Enquanto aguardava, fui rever amigos desencarnados. Após muitos abraços e conversas, tomamos nossos lugares, porque logo começariam os trabalhos programados. Meu pai sempre chega bem antes da hora e lá fica orando e meditando. Porém, muitas pessoas chegam também antes, para conversar com ele e sanar dúvidas, no que procura ele atender a todas. Os encarnados foram chegando e me sentia bem em vê-los, pois convivi com muitos deles e alegrava-me por tê-los como amigos. Emocionada, escutei meu pai:

"Muito se tem dito sobre o significado das parábolas do Mestre Nazareno. No Ocidente, quase a totalidade das pessoas se dizem cristãs. É indiscutível ter sido Jesus o maior espírito de que temos notícia, expoente em valores e qualidades dentre todos os instrutores conhecidos pela nossa humanidade. E nós, cristãos, conhecemos e deveríamos compreender os ensinamentos de Jesus e ter seu exemplo como meta de vida. Vangloriamos-nos

sempre de ser seus seguidores, porém, a maioria de nossas atitudes, nossas reações diante das relações que a vida nos impõe, não diferem muito das pessoas ditas não cristãs. Não estaria algo errado? Admitindo-se que sim, não seriam naturalmente os ensinamentos de Jesus mas, somente, a nossa maneira de entendê-los ou traduzi-los em nossa forma de viver.

Criamos uma complexidade enorme em nossa estrutura psíquica, em nosso patrimônio espiritual, e nos consideramos repletos de créditos, de conhecimentos e posições, que apenas existem por uma autovalorização de nossos próprios atos. Nossas ações estão, erradamente, baseadas na reciprocidade, de vez que não sabemos fazer nada sem esperarmos retorno ou ganho pelos nossos atos. Não costumamos gravitar em torno do

centro da vida, que é Deus. Com exceção de poucos, o ponto em torno do qual gravitamos é o nosso próprio ego. Nossos pensamentos e ações têm o próprio benefício como fim. Aprendemos a somente adorar a Deus, o que nos é muito fácil, porque

não nos exige nem esforço físico e nem gastos financeiros e, assim, não sabemos ainda vê-lo e amá-Lo nas suas manifestações mais simples. Amá-Lo na sua onipresença requer sensibilidade e visão acurada da realidade dos fatos da vida. Temos conhecimento, através dos relatos de desencarnados, que esse sentimento de ganho e perda nos acompanha após a

desencarnação. Instituem-se, então, nas Colônias, o bônus-hora para que os recém-chegados, condicionados ao ganho, não se sintam desestimulados para o trabalho. O bônus-hora é um incentivo ao espírito ocioso, ou, em outras palavras, ao espírito que ainda vive em função da sua própria pessoa e que ainda não conhece o valor do bem coletivo. Recebem provisoriamente esse tipo de ganho, para que tenham estímulos no trabalho em seu benefício e de seu próximo, até que entendam o trabalho desinteressado.

Amar a Deus é tê-Lo como centro da própria vida, vê-lo, senti-Lo, ter afeto por Ele em todas as suas manifestações. Jesus disse: "Senhor, graças te dou por ter ocultado isto aos sábios e prudentes e revelado aos simples e pequeninos". Sábio não é o mesmo que erudito, o que muito conhece, que tem a qualquer momento de cor as citações do patrimônio intelectual e religioso da humanidade. Não condenamos o conhecimento dos livros sacros, pois eles nos são necessários, mas reprovamos a maneira como muitos o utilizam. O conhecimento representa um meio para que conheçamos a experiência dos

que nos antecederam. Esses arquivos ajudam o ser humano na evolução, mas devemos crescer pela conduta reta, pelo espírito. E para que esses ensinamentos façam parte de nossa vida, é necessário

que o exemplo do Nazareno seja compreendido e não decorado, como temos feito há quase dois mil anos. Ao compreendê-los veremos que Jesus via e vivia, assim já não mais faremos a Sua vontade e sim a nossa, que passa a ser como a Dele, porque veremos como Ele o que é falso e o que é verdadeiro.

Disse Jesus aos seus apóstolos: "Ide, ensinai, curai para que quando os homens virem suas boas obras glorifiquem o Pai que está nos céus". Quanta simplicidade, quanta humildade!

Praticar os maiores benefícios à humanidade e esquecer não só do ganho pecuniário e, também, de qualquer agradecimento ou reconhecimento do beneficiado. Fazer por amor à vida que se manifesta no necessitado e em si mesmo, e agir de tal forma que possamos ver em cada ser humano a imagem e a manifestação de Deus. E não devemos incentivar o culto da idolatria da personalidade de José, Sebastiana, Maria, Antônio"(14)

Um freqüentador indagou a meu pai:

- Por que tenho tantos conflitos? Como poderei eliminá-los?

- O maior drama do homem não está na pressão do meio, nem nas dores externas. A própria morte física é passageira - respondeu meu genitor. - O grande drama, a grande dor é o conflito que existe entre o que somos e o que nos ensinaram que deveríamos ser. Temos aprendido que necessitamos reprimir os impulsos egoístas, para poder viver bem com nosso próximo. Enquanto estivermos valorizando mais a vontade de outros, seja quem for, o conflito permanece e não haverá mudança radical em nosso relacionamento com a vida. Porque, apesar de achar certo fazer o que eles querem, e disto esperar créditos e ganhos, a realidade é que ainda permanece a vontade de fazer o que se gosta.

Temos nosso ego quase sempre colocado como o centro do Universo, devendo girar tudo em torno de nosso prazer e satisfação. Essa é geralmente nossa conduta, mas a vida não sabe e não se importa com nada disso, porque ela tem seu próprio caminho. E aí, insatisfeitos, nos frustramos, ficamos inconformados e, às vezes, nos revoltamos com o desenrolar dos acontecimentos. Assim, batemos de frente com a realidade e perdemos todo o interesse de nos importarmos com a vida. Por isso, precisamos aprender a aceitar a vida como ela é, sem querer que seja diferente. Mudar para melhor está em nossas mãos, como também aceitar sem contestações o que a vida nos proporciona, mesmo aparentemente em situações e circunstâncias desfavoráveis, pois é nos momentos difíceis que nos superamos, isso se não tivermos dó de nós mesmos. Precisamos compreender que não somos somente filhos de Deus, mas muito mais, pois que fazemos parte de Sua própria manifestação.

Compreendendo isto, entenderemos a diferença existente nos dois filhos, na parábola evangélica do Filho Pródigo. O mais velho nunca saiu de casa, sempre fez a vontade do

Pai, mas viveu sempre insatisfeito, porque no seu íntimo não sentia as coisas do Pai como suas. E o Pai não o sentia perto de si, apesar de amá-lo muito. O mais novo, depois de se afastar, de esbanjar o que lhe pertencia, conheceu a si próprio e compreendeu que ele e o Pai eram um só. E, se eram um só extinguíram-se aí todas as cobranças, todos os conflitos, permanecendo somente uma única coisa, a unidade com Deus, em todas suas manifestações.

Agora, se pretendermos amenizar os conflitos e as dificuldades que possam nos perturbar, lembremo-nos das palavras de nosso Mestre, diante de circunstância semelhante: "Vinde a mim todos vós que andais cansados e sobrecarregados, que eu vos aliviarei, pois meu jugo é suave e meu peso é leve". O amado Mestre era viril em todas suas respostas, não no sentido de machismo, mas de pureza, simplicidade e inocência austera. Dificuldades sempre as teremos,

porque relacionamento é atrito de interesses. E toda cadeia de vida é um constante atrito de funções das manifestações de Deus. E o conjunto harmônico de todas suas funções compõe a sintonia do Universo. Particularmente, esse atrito se traduz pelo

conflito entre o que queremos que seja e o que realmente é. Esta resposta é para aqueles que querem mais profundamente ter a visão do que realmente somos.

Se você não compreender - falou referindo-se ao jovem que o indagara -, fique com a primeira parte, que vai amenizar muito sua maneira de viver seus conflitos.

Uma médium que há tempo frequenta a casa, trabalhando regularmente, relatou seu drama íntimo, reclamando que Deus foi e tem sido injusto com ela.

- Minha filha - respondeu meu pai, tratando-a de forma carinhosa -, pensarei no seu caso e verei como amenizar seu drama.

Isso acontece em algumas situações que requerem um estudo maior, com a procura de soluções para os inúmeros problemas que lhe encaminham, mas nunca deixando de atender a quem quer que seja. Quase sempre responde de imediato, mas, nesse caso, ele teria que meditar para achar a melhor maneira de ajudá-la. A reunião começou e transcorreu tranquilamente, conforme narrarei no capítulo seguinte. Tempos depois me encontrei com Elisa que, curiosa, me indagou sobre esse fato:

- Patrícia, qual foi o conceito do Sr. José Carlos sobre Deus ser justo ou injusto? Tenho certeza que ele resolveu a questão junto à médium, mas gostaria de saber a opinião dele sobre tão delicada questão: Justiça ou Injustiça Divina.

- Elisa, não posso responder por ele. Hoje, papai está em viagem de negócios e, pelo que sei, o assunto somente poderá ser resolvido à tarde. Neste momento, está almoçando. Vamos até ele! Elisa me acompanhou, contente e, em instantes, estávamos ao seu lado. Papai acabara de almoçar e, não tendo nada para fazer sicamente, entrou no seu costumeiro fluxo de pensamento. Isto acontece normalmente quando está só e sem obrigações físicas. Então carinhosamente lhe perguntei:

- Papai, Deus é justo para uns e injusto para outros?

Como sempre faz, comparou um relacionamento físico entre as pessoas e o assunto questionado, simbolizando como deveria ser o relacionamento entre Deus e nós, e nós e Deus. Pedi a ele novamente que gravasse seus pensamentos e ele o fez em guardanapos de papel. Agora que escrevemos este trecho, pedi à médium, Tia Vera, que solicitasse a ele esses guardanapos.

Gentilmente nos cedeu, e os transcrevo na íntegra. Aí está sua resposta:

"Normalmente, quando tudo dá certo conosco, achamos que é merecimento e que Deus nos faz justiça. Quando nos são negados nossos anseios de preechimento mental e satisfação física, ou seja, quando não está acontecendo o que queremos, sentimo-nos injustiçados, principalmente ao nos compararmos com outras pessoas. Por que ele tem e eu não? Achamos que Deus não está fazendo justiça conosco e que estamos sendo punidos. É que trazemos cargas negativas do passado, que ocasionam frustrações no momento, existindo também atos desta encarnação que podem ser o motivo de muitas decepções

Normalmente, não enxergamos a realidade da vida e sim a projeção das nossas ilusões, por considerarmos a vida física como fim e não como meio. Muitas vezes, o justo ou o injusto baseia-se, de acordo com nossa compreensão, no que damos e no que achamos que devemos receber em troca.

(14)-As passagens citadas do Evangelho não estão na íntegra e nem cito capítulo ou versículo. Escrevendo os ditos de meu pai, fiz como ele costuma fazer, nada decorado, sim compreendido. (N.A.E.)

Sentimo-nos injustiçados, porque quase sempre temos como meta nossa distração e o preenchimento da vida com prazer. Transformamos as funções e necessidades do corpo físico e a capacidade de pensar como fim da nossa existência. Não chegamos a olhar a vida como um todo e a desempenhar eficientemente nossa parte neste conjunto. Já imaginaram se o coração se sentisse injustiçado por não ter folga e nem descanso físico? Que seria do homem? Diante desse exemplo, aprendemos que cada um deve fazer o que lhe compete, sem esperar recompensas, e sempre consciente de que deve utilizar o potencial nobre que a vida lhe concedeu. Apesar de insignificantes diante do cosmo, fazemos parte dele. Portanto, precisamos desempenhar nossa função como parte da vida e não viver para os nossos prazeres e conquistas, materiais ou espirituais.

Deus não cria os seres, para puni-los ou premiá-los. Cada qual tem sua função e utilidade, assim como o grão de areia tem sua função no deserto ou na praia. Punir uma manifestação, seria reconhecer Sua própria falha.

Ao comprarmos uma máquina nova, o fabricante nos dá garantia da mesma, e qualquer falha no seu funcionamento não significa a intenção do fabricante em nos punir, pois a garantia dela fará com que ele lhe restaure as funções. E, no caso, ele é o maior prejudicado, porque, além dos gastos de reposição, teria seu nome comercial prejudicado e posta em dúvida sua idoneidade. Não somos uma máquina, é certo, e a falha nunca está em Deus, e sim em nossa maneira de nos relacionarmos com suas Leis, com a vida. Na maioria das vezes, nossos ânimos e desejos não encontram ressonância nos planos traçados pela vida, por causa de nossas existências anteriores. Às vezes o que desejamos não é o que podemos ter. Quase sempre nossos desejos são saturados de egoísmo. Os da vida são saturados de grandeza, de amor e de realização plena do homem.

Na Terra, cada variedade de raça recebe, com maior ou menor intensidade, o que necessita para desempenhar e enobrecer a espécie a que pertence. O grupo humano não foge à regra geral e natural, somente foi acrescentada em nós a faculdade da liberdade de escolha, para cumprirmos a tarefa para a qual fomos chamados. Se nos harmonizamos com as Leis Divinas, nos sentiremos felizes a caminho do progresso, enquanto que, se as desprezamos, criamos um ambiente vibratório individual de desarmonia, que poderá atingir aqueles que nos cercam, e terá ressonância de vibrações inferiores. Será que Deus criou a Terra, com todo seu aparato animal e vegetal, somente para o desfrute do homem? O ser humano foi criado para usufruir de tudo à custa dos que caminham com ele? Não! Pelos seus atos de abuso, cuja consequência não compreende, presume que Deus lhe está sendo injusto.

Temos quase sempre, em nossas existências, buscado o significado da vida, tentando adivinhar por que razão Deus criou o homem. Talvez façamos isso, por darmos importância demais em pensar o que somos, ou pelos sentimentos que nos transmitiram, de tão importante questão. Deus é profundamente simples. Para que possamos ouvi-Lo e senti-lo, é preciso antes de tudo ser simples como Ele. Um exemplo da simplicidade de Deus é sua onipresença tanto em nosso Cristo, quanto num verme desprezado por todos. Devemos nos despojar do cultivo da autovalorização: vaidade, orgulho e presunção, para nos tornarmos melhores. Se não assumirmos

nossa participação no conjunto do orbe terráqueo, nos sentiremos excluídos de obrigações e responsabilidades. E aí, o que acontece com os habitantes da Terra? A consequência é esta que estamos vendo: destruição e devastação do que a natureza levou milhões de anos para realizar. Não nos sentindo parte do Universo, parece que estamos no mundo somente para usar e desfrutar as coisas, não tendo nada a responder, sem responsabilidades com o que acontece com tudo e com todos, alheios aos que sofrem dores e misérias.

Não podemos compreender Aquele do qual estamos separados e, enquanto assim estivermos, não faremos parte do todo,.

Ao contrário, se participarmos do todo, seremos um só. Não haverá nem o maior, nem o menor, porque nosso pequenino eu se perderá, diante da grandeza e importância do Universo.

Que restará, então, para nós e para nossa espécie? Viver e neste viver, conhecer e compreender nossas funções e as dos que nos cercam, compondo assim um todo harmônico. Aquilo que os irracionais fazem instintivamente, o homem deverá fazer

consciente e espontaneamente. Os irracionais não têm escolha, o homem pode escolher. Pode recusar ou participar do Banquete Divino, que é a própria vida, refletindo assim a simplicidade e o equilíbrio do macro, refletido no micro. Não teremos, então, nenhuma pretensão, por situações anteriores posteriores, ou do momento presente, pois elas são produtos do egoísmo oriundo da mente temporal. E Deus é atemporal.

Deus é, também, profundamente justo. Não há desvios nem preferências em suas leis.

Recebemos de acordo com o que fazemos, sendo que nossas vibrações são resultados de nosso estado interior, e que nos proporcionarão ligações com vibrações harmoniosas ou perturbadas, a causar dor e angústia, ou a felicidade. Conhecendo a Lei da Reencarnação, entenderemos melhor a Justiça Divina. Compreendendo Deus, veremos que tudo que Ele faz é justo, pois nada deve a ninguém. Tudo o que recebemos é graça e de graça, nada temos feito para ter crédito com Deus. E, por mais que façamos, procede d'Ele o potencial da vida, a capacidade e a oportunidade de agir. Se vivermos esta verdade, nunca se abrigará em nossa mente a questão de Deus ser justo ou injusto. "Meu pai é meu mestre. Alegro-me muito aprendendo com o que ele diz.

Recuperação dos Socorridos

Após a oração, começou o trabalho de desobsessão. Para nós, desencarnados, os trabalhos começaram bem antes, pois tudo é muito bem organizado. Elabora-se a lista dos desencarnados que vão ser orientados, para que eles sejam trazidos do Posto para o salão onde é feita a reunião. Eles ficam alguns metros acima dos encarnados, sendo que o forro e o telhado da construção material desaparecem para eles. Os desencarnados trabalhadores e eu vemos as barreiras materiais, como se fossem um desenho que não atrapalha em nada. Com a previsão de quantos médiuns virão, é feita a programação para que o trabalho tenha o melhor proveito possível. Muitos dos que vão receber a orientação, através da incorporação, ao verem o trabalho dedicado dos trabalhadores, ao escutarem as conversas edificantes e a leitura do Evangelho com sua explicação, já se sentem inclinados a mudar, e vários deles nem precisam mais da incorporação.

No sentido espiritual, para a alma em evolução, a vida material constitui ambiente hostil. Justificamos, quase sempre, nossas falhas, com a desculpa de que a maioria age da mesma

forma, e alegamos que não somos santos e, assim, não se pode exigir de nós uma maneira de agir mais elevada. Dessa forma, criamos uma distância entre o que fazemos e o que deveríamos ter feito. É como o aluno que frequenta a escola e não se aplica no exercício do aprendizado e, no final do ano, ao fazer as provas, vê-se reprovado. Quando um desencarnado se depara, frente a frente, com um encarnado de atitudes dignas, sem a aura de santo, sente o estímulo de imediato. A presença de alguém elevado dispensa comentários. Palavras ensinam, exemplos arrastam. Mas a maioria dos socorridos necessitava de incorporação, como era o caso de Walter e de seus companheiros que, agitados, mostravam sentir falta da sensação das drogas e não conseguiam entender o que realmente estava acontecendo. Foram todos conduzidos à incorporação. Narrarei a incorporação de Walter, por ter sido muito importante para mim e Elisa.

Walter foi colocado perto da médium que lhe serviria de intérprete. Na simbiose da incorporação, há uma permuta entre os dois, desencarnado e encarnado. O médium sente os dramas do desencarnado e este absorve parte do equilíbrio do médium. Isto já fez Walter retornar um pouco à realidade. Mas não conseguiu falar direito, só balbuciou algumas palavras: "Natan... cocaína... preciso... socorro..."

Nos dois dias que Walter ficou no Posto, meu pai e a equipe dos desencarnados, principalmente os médicos interessados no socorro dos espíritos, presos no vício, estudavam o melhor modo de orientar os irmãos imprudentes e infelizes. Iriam testar uma nova forma de ajudá-los, e todos os trabalhadores do Centro estavam esperançosos, aguardando resultados positivos. Meu pai foi falando a ele, enquanto os desencarnados reforçavam o que lhe era dito. Acalmaram-no. Walter foi induzido a voltar no tempo, modificando seu perispírito. Sabemos bem que isto é possível. Os encarnados têm notícias desse processo, através de muitos livros. O perispírito é modificável e há muitos que sabem fazê-lo. Vimos, no livro Liberação, de André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, um desencarnado das trevas modificar o perispírito de muitos, na sua cidade umbralina. Existem, pelo Umbral, desencarnados com aparência monstruosa e muitos, com aparência modificada por eles mesmos, para melhor assustar os outros. Sabemos também de muitos desencarnados que dão nova forma a seus perispíritos, para ficarem com a aparência de outros espíritos, para enganar e mistificar. Todavia, conhece-se a árvore pelos frutos. Conhece-se o encarnado por seus fluidos, os quais eles nunca conseguirão modificar. Nos estágios elevados do Plano Espiritual também se modifica o perispírito, seja a aparência dos bons, com a finalidade de ajudar, ou a de outros que, no momento, não têm por si mesmo como mudar. Recuperam inúmeros socorridos, cujas aparências se transformaram em figuras monstruosas, animalescas e deformadas, para os deixar com aspecto normal. Também podem rejuvenescer, ou tomar a aparência de antigas encarnações. Os desencarnados bons só usam esse processo com alguma utilidade. Mas, basta saber, para mudar de aparência em qualquer lugar e por motivos os mais diversos; se são bons, para ajudar; se, maus e brincalhões, para enganar, confundir e assustar. Porém continuam a ser os mesmos, em relação à elevação normal, só mudam a forma.

Com Walter foi usado esse processo. Fez-se uma regressão de memória, até que ficasse com a aparência da idade de meses antes de começar a se drogar. Forçando mais um pouquinho, conseguiram, com êxito, fazê-lo se sentir mentalmente como estava na aparência. Tornou-se, então, um garoto de catorze anos, gorducho, rosado de olhar esperto. Com o semblante de quando era jovem, não foi difícil fazer com que assumisse sua vida daquela época, mesmo porque

no seu inconsciente havia um desejo enorme de fugir de sua atual situação. Consolidado seu equilíbrio, assumida estava a situação. O doutrinador tem que adquirir, nessas horas, a confiança e a amizade do socorrido. Através do carinho e da compreensão, convidaram-no para ver a vida de um amigo seu que muito errou e que precisava de auxílio - neste caso, a vida dele mesmo. Então mostrando sua auto-escravização no vício e seu consinte sofrimento. Quase sempre, ao ter alguém as primeiras de seu passado, já drogado, há também recusa instintiva ver aquelas atitudes, como também a recusa de admitir fora ele próprio a viver determinadas passagens. O doutrinador deve, então, insistir para que se concentre no personagem sob assistência. Em poucos instantes, ele se reconheceu e começou a se desesperar, tentando assumir novamente seu estado de drogado. Nesse momento é preciso muito esforço dos trabalhadores desencarnados, para lhe manter o equilíbrio.

O doutrinador deve ter autoridade direta sobre ele, mantendo-o no estado em que foi levado, pela regressão, isto é, permanecer com a aparência física e mental de antes de se drogar. Deve agir com muita autoridade, afeto e carinho, insistindo na sua recuperação. Com Walter que já havia sentido a harmonia do estado anterior, antes de se drogar, encontrou base para não se desesperar e assumir de novo o equilíbrio, já na sua personalidade atual. Não se deve esquecer também que, durante todo o socorro, nesse processo o equilíbrio do médium é fundamental pois naqueles momentos os dois agem como um só. Também o médium deve estar em sintonia com o doutrinador, respeitando-o e confiando na sua capacidade de dirigir os trabalhos.

Walter se analisou e meu pai, como orientador encarnado orientou-o, até que ele passou a entender a situação: perfeitamente sua

- Meu filho, você está numa reunião de Amor e Caridade. Aqui tentamos ajudá-lo, para que seja livre. Estamos a lembrá-lo do que aconteceu, dos fatos vividos por você. Você é um garoto sadio que foi experimentar drogas e a elas ficou preso. Recorde! Uma dose, a segunda, mais outra e veja como ficou. Desencarnado, você continuou, em espírito, ligado às drogas porque a morte não nos liberta de nossos vícios.

Walter ficou assustado. Lembrou-se de tudo e lágrimas escorreram abundantes de seus olhos.

- Perdão, meu Deus! Perdão! - falou emocionado.

- Tenho horror em ver como fiquei! Não quero ser um trapo humano! quero ficar assim, sadio e com raciocínio. Nunca mais me viciarei!

- Então aceita nosso auxílio? - indagou meu pai.

- Peço-o em nome de Deus! - falou Walter chorando.

- Será acolhido e orientado!

Walter foi tirado de perto da médium, quando Elisa pegou na sua mão e lhe disse com carinho:

- Walter, meu filho! Meu anjo!

- Mãe - disse ele. - Minha mãe!

Olhou para Elisa e não a reconheceu, mas sentiu que ela

era, ou melhor, fora sua mãe. Elisa fora sua genitora em encarnação anterior.

- Sim, sou eu, sua mãe Gertrudes - disse Elisa (nome que sua mãe adotara no plano espiritual).

Walter, cansado pelas emoções, adormeceu nos braços de Elisa que se pôs a chorar baixinho, com emoção e gratidão. Finalmente a mãe recuperara seu ente querido.

O processo utilizado tem êxito, em recuperação de desencarnados viciados, pois tomando a

forma perispiritual de antes de se viciar, adquire-se mais força para dominar a situação. Alguns, nesses processos, não recordam o período de viciado, mas é bom que o façam para que saibam e entendam o tanto que sofreram. Todos os socorridos do Túnel Negro pediram ajuda e foram acolhidos, por isso o tratamento continuaria, sendo eles encaminhados a hospitais próprios, onde a ajuda psicológica seria a mais importante, juntamente com a Evangelização. Em algumas doutrinações, como a de Walter, pode acontecer de o socorrido ver tudo o que se passou com ele e não querer a ajuda oferecida, preferindo continuar no vício. A escolha é do socorrido, pois todos nós temos o livre-arbítrio a ser respeitado. Nesses casos, o doutrinador ainda deve argumentar tentando ajudar na recuperação. Se houver ainda recusa, deve-se deixar que se comporte como escolheu e ser retirado do local do Centro Espírita. Sem sustento de bons fluidos, é costume voltar logo ao estado deplorável de drogado. Será, entretanto, em outra ocasião, socorrido novamente e, quando estiver cansado das drogas, aceitará a ajuda.

Também o doutrinador deve ficar atento para não deixar o socorrido ter remorsos destrutivos, incentivando-o a ter esperanças de vida no futuro e reparar seus erros através do trabalho útil e no Bem.

Uma convidada, desencarnada, que assistia à reunião indagou a Maurício, que estava ao meu lado: - aurício o drogado é responsável por todos seus atos errados? Como, por exemplo, aquele rapaz que, ao discutir com sua mãe, a empurrou com força, levando-a a cair e bater com a cabeça e desencarnar. Agindo assim sob o efeito da droga, ele é culpado?

- A intenção, em um ato errado, é pior às vezes que o próprio ato - respondeu o interpelado. - Ele não teve a intenção, não queria a morte física da mãe, mas foi a causa da sua desencarnação, daí a sua culpa. É muito difícil um drogado não saber que age erradamente e que poderá provocar, por isso, acontecimentos trágicos em sua vida. Em todos nossos atos, o que importa é a intenção e, assim, notamos que aquele jovem tinha na mente este propósito, que lhe trazia muitos sofrimentos. Vimos também que a recuperação total dos viciados que não praticaram outras faltas, é mais fácil, o mesmo não acontecendo com alguns que, além do vício, cometem outros erros.

Deve o encarnado pensar bem nisso, antes de seguir o caminho das drogas. Nas conseqüências tristes que advirão, como aconteceu a este rapaz que, mesmo amando a mãe, foi a causa de sua desencarnação.

A reunião terminou após a oração, quando os orientadores espirituais energizaram beneficemente todo o ambiente e, também, as pessoas presentes.

Os encarnados conversavam trocando idéias, e os mentores espirituais estavam contentes com o êxito da experiência. Todos os socorridos do Túnel Negro passavam relativamente bem. Elisa levaria Walter para a Colônia Perseverança, onde trabalhava, pois, desde que soube ser ele viciado em tóxicos, pediu para trabalhar naquele setor do hospital, onde os internos se recuperavam das drogas. Agora iria também cuidar dele. Despediu-se de nós emocionada e chegando perto do meu pai, agradeceu; ele sentiu uma vibração diferente, carinhosa, que só os gratos conseguem emitir, e sorriu em resposta.

Dois trabalhadores desencarnados do Centro Espírita ajudaram Elisa a transportar Walter, ainda adormecido, para a Colônia. Terminados os trabalhos todos foram embora, e os espíritos socorridos conduzidos para novas acomodações. Após as despedidas, voltou a rotina no Centro Espírita, até a próxima reunião.

Também retornei à Colônia e aos meus afazeres. Porém surpreendi-me com as notícias. Natan já havia descoberto quem entrara nos seus domínios e, raivoso, queria acertar contas. Acompanhei os acontecimentos.

Natan

Sempre que possível, ia às reuniões no Centro Espírita, para me inteirar dos acontecimentos. Quando não podia, Artur, um dos orientadores do Centro, amigo de muitas encarnações de meu pai, me colocava a par da situação. No Umbral, os chefes sabem de tudo o que lá acontece, com relativa facilidade. Natan, ao voltar ao Túnel Negro naquela noite em que lá estivemos, cientificou-se de tudo. Disseram-lhe que vários espíritos, comandados por um ainda encarnado, entraram em sua fortaleza, levando com eles os que quiseram ir. Nada danificamos com nossa excursão ao Túnel Negro, só tiramos alguns sofredores de lá. Porém, como Elisa previu, Natan logo soube o nome do encarnado, onde ele morava, seus familiares e o Centro Espírita que freqüentava. Dois de seus servidores, espíritos ligados a ele no trabalho no Túnel, foram observar meu pai e o Centro Espírita. Na reunião seguinte, foram os dois servidores ao Centro Espírita levar um recado de Natan. Entraram como convidados, sem se despojarem de suas armas e aguardaram o início da reunião em silêncio. Um dos orientadores da casa lhes explicou como deveriam proceder. Como queriam falar pela incorporação, tiveram que aguardar na fila, e só seria permitida a comunicação deles no momento previsto. Um deles ao observar o ambiente, curioso, conteve-se para não chorar, ao ouvir a explicação do Evangelho e as orações e, quando foi chamado para se incorporar, pediu ao companheiro que o fizesse. O outro desde a entrada do Centro, estava quieto e o tempo todo de cabeça baixa, esforçando-se para demonstrar que era educado, seguindo as ordens recebidas de Natan. E, perto do médium, para a incorporação, respondeu ao cumprimento de boa-noite, quando lhe foi dirigida a palavra. Depois, assistido e influenciado pela mente de Natan, falou para o que veio, como se fosse o próprio, como se o chefe do Túnel Negro estivesse ali.

- Meu chefe Natan não gostou da invasão que fizeram nos seus domínios. Sofremos violação e exigimos reparação. Sabemos também que essa invasão foi para atender um pedido de sua filha desencarnada, e que ela estava junto. Não sei por que se interessam por imprestáveis, já que foram lá só para resgatá-los.

- Por que chama os toxicômanos de imprestáveis? – meu pai indagou.

- São outra coisa? – respondeu ele rindo – Nem raciocinam mais! Só servem para experiências. Drogados são fracos e inúteis. Não é à toa que, quando se quer vingar de algum encarnado, incentiva-se-o ao vício e, se ele tiver tendência, perde-se nos tóxicos, tornando-se completamente escravo da droga e presa fácil de seus vingadores. Viciados são fantoches, farrapos humanos. Natan não achou ruim terem levado de lá os imprestáveis.

Irritou-se por terem entrado lá sem permissão.

- Se eu tivesse pedido permissão, ele consentiria? – indagou meu pai.

- Entrar lá não! Mas lhe daria os imprestáveis – respondeu ele, rindo cinicamente.

- Daria mesmo? - indagou meu pai, que conversava com ele como orientador encarnado da casa.

- Ora - respondeu ele -, não todos ou nem tantos, talvez lhe libertasse alguns. É nosso costume atormentar mais ainda os que são do interesse dos bons.

Fez uma pausa.

O que o desencarnado falou, infelizmente, é o que costuma acontecer, porém, não é regra geral. Sendo assim, ao notar que alguém preso em seus domínios é do interesse dos socorristas, querem saber o porquê e o torturam. Às vezes, fazem isso presumindo que, desse modo vingam-se dos interessados. Por isso, sempre se faz com cautela a demonstração desse interesse. Logo após a pausa, em que ele observou bem o local, continuou a falar calmamente.

- Deixemos de conversas! Natan exige a devolução de todos e desculpas com pompas. Quer a reparação! Você com seus comparsas devem ir ao Umbral em horário marcado e, na frente dos convidados dele, se desculparem.

- Volte e diga a Natan que não quisemos afrontá-lo. Mas, por circunstâncias articulares e justas, tivemos que ir lá. Não lhe devolveremos nenhum dos que nos pediram abrigo e infelizmente não faremos o que ele quer.

Todos nós presentes, tanto os encarnados quanto os desencarnados, sabíamos que Natan através de uma ligação com o seu enviado, estava vendo e ouvindo o que ocorria na reunião. Mas, como ele mandou recado recebeu resposta para que o portador a levasse até ele. O desencarnado irritou-se com o que ouviu, porém controlou-se e respondeu:

- Quero deixar claro que ninguém estava lá obrigado. Se existiam alguns presos foi por não cumprirem obrigações. Vocês estão arrumando confusão. Vou embora e darei o recado.

Afastou-se da médium. O desencarnado falava a verdade, pois nos domínios do Túnel Negro ninguém permanecia obrigado. Os viciados iam lá à procura da droga e submetiam-se aos piores vexames e situações humilhantes para conseguir o sustento para seus vícios.

O outro que viera junto e que observava tudo, chegou perto de um dos trabalhadores do Centro e pediu:

- Será que vocês não me abrigariam? Gostei daqui, quero ficar.

- Certamente que sim.

Ao se afastar da médium, o enviado de Natan procurou pelo amigo e o viu na fila dos que iam para a Colônia, como socorridos. Saiu do Centro Espírita e foi cumprir a tarefa que lhe impusera o chefe.

Como previsto, Natan não gostou da resposta e, no dia seguinte, preparou bem seus servidores, armou-os e ordenou que fossem ao Centro Espírita e o invadissem. Deu instrução para expulsarem todos que lá se encontrassem e quebrarem tudo, mas não foi junto, ficou no Túnel Negro.

Artur, prevendo o ataque, organizou a defesa do Posto e do Centro Espírita, para que todos os aguardassem tranquilos. Tentaram realmente invadir, mas, quando se encontravam perto, Artur e os companheiros foram ao encontro deles, dominando-os pela força mental, imobilizando-os. Levaram-nos, em seguida, para o pátio, já desarmados, e depois os encaminharam para o Posto, acomodando-os numa sala própria. Tudo normalizado, Artur conversou com eles, durante horas. Perguntavam sobre tudo e Artur os esclarecia. Viram a Colônia, pela tela, e lhes foi oferecido socorro médico e abrigo. Após, Artur abriu a porta da sala e disse:

- Podem sair os que quiserem, só que irão sem as armas. Os que desejam ficar conosco serão bem-vindos.

Muitos se mostravam indecisos. Se voltassem, seria como fracassados, não tendo cumprido a tarefa que lhes fora confiada. Temiam o chefe, mas gostavam da vida que levavam, e não

queriam mudar. Foram poucos os que gostaram do que lhes foi oferecido por Artur, em nome de todos os trabalhadores do Centro. Muitos dos desencarnados que vagam pelo Umbral, não têm idéia de outra forma de vida na espiritualidade e, ao conhecer, geralmente aceitam, querem a mudança. Outros, indiferentes, preferem mesmo é continuar como estão. Do grupo de Natan, alguns ficaram na sala, mas a maioria saiu. Muitos se dirigiram para o Umbral, onde iriam vagar sem rumo, pois não tinham disposição de voltar ao Túnel Negro, de vez que temiam Natan. Outros, mais corajosos, voltaram, e ficamos sabendo depois que não foram castigados. Os que permaneceram e aceitaram socorro, foram encaminhados para a Colônia, para a Escola de Regeneração. As armas deles, feitas do mesmo material que constitui nosso perispírito, foram destruídas.

Natan mandou dois de seus servidores, os de sua confiança para ficarem perto de meu pai e eles trouxeram outros dois que foram induzidos a pensar que desencarnados, viciados, que foram induzidos a pensar que meu pai ia lhes dar drogas. Desencarnados nesse estado têm fluidos pesados e angustiantes. Por isso, Artur levou os dois viciados para o Posto do Centro, onde receberam os primeiros socorros, sendo depois orientados em reunião, da mesma forma que Walter, e obtiveram o mesmo êxito. Artur fez um esquema especial de proteção aos médiuns e frequentadores do Centro, para que não fossem atingidos pelas vibrações dos seguidores de Natan, como também para as pessoas que sempre estão com meu pai, inclusive os familiares. Os outros dois, os servidores de Natan, meu genitor convidou-os para ficarem com ele. Seguiram-no de perto, por dias.

Natan, vendo seus dois melhores auxiliares em perigo, chamou-os de volta. O perigo, para ele, era o de se converterem. Meu pai ora, medita, lê e faz com que os desencarnados que estão junto dele, escutem. Trata-os com bondade, porém com firmeza e não aceita suas interferências. Apesar de cansá-lo muito essa conduta, ele sabe que tem de estar vigilante vinte e quatro horas por dia. E esse tipo de pressão o tem feito crescer, porque o "orar e vigiar" o coloca constantemente em vibração maior, que atinge os desencarnados de forma diferente, levando-os a refletirem e a pensarem em Deus.

Natan veio encontrar-se com meu pai. Esperou-o à noite, perto do Centro Espírita, e disse a um dos guardas que queria falar-lhe. Meu pai foi ao seu encontro.

- Você é um feiticeiro terrível! - disse Natan. - Não quero que nenhum dos meus companheiros sofra sua influência. Exijo uma reparação sua e tudo ficará por isto mesmo, mas que vá ao Túnel Negro e me peça desculpas. Abro mão do resto.

A palavra "feiticeiro" foi empregada por ele, para definir aquele que tem força mental e que a usa tanto para o bem como para o mal. E o tom de desprezo seria para ofender. Desencarnados que, temporariamente estão seguindo o mal, gostam de chamar meu pai assim, como também de indiano, porque ele, em muitas encarnações, teve a Índia como berço.

- Você tem me observado - respondeu meu pai -, deve saber que sempre que erro, peço perdão de coração. Nunca peço por orgulho, pois levo muito a sério o ato de me desculpar.

Quando o faço, é porque entendi que errei e procuro não mais incidir nessa falta, para não ter que me desculpar pela segunda vez pelo mesmo ato. Isto porque, reconhecendo meu erro, me esforço para melhorar. Não me arrependi por ter ido ao Túnel Negro e libertado não só o desencarnado, que foi o motivo de socorro, mas todos os que quiseram nosso auxílio. Faria de novo, por isso, em respeito a você, não posso me desculpar.

(15) - Anteriormente, o Sr. José Carlos havia convidado dois espíritos para ficarem ao seu lado e agora convidou Natan. Para fazer isto, é necessário ter muitos conhecimentos e moral elevada. Alerto os encarnados, para não agirem assim, sem o preparo devido. (N.A.E.)

Para nos reconciliarmos com alguém, mesmo não sendo culpado, não nos custa pedir desculpas. Meu pai com sua atitude estava querendo ajudar Natan. Tentava fazer que esse espírito se voltasse para Deus.

- Atormentarei você! - exclamou ele.

- É um direito seu - respondeu meu pai. - Convido-o a ficar comigo.(15) Só que eu também tenho direitos. Você tentará me atormentar, atingir-me, eu me esforçarei para não receber sua influência negativa, como também tentarei transmitir-lhe as minhas sugestões. Terá que me escutar! Será só entre nós dois. O mais forte irá influenciar o outro. E o mais forte será aquele que tiver a vida, os pensamentos e as atitudes baseados na verdade. E a verdade nunca será produto de nosso desejo, esperança ou ambição, mas, sim, sempre a mesma, infinitamente, no tempo e no espaço.

- Não sou de fugir de desafio. Vou agora ao Túnel Negro tomar algumas providências e voltarei. Aguarde-me!

- Não o estou desafiando. Será um prazer conviver com você! Vamos aprender muito um com o outro.

Natan afastou-se, já havia perdido muitos dos seus seguidores e achou que só ele estaria apto a dar uma lição merecida naquele que, em sua opinião, o desafiara. Estava com raiva de todos do grupo, e com os desencarnados, sabia por antecipação que não podia com eles. Com meu pai era, porém, diferente, ele estava na carne, sujeito a muitos condicionamentos e me linders devido às necessidades e funções do corpo, sendo assim mais fácil de atingir e prejudicar. Entendia que, atingindo um encarnado, atingiria todo o grupo. Organizou, então, o Túnel Negro para que continuasse a funcionar sem ele e, assim, no outro dia, foi ao encontro de meu pai e começou a acompanhá-lo de perto. Meu genitor continuou com sua vida normal, de trabalhador no plano físico e espiritual. Natan não ficou, de imediato, como obsessivo de meu pai, mas sim curioso, e com raiva daquele momento, quis conhecer como era o dia-a-dia de uma pessoa tão diferente das com que convivera.

Natan pressionava meu pai. Forçava-o a pensar em coisas mundanas, para que baixasse a vibração. Meu pai, por outro lado, meditava em coisas superiores e Natan era forçado naturalmente a sentir as mesmas coisas. Percebia as sugestões e desejos terrenos. Porém, mostrava mentalmente a Natan a estupidez e a mediocridade daqueles que usam as necessidades e funções do mundo físico, como propósito de vida. À noite, meu pai desligado do corpo físico se dirigia para o trabalho espiritual e Natan ia junto. Encaminhava-se ao Posto do Centro para cuidar dos doentes, conversava com os socorridos, e ele ao seu lado. E foi assim, por muito tempo, até que Natan começou

a se interessar pelo trabalho realizado no Posto, e começou a falar de si, e meu pai atenciosamente o escutou.

Natan foi médico, quando encarnado. Ambicionando enriquecer, usou a medicina somente como profissão para ganhar dinheiro. É preciso lembrar que o trabalhador faz jus ao seu salário, mas nenhum profissional deve só visar o lucro, mas sim fazer também, através de seu trabalho, todo o bem possível. Médicos lidam com dores e por isso devem, também, ser

humanitários. Trabalhem pelo sustento material, sim, mas sem se esquecerem de fazer aos outros o que queiram que lhes façam. Natan fez muitos abortos e recebeu remédios proibidos, desde que lhe pagassem. Mas a desencarnação chegou e se viu diante de muitos inimigos que queriam vingança. A situação o apavorou demais, primeiro porque era ateu, segundo, porque aquele bando o atormentava sem poder destruí-lo. Vingavam-se por tê-lo impedido de reencarnar, ou por não terem sido atendidos, porque não podiam remunerá-lo. Estava irado quando o tiraram de seus perseguidores. Eram espíritos, moradores de uma cidade umbralina, que vieram e o levaram. O chefe dessa cidade sabia quem ele era, mas deixou que sofresse por uns tempos, para que ficasse lhe devendo obrigação. Natan não é o nome verdadeiro dele, tendo escolhido esse cognome tempos depois, talvez para impor mais respeito a seus inferiores. Levado à cidade umbralina, o chefe conversou com ele e lhe ofereceu abrigo em troca de seu trabalho como médico. Natan não era ocioso, sempre foi trabalhador, por isso aceitou e se aliviou por ficar livre do bando que o perseguia, mas com o qual aprendera tantas maldades. O chefe daquele local, no intuito de organizar um lugar especializado em tóxicos, fundou o Túnel Negro e o colocou para administrá-lo. Com o passar dos anos, o chefe se desinteressou pelo lugar e Natan ficou sendo o senhor absoluto. O Túnel Negro não forçava ninguém a ficar lá e nem seus moradores saíam à procura de desencarnados para irem lá. Os viciados desencarnados é que o procuravam, em busca das drogas. Só que, depois de serem abrigados, tinham que seguir as normas da casa e trabalhar para eles. Existem muitos lugares, abrigos, cidades no Umbral, para onde os desencarnados viciados são levados como prisioneiros. Como também há outros lugares, como o Túnel Negro, onde os desencarnados não são obrigados a ir e nem a permanecer. É lugar de livre acesso. Mas Natan era insatisfeito e isso lhe doía e o atormentava.

Instalou-se, então, a troca de fluidos entre eles. Meu pai começou a sofrer os de Natan, sentindo doer-lhe por dentro, como um vazio profundo. Certo dia, meu pai estava meditando e Natan perto dele, quando meu genitor lhe disse:

"Natan, é falta de Deus! É a ausência do Pai em você que lhe dói tanto. Você era ateu, mas não pode dizer agora que ainda o é. Por que, então, não se aproxima do Pai?"

Natan não respondeu e se afastou. Depois de meses, era a primeira vez que se afastava.

Recolheu-se num canto no Umbral e pôs-se a pensar. No dia da reunião, quase no horário de começar, ele entrou no Centro, pediu licença e se colocou na fila dos que iam receber orientação, pela incorporação. Estava diferente, sem seus colares e suas armas.

Na sua vez de se comunicar, aproximou-se educadamente de uma médium, cumprimentou meu pai e disse:

- Você me venceu!

- Não! Natan, você não lutou comigo. Mas lutou consigo mesmo. Era a ausência de Deus que o atormentava. Você é infeliz e apenas o convidamos a aprender a ser feliz. Fico contente por você querer mudar. Gosto de você! Venha viver uma vida digna de um espírito.

- Quero ser seu amigo! - exclamou Natan emocionado.

- Sejamos então amigos! Preciso muito de amigos.

Natan foi levado para a Escola de Regeneração. Após ter feito o curso, foi trabalhar num Posto de Socorro do Umbral onde exerce seus conhecimentos de Medicina, em socorro aos necessitados. Sempre que pode vai visitar meu pai e assistir às reuniões do Centro. Trabalha muito. Artur, sempre que o vê, costuma dizer de forma carinhosa:

"Ama muito, porque foi muito perdoado!

Artur falou, modificando o texto do Evangelho de Lucas VII:47. "São lhe perdoados muitos pecados, porque muito amou."

O Médico Nazista

Quando fomos assistir à recuperação de Walter, na reunião do Centro Espírita, defrontamos com um caso muito interessante que me chamou atenção e, por isso, acompanhei o desenrolar do drama.

Estávamos aguardando o início, quando chegaram três pessoas: um casal com a filha adotiva. O casal, principalmente a senhora, queixou-se que a mocinha, a filha, continuava tendo suas crises. Artur me explicou que Joana, assim se chamava a jovem, era médium e estava sendo obsediada por alguns espíritos, suas vítimas no passado. Tinha crises, em qualquer hora e lugar, e procurava meu pai, em horários inoportunos, para lhe dar passes, porque só assim se acalmava.

Minha mãe foi sentar-se ao lado dela, porque, conforme me explicaram, logo que entrava no Centro, começavam suas crises, e era necessário alguém perto que a controlasse. Seus obsessores possuíam sobre ela o domínio psíquico, mesmo à distância. Queriam que sofresse, pois ela os havia prejudicado.

Gosto muito de ver minha mãe, pois amamo-nos muito. É a pessoa de quem mais gosto, e sempre que me é possível vou visitá-la, ficar ao seu lado, porque me é prazeroso.

Joana é uma mulata forte, de olhar malicioso, demonstrando não estar a fim nem de orar, nem de melhorar. Ali está por imposição dos pais e para ficar livre de suas crises, que considera ridículas e que lhe fazem passar vergonha. O seu obsessor chefe era inteligente e sutil e, como ela tinha má índole, passou a incentivá-la a fazer uso da maldade, chegando a ponto de incorporar, utilizando-a como médium, e tentar matar a mãe e o pai. Fazia com que descuidasse completamente da disciplina pessoal e dos compromissos próprios de sua idade, para envolvê-la no seu artil. O desencarnado transmitia-lhe acontecimentos do passado das pessoas para que, assim, dominasse as mais fracas que a cercavam. Quando foi levada até a casa de meu pai, o obsessor aceitou, porque confiava que iria dominar qualquer encarnado com que defrontasse, sentindo-se assim forte no seu orgulho e pretensão. Vencidos os primeiros embates, o obsessor sentiu-se admirado pela força que desconhecia e quis, então, aprender com eles, com o grupo do Centro, não para melhorar, mas para ficar mais poderoso. " Artur me pôs a par dos acontecimentos. Joana, em sua encarnação anterior, fora um médico nazista e praticara muitas maldades e experiências com os judeus. Reencarnou longe da Alemanha, num corpo feminino e mulato, mas mesmo assim foi encontrada pelos que não a perdoaram. Sabiam que ela comparecia ao Centro para se livrar deles, os obsessores. Sorrindo e com seu modo agradável, Artur comentou:

- Patrícia, seu pai, por ajudar a jovem, está sofrendo com o rancor desses obsessores. Mesmo assim, está ajudando-a, embora sabendo que ela não gosta daqui nem dele e que, assim que se sentir livre dos desafetos, não voltará mais. Socorremos para mostrar aos encarnados a força espiritual de que dispõe um Centro Espírita, desde que se trabalhe em prol do bem comum, e também dos que vêm pedir ajuda. Prestamos atenção na orientação que meu pai deu aos três encarnados: pai, mãe e filha.

- Só ficamos livres do nosso passado trabalhando no bem, no presente. Para nos livrarmos de obsessores, devemos pedir perdão, perdoar e nos harmonizar com as Leis Divinas. Precisamos

entender que os espíritos têm seus motivos para perseguir as pessoas, por isso devemos entendê-los e tentar amá-los, porque eles também necessitam de ajuda. Para não sermos atingidos pelos obsessores, devemos mudar nossa vibração, sair da faixa mental deles, isto é, pensar em coisas boas e superiores e agir de modo digno, trabalhar no Bem e amar muito. Vocês aqui estão em busca de auxílio, porém devem ajudar a si mesmos. Certamente, quando você se sentir bem, Joana, não voltará mais aqui. Porém, quero lhe dizer uma coisa, você é médium e necessita aprender a lidar com sua faculdade e trabalhar muito no bem, para viver tranqüila e sem essas crises. Mas, se você se afastar do Centro Espírita e não se modificar, a situação que vive agora voltará sempre. Os Centros Espíritas estão melhor preparados para ajudar nos casos de obsessão, ensinando a lidar com a mediunidade para o bem, e em suas reuniões ouvirá ensinamentos que ajudarão a sua renovação interior.

Joana não gostou muito do que ouviu, mas ficou quieta.

Quando começou o trabalho de desobsessão, três dos que a estavam importunando, se comunicaram. Os três, dois homens e uma mulher, foram judeus, ou ainda eram, pois o fator raça se mostrava ainda forte neles. O primeiro estava sem um braço e sem o olho esquerdo.

Cumprimentou mal-humorado, não queria conversar com ninguém, foi perto do médium contra sua vontade e falou com raiva:

- Por que interferem no que é justo? Embora tenham outra religião, vocês amam a Deus. Nunca ouvi falar de religião deste jeito. Oram, dizem fazer o bem, conversam com os mortos, mas ajudam os criminosos. Isto não está certo. Por que o ajudam, esse monstro sanguinário?

O desencarnado desconhecia o Espiritismo, estranhando o intercâmbio mediúnico e o ensinamento de que todos somos filhos de Deus e, por isso, irmãos uns dos outros.

- Se eu lhe disser que queremos é ajudar você... – começou a dizer meu pai, porém foi interrompido por ele.

- Ah, mas por que não nos avisaram logo que querem se unir a nós. Quanto mais, melhor!

- Você não entendeu, queremos ajudá-lo a se recuperar, a tomar-se sadio, a viver de modo digno, num lugar propício.

- Quem lhe falou que quero ser sadio? - indagou nervoso.

- Já me propuseram isto uma vez e não aceitei. Quero ficar como ele me deixou, para ter sempre motivo para odiá-lo.

- Você sofre e faz sofrer - disse meu pai.

- Nem começamos. É melhor dizer: sofre e faremos sofrer cada vez mais - respondeu ele.

- Não vale a pena! Você já pesquisou por que sofreu assim? Se sabe que continuamos a viver após a morte do corpo, que reencarnamos e, por isso, é que você o está perseguindo reencarnado em outro corpo? Então sabe que viveu encarnado outras vezes. Vamos, irmão, recordar seu passado? A equipe desencarnada, já pronta, colocou à sua frente a "tela", que é como na espiritualidade chamam este aparelho. Ele é denominado de muitas maneiras, havendo alguma diferença de um local para outro, mas é sempre o mesmo e muito útil. O espírito que se comunicava fora, na encarnação anterior também judeu e, numa guerra, havia trucidado muitas pessoas, entre elas jovens e crianças. Ao recordar, deu gritos lancinantes, mas o médium, treinado, só alterou um pouco a voz isso porque não é necessário gritar. Acalmaram o desencarnado que, com dificuldade, voltou a falar.

- Olho por olho...

- Não, meu amigo - disse meu pai. - É a lei do retorno: você plantou, você colhe. Não precisaria sofrer assim, se tivesse entendido a lei do Amor e feito o bem.
- Ela também pagará pelo que fez? Pelo que entendi, se ela não Fizer o bem, sofrerá o que me fez sofrer. Você não irá conseguir fazer dela uma pessoa boa. Que será dela?
- Deixe-a, irmão, deixe-a! Cuide de você. Vamos ajudá-lo, pense em Deus. O Pai é bondoso e nos ama. A equipe médica entrou em ação e com os fluidos doados pelos encarnados e também pela vontade do espírito que, agora, queria tornar-se sadio. O braço se curou e ficou perfeito, como também o olho.
- Perdoe, irmão, para ser perdoado!
- Como não perdoar, se devo tanto? Perdô e peço perdão a Deus. Queria ir para junto dos meus, lá na minha terra.
- Atenderemos seu pedido.

Ele saiu de perto do médium e passou para outra fila, a dos que iam para a Colônia. Após a reunião, seria levado à Colônia São Sebastião por uns dias e, depois, seria transferido para onde quisesse. Uma equipe o levaria.

Normalmente reencarnamos em diferentes raças, para aprender amar a todas. Mas, sem ser regra geral, alguns judeus mais radicais ainda têm preferido vir sempre como judeus, a esperar o Messias, pois se julgam os filhos escolhidos, o povo de Deus, mas são, realmente, como todos nós, porque não somos privilegiados pela raça. Aqueles desencarnados, totalizando onze, estavam há algum tempo, nas regiões espirituais do Brasil, à procura, para vingar, deste espírito, que fora um médico nazista. Já começavam a dominar o idioma português, pois o médium que o auxiliou, sempre consciente, não precisou se expressar com sotaque. Devemos esclarecer que o médium transmite o pensamento do espírito e, nestes casos, sentem mais do que propriamente repetem o que escutam. A mediunidade, quando educada, é maravilhosa, e assim possibilitou que, ele, judeu, transmitisse pensamentos que o médium traduziu por palavras.

O outro judeu se incorporou em outro médium e foi doutrinado por uma integrante encarnada, do grupo. Lídia conversou com ele e o fez entender a necessidade de perdoar e seguir seu caminho. Ele, porém, quis ficar em nossa Colônia e, quando fosse reencarnar, preferia que fosse aqui. Não gostaria mais de ser judeu, porque, segundo comentou, os judeus sofriam muito com a segregação. Normalmente esses pedidos são atendidos, porém o departamento próprio da Colônia é que estuda cada caso.

A mulher também incorporou. Parecia fria, porém ao sentir o afeto dos trabalhadores da casa, encarnados e desencarnados, conteve-se para não chorar, e disse com voz comovida:

- Não sou má, ele, sim, é maldoso. - referindo-se à jovem Joana. - Esconde-se em outro corpo, mas é ele. Pensa você que ele é bom? Não! Nos enfrenta e, se pudesse, nos faria sofrer tudo novamente. Você acha que é por persegui-lo que somos maus? Somos vítimas!

Vou falar o que ele fez comigo e, então me dará razão.

Fez uma pausa e como se criasse coragem para recordar e começou:

- Estava casada e feliz, tínhamos uma pequena fortuna e dois filhos lindos. Quando a Segunda Guerra Mundial começou, nos apavoramos, porque sabíamos muito bem que os nazistas perseguiriam os judeus. Meu esposo alistou-se no exército, na tentativa de impedir que eles nos oprimissem, no país em que vivíamos e, por isso, morreu lutando. Quando houve a invasão de

nossa cidade, fomos presos e nossos bens confiscados. Da prisão partimos para o Campo de Concentração, onde sofremos muito: frio, fome e humilhações. Naquele Campo havia um laboratório onde este médico medonho e outros faziam experiências com os presos, ou simplesmente os torturavam pelo prazer de vê-los sofrer.

Ao ver meus filhos chorarem de fome e frio, e com muito desconforto, resolvi pedir clemência. Solicitei para falar com o comandante e, para minha surpresa, ele me atendeu e me levou à sua sala. Quem me atendeu foi esse aí, o médico nazista, que me olhou de cima a baixo e me indagou: "Então, judia, que reivindica?"

Pensando que ele ia me ajudar, falei rápido para não perder a coragem:

"Por favor, senhor, aqui estou com meus dois filhos pequenos, passamos fome e frio."

"Se você se entregar a mim, intercederei por vocês" – disse rindo.

Sempre fui muito direita, fiel ao meu esposo, porém, pelos meus filhos, aceitei a proposta indecente. Depois, ele mandou que um soldado fosse buscar meus filhos. Achei que, pela felicidade dos meus, teria valido o sacrifício. E, esperançosa, quando pensei que fosse me dar ajuda, meus dois filhos chegaram assustados e correram ao meu encontro. O mais velho estava com quase sete anos e o outro, com quatro. Gelei quando ouvi a ordem.

"Leve-os ao laboratório!"

Era no mesmo prédio, na sala ao lado. E cada soldado pegou um de nós e para lá fomos arrastados. Amarraram-me fortemente numa cadeira e ele, cínico, me olhou sorrindo:

"Idiota! Judia imbecil! Pensou que eu ia me encantar por você? Verá para que serviu sua astúcia em me pedir auxílio."

Pedi a ele por piedade, pelo amor de Deus, para fazer o que quisesse comigo, sem maltratar meus filhos, porém ele ria. O que me fez ver foi horrível. Torturou meus filhos, cortou-os em pedaços até que morressem. Eles gritavam apavorados, olhando para mim e eu gritava também. Quando os dois não tinham mais vida, veio me torturar. Começou, extraindo minhas unhas. Fiquei alucinada e, aí, perdi o controle, pois a dor era demais. Mas ele não me torturou muito, desencarnei, pois meu coração não agüentou. Fui socorrida e fiquei muito tempo como louca e, quando voltei ao normal, alguns espíritos me disseram da possibilidade de vingança. Aceitei e agi, com todas as minhas forças, para me desferrar.

Faço uma pausa nesta narrativa, para algumas explicações. Nos Campos de Concentração, como em qualquer lugar de aniquilamento humano, há muitos socorristas, como também há muitos desencarnados que agravam os acontecimentos. Do mesmo modo, costumam ficar outras vítimas a socorrerem suas companheiras de sofrimento. Esta senhora foi socorrida por outros judeus, que ali haviam desencarnado. Não foi, assim, socorrida por espíritos bons, porque ela estava com muito ódio. As crianças e aqueles que perdoavam, eram levados às Colônias ou a outros lugares de socorro. Os que eram vítimas, tanto quanto ela, a socorreram, levando-a para um pequeno abrigo no Campo de Concentração, no Plano

Espiritual e, quando ela aparentemente estava melhor, foi convidada a se vingar. A guerra é por demais triste, pelas atrocidades que se cometem. Esforcemo-nos, pois, para que haja Paz, começando com a tolerância e a concórdia com os que nos cercam. A Paz começará em pequeno círculo, mas se a cultivarmos irá se ampliando e atingirá muitos outros e, dessa forma, um dia teremos a Paz por toda a Terra. E fatos como esses, tão tristes, ficarão apenas na história e não mais se repetirão: A senhora emocionada, continuou a falar.

- Ficávamos perto dele sem, contudo, conseguir nossos propósitos e ele ficava mais nervoso e revidava nos prisioneiros. Mas a desencarnação chegou para ele, quando foi atingido por uma granada. Sofreu bastante. Aí, sim, começamos nossa vingança. Nós o perseguíamos por onde ia, e ele vagava urrando pelo Umbral, até que se pôs a gritar por socorro e sumiu da nossa frente. Vim a saber que espíritos bons o tinham levado para ajudá-lo. Nós não fomos socorridos, não queríamos, porque nosso objetivo era fazê-lo sofrer. Durante esse tempo, muitos desencarnados bons conversaram conosco, aconselhando-nos a desistir, mas escutávamos somente nossos companheiros. Entretanto, vários do grupo desistiram e os acompanharam. Por outro lado, ninguém se esconde de seus erros e nem dos que não o perdoaram. E assim, enquanto procurávamos o perverso, aprendemos como nos vingar. Anos se passaram, mas conseguimos descobri-lo. Agora querem que eu desista. Por acaso aqui há mães e pais? Será que podem imaginar o que é ver o que eu vi? Sofrer o que sofri? Dá para imaginar ver seus filhos amarrados, gritando de dores e desespero? Odeio-o! Odeio-o! Fez-se um silêncio total. Todos os desencarnados prestaram atenção, muitos, ao ouvi-la, conseguiram ver suas lembranças. Alguns choraram. Os encarnados também se comoveram. Ela sentiu os fluidos de amor e compaixão de todos. E, em dado momento, uma das trabalhadoras da casa, em espírito, aproximou-se dela, abraçou-a e falou emocionada:

- Minha filha, pare de sofrer! Por favor, recomece sua vida. Também sou mãe e entendo seu sofrimento. Compreendo seu desejo de vingança, porém, digo-lhe que dessa forma você vai perpetuar seu sofrimento. Venha para junto de seus amados e não sofra mais! Chega! Perdoe e venha conosco. Amarei você como uma filha! Venha!

- Minha irmã! - falou meu pai. - Ele reencarnou, e você parou no tempo só para se vingar! Por que não recomeça e tenta ser feliz? Devemos esquecer os momentos que nos foram cruéis e só lembrá-los para tirarmos alguma lição. É bem melhor pensar somente nos bons momentos. Você é infeliz! E recordando sempre esses fatos, prolonga mais seu sofrimento. Você acredita em Deus, e se Ele nos perdoa por que não perdoa, nosso próximo? Sabe que nada que acontece fica escondido ou impune. Deixe seu algoz, agora Joana, em seu novo corpo, e cuide de você. Perdoe para ser perdoada!

- Quero esquecer! Esquecer!..

Aninhou-se nos braços da trabalhadora da casa que a abraçou e, após, foi levada adormecida para a Colônia. A reunião terminou com todos comovidos pelo sofrimento daquela senhora, e eram muitas as orações em seu favor. Emocionei-me, também, ao acompanhar suas lembranças, realmente duras cenas de horror.

Talvez possam vocês pensar que retrato muitas tristezas neste livro. É que as tristezas e as alegrias existem e devemos ser realistas, tirando de fatos tristes lições preciosas que nos impulsionarão com otimismo para o caminho do Bem e para a felicidade. Ao tomar conhecimento de fatos assim, conseguimos entender ambas as partes, e ajudar sem condenar. Por isso como sou alegre, passo minha alegria aos que me rodeiam. A

alegria nos fortalece, nos anima e nos dá compreensão da dor do próximo.

Aquela senhora foi internada num hospital da Colônia onde recebeu, por tempos, tratamento, carinho e ensinamentos. A equipe da Colônia encontrou seus dois filhos e esposo, encarnados na Europa, e a levou para vê-los. Estavam os três bem. Depois de algum tempo, ela

pediu para ser transferida para a Colônia, na espiritualidade, onde estavam seus entes queridos. Estando bem melhor e com planos para reencarnar, porque só assim esqueceria tanto sofrimento, foi transferida. Despedi-me dela desejando-lhe boa sorte. Mas ainda faltavam oito obsessores. Sete receberam orientação e ajuda, nas reuniões seguintes. Com cada um deles, uma história triste. Desses onze que obsediavam Joana, com desejo de vingança, dez foram socorridos e só um pediu para trabalhar no Plano Espiritual. Os demais pediram para reencarnar, pois queriam a misericórdia do esquecimento. E todos foram atendidos.

Contudo o chefe dos dez obsessores, de nome Josef, era um judeu rude que, ao ver os três primeiros se afastarem, voltou-se furioso contra meu pai, que, como sempre acontece, sentiu-lhe a vibração e tentou, também, orientá-lo.

Artur soube que o grupo tinha seu núcleo na Europa e foi lá, para conversar com eles. Eram vingadores dos criminosos de guerra, que se intitulavam: "Os Ofendidos da Guerra".

Constituíam-se em vários grupos, todos unidos entre si. Artur pediu uma audiência com o chefe, um judeu de muitos conhecimentos.

Após cumprimentos, Artur começou o diálogo. E nos contou, depois, que o chefe tinha total conhecimento do que acontecia com seus subordinados, junto a Joana, e não deixou que ele, Artur, falasse muito. Citava com exatidão pedaços do Antigo Testamento. Sabia a Bíblia quase que de cor Falava de muitas passagens para justificar a vingança.

"É olho por olho, dente por dente!" - falou demonstrando calma.

Artur replicou com os ensinamentos de Jesus. Ele disse não acreditar num profeta que se deixou matar. Mas, após alguns minutos de conversa, confessou que reconhecia a força e a presteza dos trabalhadores de Jesus. Artur lhe pediu, então, que parasse com as vinganças; ele riu, se aquietou por momentos, e falou decidido:

"Não é nosso interesse o confronto com ninguém. Temos tempo. Vou suspender a vingança dele por enquanto. Chamarei Josef, o único que ficou, e que é o mais decidido em seus objetivos. Só faço um aviso: teremos outra oportunidade. O mais difícil já conseguimos, pois sabemos onde ele está, que se esconde num corpo de mulher quase negra. É castigo para ele, orgulhoso de sua raça, ter sido loiro e rico, agora quase pobre, mulher, mulata e filha adotiva. Acharemos outros que o odeiam. Ele certamente não ficará para sempre na guarda de vocês, porque não mudou sua conduta."

De fato, Josef foi embora e Joana ficou livre dos seus obsessores, não porém de seus erros.

Meu pai chamou-a e a seus pais também, para uma conversa.

- Vocês vieram à procura de ajuda espiritual e a receberam.

Analisem o ocorrido e tirem boas lições de tudo o que lhes aconteceu. Esses fatos são, em parte, consequência do passado e o resultado da maneira de viver sem esforço para a melhoria íntima.

Você, Joana, está com sua sensibilidade completamente a florada, isto quer dizer que você tem a porta aberta para receber influência do mundo astral, sem, entretanto, agora, poder discipliná-la. Só terá influência e sintonia com espíritos bons, por meio de boas atitudes e de bons propósitos.

E ficará ligada aos maus, se descuidar do seu

aprimoramento espiritual. Se você se afastar do Bem, da oração sincera, e não se esforçar para mudar para melhor, não nos responsabilizaremos pelos acontecimentos futuros.

Afastando-se também da ajuda, tudo que passou mais facilmente se repetirá.

Joana não estava preocupada com o aprimoramento espiritual. Queria era força e poder. Dominar. Mas indagou a meu pai.

- Sr. José Carlos, posso aprender com o senhor.

- Claro que pode. Deve!

- Vou ter essa força que o senhor tem?

- Poderá ter esta e muito mais. Mas, para isso, deve primeiramente educar-se na boa conduta e fazer por merecer a companhia dos trabalhadores desencarnados que convivem conosco. Mude para melhor e queira com vontade fazer o Bem, porque agindo assim aprenderá e muito.

Joana não respondeu. Sentindo-se melhor, afastou-se do Centro. Sua mãe ainda voltou outras vezes, mas também fez o mesmo. Artur me disse:

- Patrícia, nesse socorro, ajudamos mais os desencarnados que essa jovem. Ela, agora, não quer mais saber de seu pai e, quando o vê de longe, se afasta para nem cumprimentá-lo. A figura dele a faz recordar os ensinamentos que escutou, e que ela quer esquecer.

- Como ficará ela? - indaguei.

- Vamos aguardar. Os erros, Patrícia, não conseguimos jogá-los fora, porque nos pertencem, e um dia a reação virá. Quando o grupo de vingadores perceber que ela não está mais sob a proteção dos bons, voltará, talvez, como tenho visto em casos assim, com mais sutileza e cautela. Ela, não vindo aqui e nem recebendo outro auxílio, não estará vinculada a uma proteção e, como não faz por merecer nenhuma ajuda, será fácil eles voltarem e se vingarem. Ele, ao desencarnar como médico nazista, foi socorrido, no Umbral, livrando-se daqueles que queriam dele se vingar, sendo levado na ocasião para um Posto de Socorro e logo em seguida reencarnou. Socorro não quer dizer que o indivíduo tenha mudado, porque, mesmo que receba orientação, para mudar será necessária uma transformação interior muito grande.

Fiquei a pensar como a crueldade faz mal ao que a pratica. Quanta imprudência em cometer erros. E a reação desses atos pedirá reajuste no caminho, mas como Deus é misericordioso sempre dá novas oportunidades.

Ao findar esta narrativa, posso concluir que todos nós, encarnados e desencarnados, tivemos um grande ensinamento com os fatos ocorridos. Que todos nós temos que aprender a amar, a ser úteis para termos Paz e sermos felizes. E que a alegria interna virá quando superarmos nossos traumas íntimos e ajudarmos outros a fazê-lo. Alegria!

A História de Elisa

Numa das minhas folgas, fui visitar Elisa. Queria rever minha amiga e tinha muito interesse em acompanhar a recuperação de Walter. O desequilíbrio psíquico causado pelo uso das drogas traumatiza de forma profunda o perispírito do usuário. Atualmente, esse vício atinge boa parte dos nossos jovens encarnados, trazendo-lhes morte corporal e levando a voltar à espiritualidade com muitas mazelas. O caso de Walter era de meu interesse, pelo socorro de que participei e pelo muito que aprendi. Marquei encontro em meu horário livre, de lazer, coincidindo com o dela, para podermos conversar calmamente, trocando ideias, pois gosto muito de diálogos edificantes. Elisa esperava-me na portaria do hospital em que, no momento, trabalhava e onde Walter estava internado. Alegramo-nos quando nos vimos. ois

- Patrícia - exclamou Elisa feliz -, programava ir vê-la. Que bom tê-la conosco! Quero agradecer-lhe. Foi muito atenciosa conosco.

Sorri em resposta e minha amiga, como boa cicerone, acompanhou-me para conhecer o hospital. Quase todas as Colônias têm um hospital próprio para viciados em álcool, tabagismo e tóxico. Em algumas outras colônias, esses doentes ficam em alas separadas, em hospitais tradicionais. Na Colônia Perseverança, o hospital é separado, grande e com muitos trabalhadores dedicados que ajudam na recuperação de desencarnados viciados.(16) Lugar calmo, com muitos jardins, salões para palestras e encontros; suas principais terapias são o trabalho, a música e o teatro. Suas enfermarias são separadas por alas masculinas e femininas e pelo tipo de vício que o enfermo possui.

Primeiramente, vimos a parte central onde se situam as salas de orientações, os alojamentos de seus trabalhadores, a biblioteca e os salões. Após, Elisa me levou para conhecer o atendimento aos desencarnados que, no corpo físico, foram fumantes. Estes, se tinham só esse vício, não ficam internados, só vêm ao hospital para serem ajudados a se libertar da vontade de fumar. Só em casos raros é que um ex-fumante se interna, e isso se pedir, mas, mesmo assim, sempre por pouco tempo. O tabagismo intoxica bastante o perispírito e, nessa parte, fazem tratamento para que o assistido se liberte da dependência, sendo assim, ele recebe conhecimentos sobre o assunto, orientação e apoio que o ajudarão a resolver o problema. Mas só o conseguirão se, novamente reencarnados e tendo oportunidade, não fumarem. Ressalvo o termo oportunidade, porque, se estiver encarnado e, por algum motivo, não puder fumar, não quer dizer que tenha solucionado a questão. Isso acontece com todos os vícios, e só podemos dizer que os vencemos, quando temos oportunidade de voltar a eles e os ignoramos.

A ala dos alcoólatras é grande. O álcool danifica o cérebro, e o aparelho digestivo, sendo muitos os doentes a se recuperar em vários estágios nessa parte do hospital. Os enfermos, quando melhoram, assistem a muitas aulas, fazem terapia de grupo e avaliam todos os acontecimentos passados por eles, decorrentes do vício, e apreciam as oportunidades de melhora oferecidas. A parte que nos interessava, era a que Elisa se dedicava com todo carinho, a ala dos toxicômanos. Infelizmente esse local do hospital e os de todas as Colônias têm sido ultimamente ampliadas. São muitos os imprudentes que desencarnam vítimas, direta ou indiretamente, das drogas.

Os que estão ali socorridos, têm aspecto bem melhor dos que os que vagam ou os que estão no Umbral. Nas Colônias, são separados pelo grau de perturbação em que se encontram e o tratamento normalmente é longo, requerendo esforço do internado, e muita dedicação e amor dos trabalhadores.

Não pensem os leitores que nesses hospitais só se vêem tristezas. Nada disso. Tristeza é sentimento negativo. Não ajuda e para nada serve, pois só construímos e progredimos com

(16) - Muitos desencarnados estão tão agarrados à matéria, que se sentem por muito tempo como encarnados, daí a minha referência a "desencarnados viciados". (N.A.E.)

o trabalho alegre. Os trabalhadores dali tinham sempre no rosto o sorriso bondoso e agradável, a palavra amiga e o amor que irradiava e contaminava os internos e, assim, os temporariamente abrigados se sentiam seguros, incentivados, amados, e com disposição para se recuperarem. O hospital da Colônia Perseverança é muito bonito e acolhedor. Elisa me levou à ala onde Walter estava abrigado, e ele nos esperava no jardim interno que circunda a parte de sua

morada provisória. Recebeu-nos sorrindo e estava com aparência sadia, com normal equilíbrio.

- Patrícia - disse sorrindo -, queria tanto conhecê-la e agradecer. Obrigado!

- De nada - respondi. - Como tem passado?

- Melhor, graças a Deus e ao pessoal do hospital. Vou ficar bom logo.

Walter estava com a aparência de adolescente, como aparentava naquela reunião do Centro

Espírita. E continuaria assim porque queria essa aparência, a que tinha antes de se drogar.

Isso lhe dava mais confiança. Outros, após o tratamento no hospital, podem retomar, se

quiserem, a aparência de quando desencarnaram, só que com aspecto sadio.

Sentamos os três num banco e fizemos alguns comentários. Elisa falou alegremente:

- Estou gostando muito de trabalhar neste hospital. Aqui vim por Walter, mas agora não penso em deixá-lo. Quando Walter tiver alta, ficarei, de vez que já decidi e obtive autorização.

Estudarei, para aprender e melhor servir neste campo de ajuda. E você, Patrícia, quais são seus planos para o futuro?

- Como você sabe, gosto muito de ensinar. Logo, Marcela, a quem substituo, retomará a seus afazeres. Devo, então, voltar à Colônia Casa do Saber, continuar os estudos e trabalhar transmitindo meus conhecimentos a outros desencarnados. □"□

Admirei o banco em que nos sentávamos, muito bonito e de contornos diferentes. Notando, Walter explicou:

- Esses bancos são feitos por internos em nossas oficinas.

- O trabalho é de grande ajuda e uma das melhores terapias para nossos abrigados - disse Elisa, olhando carinhosamente para Walter. - Mas não só para eles e, sim, para todos nós, encarnados e desencarnados. O trabalho é bênção. Corpos e mentes ociosos estão com as portas abertas aos vícios, enquanto que o trabalho nos mantém ocupados e nos abre outras portas opostas a eles. Aqui em nossas oficinas se faz muita coisa. No Plano Espiritual, tudo pode ou poderia ser plasmado. Mas os que sabem dar formas às coisas são poucos, pois necessita-se de tempo e de muito aprendizado para a tarefa. O trabalho é uma bênção que ajuda intensamente a todos nós e, na espiritualidade, representa importante benefício, existindo trabalho, do mais simples ao mais difícil, para todos os que quiserem. Inúmeros desencarnados ainda estão muito apegados ao modo de vida na Terra e, assim, quando trabalham, lhes é dado o bônus-hora. Os que já superaram esse apego, entendem o porquê do trabalho e não mais necessitam esse tipo de remuneração. Pessoas que já trabalham sem esse apego, quando chegam ao Plano Espiritual, participam da vida aqui, exercendo suas tarefas pelo Amor ao trabalho, não exigindo nada em troca. No hospital, os internos que ali auxiliam, recebem os bônus-hora, mas são poucos os trabalhadores que servem no hospital e que os recebem. Há muito tempo que não os necessito, mas lembro-me de minha alegria, quando obtive meu primeiro bônus-hora. Foi uma euforia trabalhar e ter uma compensação. Agora, minha alegria é somente ser útil. Não almejo recompensas.

Quietamo-nos por alguns segundos. Meus pensamentos vagaram pela trajetória vivida por pessoas como Walter. Suas existências, até serem socorridos, são uma verdadeira tragédia.

Elisa quebrou o silêncio.

- Patrícia, você não pode imaginar o tanto que sonhei, por todos estes anos de desencarnada, com este momento. Estar assim com meu Walter, em plena recuperação. Sou muito grata a Deus por esta oportunidade.

Fechou os olhos por momentos e depois começou a falar com sua voz suave.

- Tudo começou em nossas encarnações anteriores, em que fomos unidos pelo afeto maternal. Fui mãe dele, meu nome era Gertrudes. Nasci e cresci num bordel de uma cidade pequena, onde me tornei prostituta logo mocinha. Aos vinte anos, tive um filho, José, que é o Walter de agora. Até os seis anos, minha avó, que morava perto, cuidou dele. Quando ela desencarnou, ele veio morar comigo. Mimei-o demais, dando-lhe tudo o que queria e, muitas vezes, eu justificava minhas atitudes, falando que isso era bom para ele. Menino ainda, começou a tomar bebidas alcoólicas, e achei linda sua atitude.

O tempo passou rápido e ele tornou-se moço, foi então que percebi que ele andava se embriagando demais e tentei fazê-lo parar, só que não consegui. Quando chamava sua atenção, me respondia grosseiramente:

"Bebo por você ser o que é. Gostaria de ter uma mãe trabalhadeira e honesta!"

Isto me feria muito. E ele se embriagava cada vez mais, até que passou a ficar quase que somente bêbado. Desencarnamos quase que na mesma época. Fiquei doente e desencarnei após muito sofrimento. Ele ficou pelo bordel, onde todos o conheciam e lhe davam de comer, além de bebidas. Desencarnou ao cair de uma ponte alta e bater a cabeça nas pedras. Sofremos, vagando juntos, pelo Umbral. Ele, sempre me culpando, dizia:

"Se tivesse me batido na primeira vez que bebi e não achado graça, eu não teria me tornado um bêbado."

Depois de muitos sofrimentos, fomos auxiliados e levados para um Posto de Socorro, onde ficamos por um período. Aconselhados a reencarnar, pedimos para renascer em famílias de costumes rigorosos que nos ajudassem a superar nossos vícios.

Atenderam-nos e reencarnamos, e viemos somente como conhecidos, nem amizade tivemos. A família que me abrigou, educou-me com costumes rígidos, o que achava certo, pois me sentia segura. Queria acertar, queria vencer o vício e consegui. Fui uma moça honesta e trabalhadeira e, por ser bonita, fui assediada por muitos rapazes, mas não dei importância a nenhum. Não desejava namorar, pois sentia que ia desencarnar logo e não queria deixar ninguém mais a sofrer por minha causa. E, realmente, tive câncer e desencarnei. Meus pais e meus irmãos sentiram bastante minha falta, mas não me atrapalharam e muito me ajudaram com suas preces. O resto você já sabe.

Walter prestou muita atenção no que ouvia e, após uma pausa, disse:

(17) - A Colônia Casa do Saber, que descrevi no terceiro livro, A Casa do Escritor, é onde moro atualmente, ao escrever este livro. E tenho planos de ficar aqui por muito tempo, sendo que virei raramente à Terra, para o contato com os encarnados. Foi uma opção que fiz, atendendo convite de superiores. É tarefa que faço com muita alegria, porque somos sempre os beneficiados pelas responsabilidades que nos oferecem. Devemos, pois, participar de todas elas com muito regozijo e amor, e dessa forma tudo o que realizarmos ficará bem feito. (N.A.E.)

- Ao ouvir Elisa falar, as cenas vieram-me à memória. Recordo... Era pequeno e já gostava de bebidas alcoólicas, e como minha mãe não proibia, passei a tomar muito, prejudicando-me. Gostava do bordel, porque ali todos me tratavam bem. Depois me tornei tão dependente do álcool, que só ficava embriagado e, assim, quando desencarnei, sofri muito. Reencarnado, nesta última vez, como Walter, tive outra oportunidade, mas logo o gosto pela bebida aflorou forte em

mim. Bebia escondido, porque meus pais me proibiam e, como a bebida deixava cheiro, dificultava-me dissimular. Eles me vigiavam, regulavam meus horários e, percebendo minha tendência para a bebida, cheiravam minha boca sempre que voltava para casa. Então, enturmei-me com colegas na escola e experimentei a maconha e, depois de algum tempo, a cocaína. Comecei a tirar notas baixas, sendo ainda aprovado naquele ano, mas no ano seguinte, em que já me viciara pesado, as notas pioraram e meu comportamento estava péssimo. Meus pais foram chamados pela diretora e souberam de tudo. Levei uma surra, tiraram-me da escola e passaram a me vigiar mais ainda. Desesperado com a falta da droga, fugi de casa e fui morar com viciados e traficantes num barraco. Meus familiares sofreram muito e meu pai, que era o mais rígido, mandou me dizer que ele ainda me aceitava em casa, se largasse o tóxico. Se quisesse ficar entre os criminosos, que os esquecesse, porque eu estava morto para eles. Como queria a droga, fiquei naquela vida. Minha mãe vinha me visitar, às escondidas, e trazia roupas, alimentos e dinheiro, mas chorava sempre quando me via. Continuei me drogando cada vez mais...

Ao recordar esses momentos dolorosos, Walter começou a gaguejar, falando com dificuldade as últimas frases. Começou a ter uma crise. Elisa e eu lhe demos um passe, que o acalmou, provocando-lhe sono e nós o levamos para o leito na enfermaria. Elisa, então, terminou a narração do que aconteceu com Walter.

- Ele contraiu dívidas por causa das drogas e, como não conseguiu pagá-las, foi assassinado. Desencarnou e continuou desesperado, alucinado pelas drogas, quando procurou o Túnel Negro. Naquele local eles ensinavam os desencarnados viciados a vampirizar encarnados para satisfazerem o vício e, também, o hipnotismo de Natan os fazia sentir como se tivessem usando drogas.

Nós ajeitamos Walter no leito e ele, sonolento, virou-se para mim e disse:

- Elisa não é culpada! Ninguém é responsável pelos nossos erros a não ser nós mesmos. Se antes eu a acusava, foi na tentativa de culpar alguém, de colocar em outros a responsabilidade que era só minha. Nesta última encarnação tive pais que se importaram comigo, honestos, exemplificaram o Bem e não tive a quem culpar a não ser a sorte, sendo que nossa sorte nos mesmos é que a fazemos. Não venci meu vício!

- Mas vencerá! - exclamei.

Walter dormiu.

- Como o tóxico prejudica a tantos imprudentes – disse Elisa. - Walter fará o tratamento muito tempo ainda, e só estará bem quando lembrar-se de tudo o que lhe aconteceu e não sentir nada. Ele tem aula de Evangelização, faz orações, tem terapia e acompanhamento psicológico. E também, Patrícia, como foi boa a regressão para Walter, a doutrinação que ele recebeu, na reunião Espírita.

Elisa ajeitou o lençol do leito dele com carinho de mãe e, em seguida, saímos silenciosas do quarto.

O Vôo da Gaivota

Elisa me acompanhou até outro jardim, que fica na frente do hospital. É um recanto mais bonito, cheio de flores coloridas e palmeiras frondosas. Ali muitos internos passeiam em horário de lazer, por ser um lugar agradável. Minha amiga convidou-me para sentar e falou:

- Patrícia, tenho, na espiritualidade, trabalhado em muitos lugares, entrando em contato com muitos trabalhadores e socorridos. Aprendi que aquele que ajuda, trabalha, está se exercitando no bem para que, pelo hábito, possa ter melhor disposição na conquista de sua evolução.

No meu convívio com você e com os integrantes do Centro Espírita, percebi que pode haver diferença. Quando Walter e eu estávamos sendo amparados, em nenhum momento me senti necessitada, como aquela que estava sendo ajudada. Pelo contrário, todos da equipe realizaram o socorro como se estivessem fazendo algo para eles mesmos, com naturalidade e atitudes rotineiras. E eles não estavam lidando com desencarnados perturbados comuns, mas sim com espíritos trevosos e um mago maléfico ou um satanás, se assim podem-se designar Natan e sua equipe. Você pode me explicar o estado espiritual daqueles trabalhadores?

- Elisa, quase todos aqueles espíritos atingiram o chamado autoconhecimento e, aqueles que não o atingiram, estão se esforçando para tal. Não necessitam de estímulos externos, para fazerem o que fazem, nem pagamento ou recompensas de qualquer espécie. Sabem que são pequenos, espiritualmente, conhecem todos os meandros da personalidade, com todas suas misérias, conflitos, condicionamentos, ilusões, e a nossa peculiar ignorância quanto à verdade daquilo que realmente somos. Não estão estacionados, vivem plenamente a onipresença Divina, e se sentem unos com ela, porque vivem como parte integrante do Universo. E, assim, trabalham, responsabilizando-se com tudo, como se a casa fosse deles. Tudo o que fazem é por amor à vida, que está presente tanto neles como em qualquer manifestação Divina, daí a naturalidade e desprendimento que você sentiu em seu convívio.

- Patrícia, posso chamá-la de Gaivota?

Com meu consentimento, Elisa continuou:

- Então, Gaivota, como me explica o socorro prestado a mim. Ajuda? Trabalho? Bem realizado?

- Por que me chama de Gaivota? - perguntei.

- Gaivota é um pássaro muito bonito - respondeu ela -, quase todo clarinho, elegante e de voar preciso. Depois sempre deixa sinal de seus pezinhos na areia, mostrando que passou por ali. Deixa marcas. E você deixou marcas em nossas vidas, na minha e na de Walter. Agradei, sorrindo e, após pensar uns momentos, respondi que sabemos porque escutamos, repetidamente, o que deveríamos colocar em prática em nosso dia-a-dia.

- Ajudar é favorecer, facilitar, fazer alguma coisa a alguém, prestar auxílio. É necessário esquecermos de nós mesmos quando ajudamos a alguém. E quando ajudamos alguém a melhorar, melhoramos o mundo em que vivemos. Temos o dever de auxiliar, do melhor modo possível, aqueles que surgem no nosso caminho.

Trabalho é aplicação na atividade, por isso devemos trabalhar por amor ao trabalho, não para cobrar pelos seus resultados. Com nosso exemplo nas tarefas úteis, podemos fazer outros nos seguirem, embora cada um deva fazer o que lhe compete, sem medo, tentando aprender cada vez mais. O amor precisa estar presente em tudo o que fazemos, porque nos torna mais eficientes. E assim trabalharemos com alegria e gratidão, realizando bem as pequenas tarefas, quando demonstraremos ser dignos das randes. Ao ajudar o próximo descobriremos o caminho da fraternidade e do amor. O que fazemos no presente, nos mostrará o que realizaremos no futuro. Sobre esse assunto, é muito interessante ler O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, Parte Terceira, capítulo III, "Da Lei do Trabalho".

O Bem é praticado com Amor, pois ao fazê-lo nos tornamos melhores e estamos colaborando para melhorar a humanidade. É preciso fazer o Bem, expandindo os ensinamentos de Jesus, lembrando a todos sua doutrina de Amor. Mas sem confundir sentimentalismo com Amor, que deve ser benéfico e nos impulsionar na evolução. O Amor nos ajuda a vencer os obstáculos do caminho, e é o único capaz de nos redimir e nos

levar ao progresso. Os resultados do Bem praticado só a Deus pertencem. Esqueçamos de créditos, nas tarefas da bondade, de vez que somos os primeiros beneficiados. O Bem nos alimenta? Sim, alimenta a todos nós e nos fortalece, levando-nos ao aprendizado do Amor. Fiz uma pausa, o assunto é fascinante, embora tenha muito para colocá-lo plenamente para aprender ainda sobre esse tema, para colocá-lo plenamente em prática. Pensei por momentos e minha amiga aguardou ansiosa que eu retornasse às elucidações.

- Elisa vamos mudar o enfoque de sua pergunta. Por que motivo alguém faz alguma coisa a outra pessoa? Mesmo sendo crente, de alguma seita ou religião, ou mesmo descrente? Qual o motivo que leva um ato a ter resultado bom ou mau? Será sempre necessário existir algum motivo para se praticar alguma ação? Observemos as diferentes motivações que envolvem as ações da maioria dos seres humanos. Que motivo leva o avaro a trabalhar tanto e a explorar, quase sempre, seus semelhantes? O egoísmo, certamente. Que motivo leva o ladrão a agredir e roubar suas vítimas? O egoísmo. Que motivo leva a maioria dos seguidores de determinadas religiões, para deixar de fazer o que gosta e somente obedecer os outros? Não será pelo anseio de ter posse de uma situação sem problemas, mesmo que seja no Além? Isso também não será egoísmo? Se, ao fazermos algo esperando recompensas, seja dos homens, seja de Deus, estaremos agindo com egoísmo, embora dessa forma ajudemos muito outras pessoas e a nós mesmos, porque quem faz o bem trilha o caminho para se libertar desse sentimento, que é o egoísmo. O Bem sempre beneficia, enquanto a maldade prejudica. O dia em que não mais agirmos negativamente,

estejamos encarnados ou desencarnados, haverá Paz e Harmonia na Terra, pois todos iremos fazer o que deve ser feito.

Não haverá mais explorações nem comparações, pois isso é a causa de muitos conflitos, dores, sofrimentos e angústias na convivência dos seres humanos. Cada um de nós estará feliz com a vida que tem e fará todo esforço para melhorar seu trabalho físico e seu aprimoramento espiritual. O desejo de posse, seja qual for, desaparecerá e teremos equilíbrio e Paz.

Você, Elisa, me perguntou o que concluo da experiência que tivemos juntas. Prefiro dizer que foi um período agradável em que aprendi muito e que poderei passar a outros a experiência.

Fazer o Bem estando desencarnado é muito mais fácil, pois podemos trabalhar horas seguidas em determinada tarefa, seja no Plano Espiritual, até mesmo no Umbral, ou entre os encarnados, e, ao terminá-la, ou vencendo nosso horário de trabalho, temos o equilíbrio das Casas de Socorro, do nosso cantinho nas Colônias ou dos nossos Abrigos. Nós nos recompomos rápido. E os encarnados? Eles têm seus afazeres físicos, têm a preocupação com a sua manutenção e de sua família. Têm o corpo para cuidar, higienizar, conservar

sadio e, quando não, tentar sanar suas deficiências físicas. São muitos, Elisa, os encarnados que fazem o Bem apesar de todas essas dificuldades e, embora alguns ainda o façam por recompensa, um dia se libertarão dessa conduta. Outros, e são inúmeros, fazem-no por Amor, tendo como recompensa o prazer de servir. Como admiro os que fazem o Bem! E esse fazer deve ser no presente, agora, no momento. Não deixe, você, agora encarnado,

Para fazê-lo depois. No Plano Espiritual certamente terá oportunidade, mas é aí no corpo físico que se tem o grande aprendizado do bem. E ele deve ser feito sem se cultuarem nomes famosos de desencarnados. Há muita sabedoria em praticar o bem com Amor e simplicidade.

Terminei minha explanação, trocamos ainda alguns comentários sobre o hospital. Elisa tinha que voltar ao trabalho, e nos despedimos com um abraço fraterno.

- Patrícia, tudo o que aconteceu ficará gravado na minha memória - disse ela com simplicidade.

Deixei o hospital, a Colônia Perseverança. Ainda estava no meu horário livre, a aula que eu daria só começaria mais tarde e, então, fui ver meus pais, que passavam uns dias no litoral, para descansar.

Não estava totalmente satisfeita com a resposta que dera a Elisa. Meditei sobre o assunto.

Veio-me à mente a questão 642 de O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, capítulo I, cuja resposta é: "É preciso fazer o Bem no limite de suas forças, porque cada um responderá por todo mal que tiver ocorrido, por causa do Bem que deixou de fazer." □'s□ Aí está a grande responsabilidade de não se aproveitar o momento.

Menina e adolescente, estudei num colégio católico e gostava muito de uma frase escrita no altar da capela: "liolontá di Dio - Paradiso mio." □'9□ Compreendi-a assim: "Fazer a vontade de Deus é minha alegria." Qual é a vontade de Deus em relação a nós? Penso que é que cresçamos rumo ao progresso, que sejamos bons, que compreendamos, amemos uns aos outros, e que façamos todo o bem possível ao próximo e a nós mesmos pelo trabalho e Amor. Quanta fé possuía quem pronunciou essa frase e que exemplo nos deixou de resignação, ânimo e coragem.

Também sobre o assunto, lembrei-me de um ensinamento de Jesus, contido no Evangelho de Lucas, XVII:7-10, quando o Mestre Nazareno nos ensina que o senhor não fica devendo obrigações ao servo, que fez o que ele mandou, e conclui dizendo:

"Somos servos inúteis; fizemos o que deveríamos fazer". Que temos que fazer? Seguir os mandamentos? Viver com dignidade e honradez? Não fazer o mal? Acredito que sim. E se não fizermos? Não seremos considerados nem servos. E para sermos servos úteis? Além de fazer o que nos compete, não praticar o mal, seguir os mandamentos, fazendo mais, muito mais.

Trabalhar com Amor ultrapassando nossas obrigações, para o nosso bem, para o bem do próximo e, mais ainda, nada esperar em troca.

Encontrei meus pais caminhando na praia. A tarde quente de verão estava maravilhosa. É sempre encantador ver o mar com seu verde-azulado e com suas ondas a se desfazerem na areia. Caminhavam eles tranquilos desfrutando a calma do local. Aproximei-me. Amo-os tanto!

Querendo obter mais informações sobre este assunto interessante, perguntei a meu pai, porque sua opinião foi, é e será sempre muito importante para mim.

"Como é, papai" - disse-lhe de mente para mente -, "o que me diz sobre um trabalho realizado, o fazer o Bem, o porquê de o fazermos..."

Papai pensou e acompanhei seus pensamentos.

"Jesus em certa ocasião disse: O Pai age até hoje, eu também ajo. A vida é ação. Na natureza física tudo o que entra no estado de letargia apodrece e se desintegra. Semelhante é a nossa mente, que, se não for usada, petrifica e embrutece. Se canalizada para o mal, embora não regrida, produz dores e dívidas para si mesmo, pois quem prejudica se imanta ao prejudicado.

E aí viverá, no ambiente que construiu agredindo a tudo e a todos. O homem sábio, conhecendo as implicações da ação, caminha em sintonia com a natureza que, de momento

em momento, aperfeiçoa sua manifestação. Faz das suas ações a razão de sua vida e, ao agir beneficentemente, sente participar com Deus do seu perpétuo agir.

Não há vida sem relacionamento, e é no aprimoramento das relações que construímos, que está um novo céu e uma nova Terra.

Portanto, uma tarefa realizada que resulta no bem de alguém não deve ser olhada como uma ajuda, tampouco como trabalho, muito menos para aquisição de crédito junto do beneficiado ou de Deus, mas sim como o próprio exercício de viver.

Pois, se Deus age, eu também preciso agir.

Jesus disse muitas vezes: Eu e o Pai somos um, só que Ele é maior que eu.

Quando chegarmos a compreender que o universo é nossa família, tudo o que venhamos a fazer, é para nós que estaremos fazendo ois tanto a casa como a família é nossa. Cuidemos de nossa casa e de nossa família, quando encarnados, sem esperar que alguém nos elogie por algo que é nossa obrigação. Fazer dessa forma é como compreendo e como procuro fazer.”

"Papai! Mas muitos encarnados não zelam bem por suas casas e nem cuidam bem de seus filhos".

"Fazer só a obrigação não dá merecimento, nem crédito, e nem deve ser alvo de elogios. Mas, se não cumprimos as obrigações, somos devedores, pois não realizamos o que era de nós a responsabilidade. Quando ultrapassarmos o tempo e o espaço, não mais existindo em nós créditos e débitos, iremos fazer todo o Bem pelo simples prazer de comungar com a vida pelo profundo Amor a todas as manifestações Divinas.

Viver a certeza da onipresença de Deus é diferente do chamado crer, ou de ter fé. Aqui residem dois opostos; o crer é volutivo, incerto, mutável de acordo com a emoção do momento e o viver na onipresença é sólido. Vamos exemplificar em nossa família consanguínea: Pai e filha é parentesco, não é crença, é um fato de que não há dúvida. Vivemos plenamente o fato do vínculo que nos une aos parentes mais próximos. Da mesma forma, como viver na onipresença de Deus não é um ato de momento, ou atitude de crença, é a visão plena e total que estou em Deus e Ele está plenamente em mim. Portanto, o que é Dele é meu e o que é meu é sempre foi Dele. Mas, apesar de não existir separação entre mim e Ele, eu precariamente existo, só Deus é plenitude total.”

O horário me chamava ao regresso. Beije-os. Volitei a alguns metros do solo e olhei-os. À sua frente estava uma gaivota que, ao sentir a proximidade deles, voou tranqüila, ganhando com seu vôo, espetacular altura, deixando desenhados na areia seus pezinhos...

Meus pais se afastaram e suas pegadas ficaram...

Há pessoas que passam pela vida e deixam marcas...

(18) - Citação tirada da tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa-IDE.

(N.A.E.)

(19) - Copiamos na íntegra esta frase, é assim que está grafada em uma das paredes de sua pitoresca Capela. [N.A.E.)